NOÇÕES

DE

HISTORIA DO BRASIL

Obra officialmente adoptada nas escolas primarias do Districto Federal.

POR

Osorio Duque-Estrada

(da Academia Brasileira)

Professor da Escola Normal; inspector federal do Lyceu de Humanidades de Campos; membro honorario da Sociedade Academica de Historia Internacional, de Paris; socio correspondente do Instituto Historico e Geographico de Pernambuco; do Instituto Historico do Ceará, etc

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro

S. Paulo
49-A, Rua Libero Badaró

Bello Horizonte
Rua da Bahia, 1052

NOÇÕES

DE

HISTORIA DO BRASIL

NOÇÕES

DE

HISTORIA DO BRASIL

Obra officialmente adoptada nas escolas primarias do Districto Federal.

POR

Osorio Duque-Estrada

(da Academia Brasileira)

Professor da Escola Normal; inspector federal do Lyceu de Humanidades de Campos; membro honorario da Sociedade Academica de Historia Internacional, de Paris; socio correspondente do Instituto Historico e Geographico de Pernambuco; do Instituto Historico do Ceará, etc

8.ª EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO
49-A, Rua Libero Badaró

BELLO HORIZONTE
Rua da Bahia, 1052

1933

3065

INTROITO

A intelligente e bem inspirada providencia da autoridade superior da nossa instrucção publica municipal (1), mandando incluir no programma das escolas primarias o estudo elementar dos principaes acontecimentos historicos e da marcha geral da civilisação humana, veio dar um verdadeiro tiro de morte no irracional, disparatado e anachronico processo, até agora seguido naquelles cursos, em tudo quanto se relaciona com o ensino da Historia do Brasil.

Esse acto de descortino tem como corollario logico e immediato a condemnação de todos os compendios, manuaes e catecismos de historia patria, com que, de longos annos a esta parte, está sendo impiedosamente flagellada a alma da nossa infancia, não só pelo avultado numero de erros crassos e de falsas noções que em todos elles enxameiam, como ainda pelo inepto e condemnavel artificio pedagogico que consiste em obter apenas da memoria, metamorphoseada em méro instrumento mecanico, a repetição inconsciente de factos e de successos que a intelligencia da creança não póde ainda comprehender e, muito menos, interpretar.

A simples noção de um facto historico e social, considerado isoladamente e sem o nexo logico que o deve relacionar aos antecedentes (como um dos élos da mesma cadeia que constitue a trama de toda a civilisação, representando a humanidade em marcha sempre constante e evolutiva) cousa é que não offerece a menor utilidade, porque não chega a ter a minima significação.

Começar, como fazem os autores de taes compendios, ensinando á creança que o continente americano foi descoberto por Colombo, e o Brasil por Cabral, sem nenhuma referencia aos descobrimentos maritimos e ás causas que

---

(1) Dr. Cicero Peregrino da Silva.

os determinaram, é semear palavras ao vento e sobrecarregar inutilmente a intelligencia dos alumnos, patenteando ao mesmo tempo a propria incapacidade para a explicação dos factos historicos.

Affirmar apenas, por outro lado, que a armada de Pedro Alvares se derrotou das proximidades da costa africana e veio ter ás da Bahia, é ministrar egualmente uma noção incompleta e sem interesse nem confirmação, desde que não seja a mesma explicada e comprovada á vista do mappa geographico.

A verdade é que o ensino elementar da Historia do Brasil só póde ser feito á luz do mesmo criterio adoptado no estudo superior dessa disciplina, isto é, attribuindo-lhe a feição e o caracter sociologico que elle deve ter. A questão é apenas de *dosagem*, bem como de methodo e de clareza, na interpretação dos factos e dos phenomenos, para tornal-a compativel com o gráo de desenvolvimento das intelligencias infantis.

De qualquer maneira, os acontecimentos que concorreram para a nossa evolução historica e social de 1500 a 1822 devem ser logicamente estudadas *como um capitulo particular da historia de Portugal*, do mesmo modo que o descobrimento da America e o do Brasil hão de ser explicados como consequencia do *Renascimento*, do estado social da Europa no seculo XV, e das condições especiaes que inilludivelmente teriam de fazer de Portugal e da Hespanha as duas grandes nações maritimas daquelle tempo.

Tudo isso é hoje possivel (e até mesmo necessario) ensinar, com a nova e excellente medida que mandou incluir no programma dos nossos cursos elementares as principaes noções da historia geral da civilisação.

E' obedecendo a tal criterio que apparece agora o presente livrinho, destinado ao ensino da historia patria nas escolas primarias do Districto Federal.

Em resumido appendice, que poderá ser egualmente compulsado por discipulos e professores, incluimos neste modesto trabalho algumas ligeiras considerações acerca das datas nacionaes, dando por essa forma ao ensino da Historia o caracter, que elle tambem deve ter, de um verdadeiro curso de educação moral e civica — principal escopo da grande *mestra da vida*, segundo o conceito de Cicero.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Methodologia e synthese da Historia do Brasil

(Ao Professor)

Definindo a orientação do novo programma de historia do Brasil adoptada no 6º anno das escolas primarias, como revisão e desenvolvimento das noções elementares e summarias ministradas anteriormente aos alumnos do 4º anno, dizem as respectivas instrucções que "*o professor terá o especial cuidado de mostrar como cada geração teve a sua vida preparada e facilitada pela solicitude das anteriores e trabalha sempre preoccupada com o futuro*"; accrescentando que "*sabendo escolher como typo os verdadeiros servidores de nossa patria, fará seus alumnos conhecerem melhor a immensa copia de sacrificios dos nossos antepassados*".

Esta maneira logica e racional de considerar a Historia como uma dependencia immediata da Sociologia foi já adoptada pelo autor deste livrinho no seu recente compendio de Historia do Brasil para uso das escolas normaes e lyceus, no qual reproduziu e desenvolveu a mesma idéa contida no aphorismo de Pascal: — "*Toda a successão dos homens atravez dos seculos deve ser considerada como um unico homem que subsiste sempre e que aprende continuamente*".

O principal espirito da sociologia consiste, com effeito, em suppôr a humanidade subordinada a uma lei de desenvolvimento continuo, sendo a evolução actual apenas uma continuação das transformações anteriores.

A providencia, que alterou a orientação do ensino da Historia nas escolas primarias do Districto Federal, torna duas vezes victoriosa a velha doutrina de Pascal e de Da Vinci, porque não só procura encadear os factos da

civilisação brasileira aos seus antecedentes remotos da civilisação greco-romana, modificada na peninsula hispanica e transplantada mais tarde para o continente americano (estudo preliminar da Historia Universal), como indica ainda o mesmo criterio de ligação e successão continua entre as diversas gerações brasileiras, que têm concorrido, e continuam a concorrer ininterruptamente, para o progresso actual e futuro da nossa patria.

O primeiro cuidado do professor da tal disciplina deve consistir, portanto, em fazer comprehender aos seus alumnos que todo e qualquer facto historico e social (como, por exemplo, a Revolução Franceza, ou a actual conflagração européa) não póde ser considerado isoladamente, mas sim relacionado com uma serie enorme de causas e de antecedentes; e que, do mesmo modo, qualquer conquista da civilisação (como o direito de voto, ou a liberdade religiosa) não foi obtida em um só momento e sem lucta, mas representa, pelo contrario, a victoria de esforços multiseculares, sendo o resultado de uma longa evolução só realisada a custa de innumeros sacrificios, que tornam aos nossos olhos benemeritas as gerações que nos precederam e que só em nosso proveito e beneficio souberam luctar e vencer. E' isso o que torna veneraveis os nossos antepassados, obrigando-nos a proceder do mesmo modo que elles, e como devem proceder os bons filhos com relação a uma herança transmittida pelos paes: conservando-a carinhosamente e augmentando-a, si possivel fôr, para transmittil-a ainda maior e mais enriquecida aos seus descendentes ou successores. Assim se guardam e se transmittem na França e em outros paizes, no dominio privado, as tradições avoengas e os haveres sempre augmentados de uma casa ou de uma familia mantida atravez de seculos pelo espirito de cooperação e de solidariedade dos seus membros.

Fazendo applicação de taes principios ao estudo da nossa historia, destacará o professor á visão intellectual dos discipulos as figuras benemeritas dos descobridores, que absorvidos abnegadamente na tarefa das grandes navegações e no empenho de proporcionar novo lustre e novas glorias ao seu rei e á sua patria, revelaram ao mundo este prodigioso e feracissimo trecho do continente americano.

Immediatamente ao descobrimento e ás informações de Caminha, que cantou o primeiro hymno á belleza e á

liberdade do nosso solo, é para destacar o serviço de Vespucio descortinando cerca de novecentas leguas da costa brasileira e corrigindo a primeira supposição do proprio D. Manoel de que "*um almirante do seu serviço havia descoberto uma ilha grande e boa para nella fazerem aguada e refrescarem as suas armadas da India*".

O periodo da colonisação porá tambem em relevo as figuras de alguns heroes: as dos infelizes donatarios, que se sacrificaram estoicamente no drama e na tragedia das capitanias; a de Thomé de Souza, fundador da primitiva capital do Brasil e organisador da sua primeira administração regular; as de Mem de Sá e de seus dous sobrinhos, cujos inolvidaveis serviços culminam com a expulsão do estrangeiro invasor e a fundação da futura metropole brasileira; as de Manoel da Nobrega, José de Anchieta e outros abnegados apostolos do Novo Mundo, que por nós viveram e soffreram, sendo os preceptores das primeiras gerações de mamelucos, e os primeiros factores da civilisação brasileira, cabendo ainda ao segundo a gloriosa aureola de verdadeiro fundador da nossa literatura.

A' que foi dirigida pelos Nobregas e Anchietas segue-se a geração heroica dos patriotas pernambucanos, em que avultam os typos representativos das tres raças empenhadas na defesa do solo natal, e symbolisados em André Vidal de Negreiros (elemento branco), Felippe Camarão (elemento indio) e Henrique Dias (elemento negro) associados ao elemento lusitano (João Fernandes Vieira e Francisco Barreto de Menezes) na mesma empresa gloriosa que teve os seus maiores trophéos nas duas memoraveis batalhas dos Guararapes.

Essa geração, em cuja alma despertaram já, pelo sacrificio e pela solidariedade, o sentimento e a consciencia de uma patria, é continuada pela dos que proseguem na conquista do territorio para alem da linha de demarcação (os Bandeirantes), triplicando de 2.700.000 para 8.300.000 kilometros quadrados a superficie total do Brasil, e iniciando a primeira lucta nativista dos *Emboabas*, a que se seguiu, pouco depois, a dos *Mascates* — precursoras ambas do movimento em pról da autonomia e da independencia, que se réga com o sangue generoso dos martyres, enfileirados numa longa e luminosa galeria de figuras maximas, que têm os nomes de Felippe dos Santos, Tiradentes, João Ribeiro, Domingos Martins, Miguelinho, Henrique Rabello, frei Caneca e padre Roma.

Essa geração de precursores facilita e prepara a missão dos fundadores da nossa nacionalidade, representada nos grandes typos de Gonçalves Ledo, José Bonifacio, Clemente Pereira, Januario Barbosa, Nobrega, frei Francisco de Sampaio, Azeredo Coutinho, Alves Branco, Hippolyto da Costa, José Joaquim da Rocha e varios outros.

Segue-se-lhe a dos defensores da ordem e do liberalismo constitucional em lucta contra o despotismo e a anarchia, avultando, entre outras, as personalidades gigantescas de Evaristo Ferreira da Veiga e Diogo Antonio Feijó.

A unidade do Imperio, consolidada pela pacificação das provincias e pela victoria das nossas armas no exterior, tem o seu grande heróe no duque de Caxias, typo austero e ao mesmo tempo cavalheiresco de patriota e de soldado, durante um longo periodo de mais de meio seculo de inolvidaveis serviços.

Em consequencia de todos esses esforços e sacrificios de meia duzia de gerações em marcha sempre ascendente e continua, coube-nos a ventura de receber o precioso legado de uma grande nacionalidade, una e indivizivel, com tradições gloriosas, pronunciado espirito de solidariedade, uma vontade unica no presente, e o accentuado desejo de realisar no futuro os mesmos ideaes e as mesmas aspirações, denunciando todos esses elementos a existencia de uma *patria*, segundo o conceito de Renan. (1)

A ultima geração, isto é, a actual, a dos individuos de cincoenta annos, em vesperas de confiar aos filhos a guarda e conservação da preciosa fortuna, já realisou tambem a sua obra de benemerencia e de patriotismo, accrescentando ainda o grande patrimonio moral, de que é actualmente depositario, com as tres bellas e preciosissimas conquistas da Abolição, da Republica e da dilatação das fronteiras, pela integração do territorio contestado do Acre, das Missões e do Amapá.

Taes conquistas incorporam ainda á galeria dos patriotas benemeritos os nomes egualmente gloriosos de Patrocinio, Nabuco, Ruy Barbosa, Luiz Gama, Ferreira de

(1) Não obstante todos os seus erros e prejuisos, não devem ser esquecidas as figuras dos principes D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II, aos quaes deve tambem o Brasil assignalados serviços.

Menezes, Dantas, José Bonifacio (o moço), Antonio Bento, Silva Jardim, Quintino Bocayuva, Lopes Trovão, Deodoro, Benjamin Constant, Prudente de Moraes e barão do Rio Branco.

E' toda essa immensa fortuna, adquirida e accrescentada de seculo a seculo pelos nossos antepassados e por nós mesmos, que vai em breve passar ás mãos dos nossos discipulos de hoje, mestres de amanhã, sendo necessario fazer-lhes sentir que uma responsabilidade tremenda lhes vai pesar sobre os hombros, e que, só inspirados pela fé e pelo fogo sagrado da abnegação, do sacrificio e do patriotismo, se tornarão elles, como nós e como os nossos maiores, dignos do applauso, da veneração e das bençãos da posteridade agradecida.

Ter-se-á transformado assim a Historia do Brasil num verdadeiro curso de educação moral e civica, de que tanto necessita a sociedade actual da nossa terra, momentaneamente afastada da collaboração que lhe deve ser exigida para a realisação dos nossos destinos, e sem a verdadeira comprehensão das grandes responsabilidades que lhe cabem na hora presente.

Tal a elevada e patriotica missão reservada neste momento ao criterio e á intelligencia do nosso professorado primario.

PRIMEIRA PARTE

(4° anno)

Programma:

Descobrimento e colonisação do Brasil; povos que o habitavam.

Tentativas de conquista e invasões do Brasil.

Inconfidencia mineira. Revolução pernambucana de 1817. Independencia.

Libertação dos escravos. Proclamação da Republica. Historia do Districto Federal.

LIÇÃO I

Descobrimento do Brasil

O descobrimento do Brasil, effectuado quasi ao mesmo tempo por Hespanhóes e Portuguezes, foi um méro episodio occorrido na epoca das grandes navegações e dos descobrimentos maritimos, realisados por aquelles dous povos (assumpto do ultimo ponto estudado no programma de Historia Geral do 4.º anno).

Naquella epoca (seculo XV) o mundo conhecido comprehendia apenas a Europa, a Asia e o norte da Africa banhado pelo Mediterraneo. (1) Da propria Asia só se tinha conhecimento muito superficial, e dava-se o nome vago de *Indias* a todas as regiões de onde vinham certos productos muito apreciados, como *sêdas, velludos, perolas, marfim, porcellanas, perfumes* e, sobretudo, as chamadas *especiarias* (cravo, canella, pimenta de cheiro, noz moscada, gengibre, etc.).

Taes productos vinham pelo interior da Asia, em grande parte por caminho terrestre (1), transportados em dorsos de camellos, e soffriam varias baldeações até chegarem á Europa, sendo, por isso, adquiridos por preços exorbitantes.

---

(1) Mostrar no globo.

A necessidade de chegar ás Indias por via do Oceano, para obter taes productos directamente e por preços reduzidos, levou os navegadores portuguezes e hespanhóes a se empenharem nas grandes empresas maritimas de que resultaram o descobrimento da America por Colombo, e o do caminho das Indias pelo sul da Africa, realisado por Vasco da Gama (ver o mappa n. 1), depois que Bartholomeu Dias revelou a existencia do *Cabo da Bôa Esperança.*

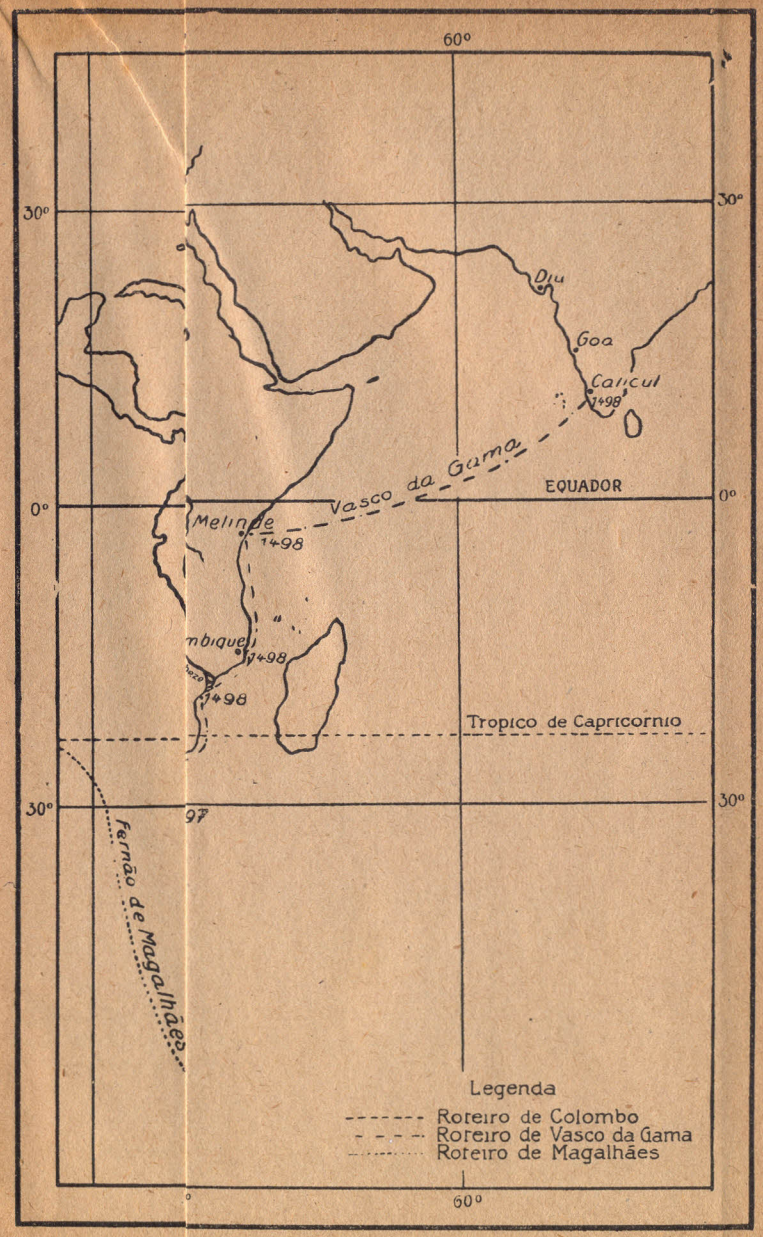
Vasco da Gama entrou em negociações com os habitantes das Indias e iniciou o *commercio* destas regiões com Portugal.

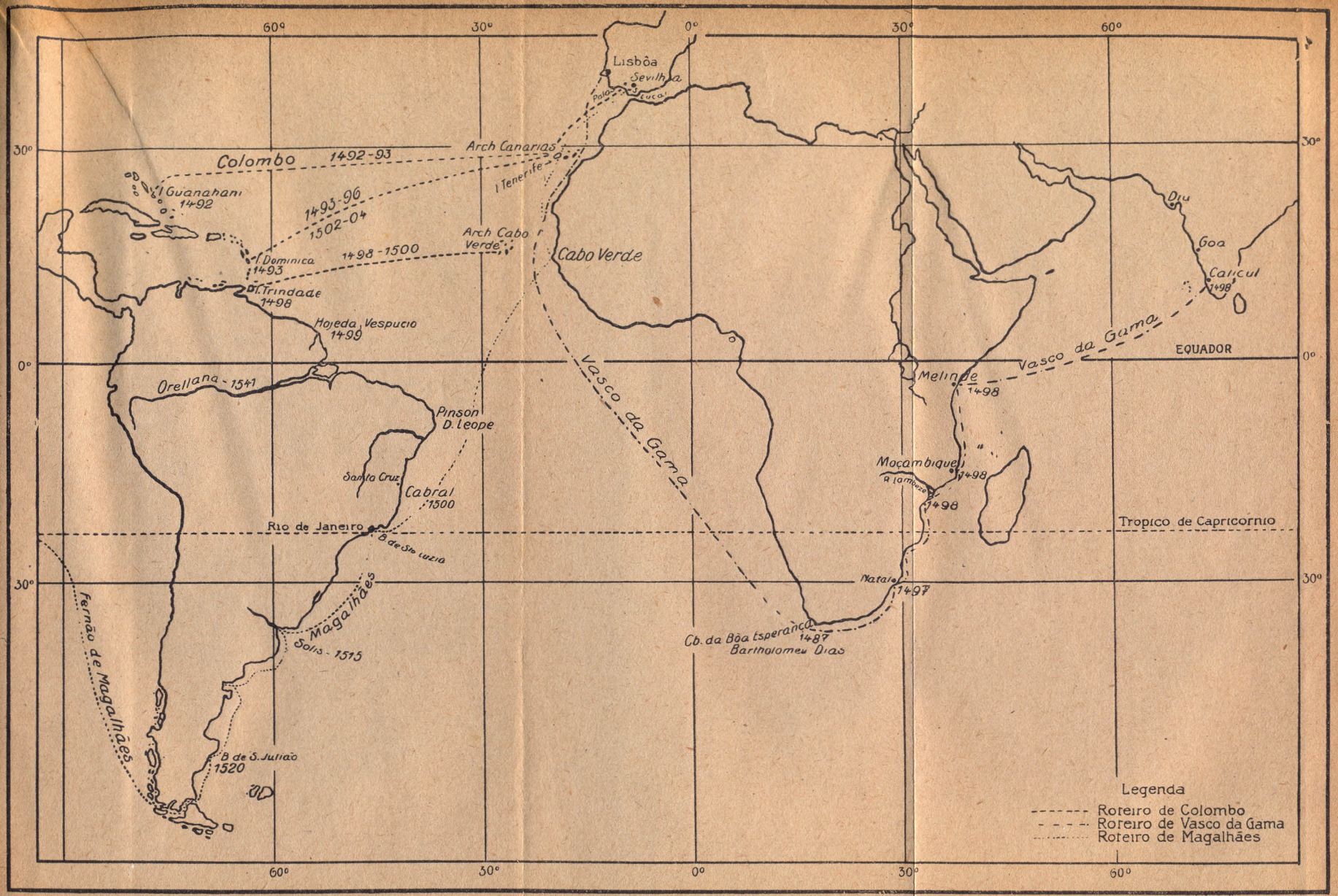
Para manter esse commercio e relações constantes com o Oriente, teve D. Manoel de mandar preparar esquadras, que viajassem constantemente de Lisbôa para as Indias e das Indias para Lisbôa.

A primeira armada que se equipou, logo depois da viagem de Vasco da Gama, foi a do almirante Pedro Alvares Cabral, governador da Beira e senhor de Belmonte.

Cabral sahiu do Tejo no dia 9 de março de 1500, em viagem para as Indias; mas, como a navegação naquelle tempo era ainda feita a véla, e reinavam grandes *calmarias* (falta de vento) nas proximidades da costa d'Africa, recebeu o almirante instrucções para que se afastasse do continente, alterando assim o roteiro seguido pelo seu antecessor (mappa n. 1).

Obedeceu Cabral ás instrucções recebidas, mas, tendo-se afastado um pouco mais do que devia, na altura das ilhas de Cabo Verde, foi arrastado pelas *correntes oceanicas* (que ainda não eram bem conhecidas e estudadas) e veio assim aportar ás pla-





60°
30°
0°
30°
60°
Lisbôa
Sevilha
Palos
Lucas
Arch Canarias
I Tenerife
Colombo 1492-93
I Guanahani 1492
1493-96
1502-04
Arch Cabo Verde
Cabo Verde
I. Dominica 1493
1498-1500
I. Trindade 1498
Hojeda, Vespucio 1499
Orellana - 1541
Pinson D. Leope
Santa Cruz
Cabral 1500
Rio de Janeiro
B. de Sta Luzia
Magalhães
Solis - 1515
Fernão de Magalhães
B de S. Julião 1520
Vasco da Gama
Cb. da Bôa Esperança 1487
Bartholomeu Dias
Natal 1497
Moçambique 1498
R. Lambeze 1498
Melinde 1498
Vasco da Gama
EQUADOR
Diu
Goa
Calicul 1498
Tropico de Capricornio
Legenda
Roteiro de Colombo
Roteiro de Vasco da Gama
Roteiro de Magalhães

gas de uma nova região do continente americano (mappa n. 1).

No dia 22 de abril de 1500 avistou o almirante um monte, a que deu o nome de *Paschoal*, chegando a 23 perto da praia, mas indo fundear no dia seguinte um pouco mais ao norte, numa enseada que recebeu o nome de *Porto Seguro*.

A 26 (domingo) foi rezada, pelo guardião frei Henrique de Coimbra, num ilhéo (que se chamou da *Corôa Vermelha*), a *primeira missa no Brasil*, sendo a segunda celebrada no continente, no dia 1.º de maio, em presença de muitos selvagens da tribu dos *Tupinambás*.

Depois de haver tomado posse da terra, e enviado André Gonçalves (ou Gaspar de Lemos) para dar a D. Manoel a noticia do descobrimento, seguiu Cabral no dia 2 para as Indias, deixando na praia dous degredados.

Suppondo ter descoberto apenas uma ilha de cerca de setenta leguas de extensão, deu-lhe o nome de *Ilha de Vera Cruz*, mudado mais tarde para o de *Terra de Santa Cruz* e, finalmente, para o de *Brasil* (1).

Da esquadra de Cabral naufragaram alguns navios no sul da Africa, perecendo Bartholomeu Dias diante do cabo que havia descoberto em 1486.

---

(1) As duas primeiras denominações originaram-se do facto de se commemorar no dia 3 de maio a *invenção da Santa Cruz;* a ultima proveio da preciosa madeira do mesmo nome e conhecida na lingua dos selvagens por *ibirapitinga*.

LIÇÃO II

Povos que habitavam o Brasil

A linda e fertilissima terra de Santa Cruz era habitada por diversos povos selvagens, dos quaes duas importantissimas nações viviam nas proximidades do mar: a dos *Tupis* e a dos *Tapuias*.

Cada uma dessas nações dividia-se em varias tribus, distinguindo-se entre as mais importantes as dos *Tamoios*, *Tupininkins* e *Tubinambás*, do ramo dos Tupis; e as dos *Aymorés* e *Botocudos*, do ramo dos Tupuias.

Todos esses indios andavam nús, ou quasi nús, usando enfeites de pennas de varias côres, e collares de dentes ou de contas; viviam principalmente de caça e de pesca, de fructos e de raizes e, muitas vezes, dos inimigos que devoravam.

Os Tupuias eram ainda mais selvagens que os Tupis: ao passo que estes viviam em ranchos e palhoças e cultivavam o milho, o feijão e a mandioca, não tinham os outros habitações construidas, dormindo em cavernas au ao relento; viviam errantes e não sabiam cultivar o solo.

Alem disso, emquanto os Tupis devoravam os prisioneiros por odio, os Tapuias devoravam tambem por gula, o que attesta egualmente maior gráo de animalidade e de selvageria.

Uns e outros viviam em continuas guerras, usando como armas principaes o arco, a flecha e o *tacape* (massa ou clava, feita de páo durissimo e pesado).

Manejavam todas as armas com grande dextreza, fazendo exercicios continuos, desde a edade de cinco annos.

Desfiguravam-se, furando as orelhas, os labios e até o nariz, em que penduravam batoques ou *metáras*, como enfeites. Pintavam o corpo com a tinta preta do *genipapo*, ou com a vermelha do *urucú*.

Adoravam os astros (principalmente o sol e a lua), e grande numero de tribus entregava-se á veneração de varios objectos grosseiros. Tinham adivinhadores e feiticeiros, que recebiam o nome de *pagés* e gosavam de grande autoridade.

Eram vingativos e crueis, celebrando festas e banquetes em que devoravam os inimigos prisioneiros.

Gostavam de musica e de dança, usando como principaes instrumentos o *maracá* (chocalho), o *uay* (tambor) e o *memby* (gaita).

A *inubia* (buzina de guerra) era geralmente feita do *femur* (osso da côxa) do inimigo.

Os primeiros selvagens avistados pelos companheiros de Cabral foram attrahidos com presentes de gorros vermelhos, contas e outras bugigangas, com as quaes se mostraram muito alegres e satisfeitos.

A população indigena de todo o Brasil em 1500 era avaliada em mais de um milhão de individuos.

LIÇÃO III

A colonisação do Brasil.— Primeiras tentativas

Quando Cabral partiu do Brasil, suppunha ainda que havia descoberto apenas uma grande ilha, avaliando a sua extensão total em cerca de *setenta leguas*.

Só em maio de 1501 foi a costa brasileira explorada por Americo Vespucci, que a percorreu desde o cabo de *S. Roque*, no Rio Grande do Norte, até a extremidade sul de Santa Catharina.

A certeza de que já não se tratava de uma simples ilha, bem como a noticia de que varios navios estrangeiros (principalmente francezes) começavam a visitar o nosso littoral, para fazerem nelle o commercio e contrabando de páo brasil, levaram D. Manoel a enviar para aqui diversas expedições, não só com o fim de guerrear os corsarios como de tratar tambem da colonisação da nova terra.

As primeiras tentativas foram demasiado modestas e limitaram-se á fundação de algumas *feitorias*: a de *Santa Cruz*, na Bahia; as do *Rio de Janeiro* e *Cabo Frio*, no Rio de Janeiro; as de *Iguarassú* e *Itamaracá*, em Pernambuco.

Finalmente, em 1530, partiu de Lisbôa uma nova expedição, cujo commandante, Martim Affonso de Souza, veio encarregado de fundar uma grande colonia, que servisse de ponto de apoio ás esquadras e permittisse rechassar os estrangeiros da costa do Brasil.

Foi em *S. Vicente* (S. Paulo) que fundou Martim a primeira colonia regular do Brasil, com a fortaleza da *Bertioga*. Subindo a serra, fundou nas planicies de *Piratininga* a povoação de *Santo André da Borda do Campo*, primeiro nucleo de que havia de surgir a futura cidade de *S. Paulo*.

Com a collaboração de João Ramalho (1), obteve Martim Affonso a alliança dos Tamoios, tratando de promover a prosperidade das duas colonias.

---

(1) Vêr a nota no fim desta lição.

Introduziu em ambas grande numero de animaes domesticos, a canna de assucar e varias fructas da Europa, estabelecendo em S. Vicente um engenho para a moagem da canna e o fabrico de assucar e aguardente.

As duas colonias prosperaram, mas tão lentamente e a custa de tantos sacrificios, que, logo dous annos depois (1534), resolveu D. João III (successor de D. Manoel desde 1521) mudar de systema de colonisação e dividir o Brasil em *capitanias hereditarias*.

NOTA — Convem registrar aqui as aventuras attribuidas aos dous personagens da nossa historia colonial, *Diogo Alvares* e *João Ramalho*.

Do primeiro dizem os chronistas que foi o unico individuo que se salvou num naufragio occorrido em 1510, ao norte da Bahia de *Todos os Santos*, onde todos os outros foram devorados pelos indios Tupinambás.

Matando um passaro, á vista dos selvagens, com a espingarda que salvara de bordo, gritaram elles, espantados: "*Caramurú!*" (filho do trovão).

Diogo Alvares casou-se com as filhas de varios chefes indigenas e foi pae de numerosa prole, vindo a ser poderoso auxiliar de Thomé de Souza na construcção da cidade do Salvador.

A lenda de João Ramalho é um pouco mais simples: tendo elle naufragado perto de S. Vicente, conseguiu attrahir a sympathia dos selvagens, vindo a casar com *Bartyra*, filha do cacique *Tebiriçá*.

Diogo Alvares e João Ramalho prestaram relevantes serviços aos Portuguezes na grande obra da colonisação do Brasil.

LIÇÃO IV

A colonisação.—Capitanias hereditarias

A colonisação deste immenso colosso, chamado Brasil, é ainda hoje um problema sem solução definitiva. Basta dizer que elle possúe apenas 24 milhões de habitantes para uma superficie de mais de 8 milhões de kilometros quadrados — o que dá menos de 3 habitantes por kilometro, ao passo que Portugal conta 66, a França 80, a Italia 113, a Allemanha 140 e a Belgica 242.

Tres grandes obstaculos se oppunham á colonisação do Brasil no tempo de D. João III: a preferencia que davam os Portuguezes á India, onde encontravam maiores probabilidades de fortuna; as grandes despezas que exigiam as colonias de S. Vicente e Piratininga; e a immensa extensão da costa, que difficultava a defesa.

Foi por todos esses motivos que resolveu D. João III dividir o littoral brasileiro em varios lotes ou porções de terra, que começavam á beira mar e partiam para o interior, divididos por linhas parallelas (mappa n. 2).

Esses lotes ou quinhões foram doados a fidalgos (que teriam o titulo de *capitaes-móres*) e passariam por morte destes a seus herdeiros (d'ahi o nome de *capitanias hereditarias*).

Além de conceder grandes vantagens e privilegios aos donatarios, e certo numero de regalias aos colonos que quizessem vir para o Brasil, propunha-se ainda o governo a remetter para aqui levas de degredados, fornecendo, ao mesmo tempo, soldados e munições.

Com a autorisação concedida aos donatarios para empregarem alguns indios no seu serviço, originou-se a escravidão *vermelha*, ao lado da *negra* ou africana, que já havia sido introduzida desde 1532.

Eis a lista completa das capitanias e dos donatarios:

1.ª *S. Vicente* (2 quinhões), Martim Affonso de Souza.

2.ª *Santo Amaro, Sant'Anna* e *Itamaracá* (tres quinhões) Pero Lopes de Souza.

3.ª *Parahyba do Sul*, Pero Góes da Silveira.

4.ª *Espirito Santo*, Vasco Fernandes Coutinho.

5.ª *Porto Seguro*, Pero de Campos Tourinho.

6.ª *Ilhéos*, Jorge de Figueiredo Corrêa.

7.ª *Bahia de Todos os Santos*, F. Pereira Coutinho.

8.ª *Pernambuco*, Duarte Coelho.

9.ª, 10.ª e 11.ª *Maranhão*, João de Barros, Fernão Alvares de Andrade e Ayres da Cunha.

12.ª *Ceará*, Antonio Cardoso de Barros.

Das doze capitanias só prosperaram realmente as de S. Vicente e Pernambuco, tendo Martim Affonso de Souza mandado plantar na primeira diversos productos agricolas, como a canna de assucar, e estabelecido a criação de gado, de que se abasteceram depois todas as outras capitanias. A de Pernambuco foi a que mais prosperou, apezar das luctas que Duarte Coelho teve de travar com os *Cahetés*.

Alguns donatarios acabaram tragicamente, como Pero Lopes de Souza, que foi victima de um naufragio, perto de Madagascar, quando voltava da India; e Francisco Pereira Coutinho, que naufragou na Bahia e foi devorado pelos Tupinambás.

Vasco Fernandes Coutinho, donatario do Espirito Santo, terminou seus dias em tão grande miseria, que nem teve siquer um lençol para lhe servir de mortalha.

LIÇÃO V

A colonisação.— O governo geral

Quinze annos de experiencia (1534-1549) bastaram para mostrar a inconveniencia do systema das capitanias hereditarias. O principal obstaculo á repressão das tentativas de aggressão, tanto internas como externas, da parte dos indios e dos piratas estrangeiros, era a falta de unidade e de um centro commum, de onde se exercesse a acção de uma autoridade unica e superior.

Foi, por isso, creado o *governo geral* com a necessaria centralisação politica e administrativa, sendo nomeado primeiro governador Thomé de Souza, que já se distinguira por notaveis serviços prestados na Asia.

De 1549 a 1572 teve o Brasil tres governadores geraes, a saber:

1.º *Thomé de Souza* (1549-1553). Chegou á Bahia em 29 de março, trazendo comsigo diversas familias, muitos colonos, 600 soldados e 6 jesuitas, chefiados pelo padre Manoel da Nobrega.

Com o auxilio de Caramurú e dos Tupinambás, fundou a cidade do Salvador, na qual construiu grande numero de edificios publicos, installando nelles as diversas repartições e os serviços da governança.

Mandou vir nova leva de jesuitas chefiados pelo padre Manoel de Paiva.

Visitou as capitanias do sul, approvou a fundação de varias povoações, fundou outras, mandou construir fortificações e regulou a administração da justiça.

Retirou-se em 1553, depois de haver prestado optimos serviços á nossa terra.

2.º *D. Duarte da Costa* (1553-1558). Foi muito infeliz no seu governo, tendo tido, comtudo a ventura de trazer comsigo uma leva de 16 jesuitas de que fazia parte *José de Anchieta*, que prestou mais tarde immoredouros serviços á catechese dos indios e á civilisação brasileira.

Fundado pelos jesuitas, a meia legua de Piratininga, o *Collegio dos Trabalhos Apostolicos*, que veio a dar o nome á povoação de *S. Paulo*, por ter sido a primeira missa rezada na data da conversão do mesmo santo (25 de janeiro), descontentaram-se os colonos de João Ramalho, porque muitos moradores de Piratininga se transferiram para as immediações do collegio.

Nasceram d'ahi as primeiras luctas entre jesuitas e colonos, difficultando a administração.

D. Duarte tomou naturalmente o partido dos colonos, ficando do lado dos jesuitas o bispo D. Pero Fernandes Sardinha, que aggravou ainda mais a situação, reprehendendo publicamente o joven D. Alvaro, filho do governador.

Chamado a Lisbôa, naufragou o bispo, com o seu companheiro Antonio Cardoso de Barros, junto aos *baixos de D. Rodrigo*, onde foram ambos devorados pelos Cahetés.

Para maior desgraça, haviam se estabelecido os Francezes na bahia do Rio de Janeiro.

Sem recursos para expulsar os invasores, e, abandonado pelo governo da metropole, onde exercia as funcções de regente D. Catharina d'Austria, durante a minoridade de seu neto, D. Sebastião, partiu D. Duarte para Lisbôa, sendo substituido por Mem de Sá.

3.º *Mem de Sá* (1558-1572). Foi o mais notavel e o mais illustre dos governadores geraes do Brasil.

Acalmando os animos e obtendo a necessaria tranquillidade, fez prosperar a colonia, estimulando a agricultura e o trabalho dos engenhos de canna de assucar.

Visitou quasi todo o sul do Brasil, enviou diversas expedições ao interior, dominou uma grande epidemia de variola que assolava a Bahia, conteve diversos ataques dos indios e fez prosperar a obra da catechese.

O maior, porém, de todos os serviços que prestou Mem de Sá ao Brasil, foi a expulsão dos Francezes do Rio de Janeiro, de que nos occuparemos adiante, em lição especial.

LIÇÃO VI

Tentativas de conquista. — Invasões francezas

De 1555 a 1612 deram-se no Brasil duas invasões francezas com o intuito de conquista do nosso territorio, embora não fossem exactamente as mesmas as causas que as determinaram.

A primeira deu-se em 1555, no tempo de D. Duarte da Costa, e foi chefiada por Nicoláo Durand

de Villegaignon, cujo principal objectivo era fundar um estabelecimento commercial, que servisse ao mesmo tempo de refugio aos calvinistas de França, perseguidos pelos catholicos.

Chegando com alguns aventureiros e colonos, installou-se a principio na pequena ilha de *Ratier* (hoje da *Lage*), passando-se depois para a de *Seregipe* (hoje de *Villegaignon*) onde deu começo á fundação da colonia, construindo um forte, que recebeu o nome de Coligny.

Aos primeiros 80 colonos incorporaram-se depois mais 300, juntando-se-lhes grande numero de indios Tamoios, alliados dos Francezes contra os Portuguezes.

Os invasores permaneceram no Rio de Janeiro durante cinco annos, sem serem incommodados.

Recebendo reforços, e auxiliado pelo bispo (D. Pero Leitão) e pelos jesuitas de S. Vicente, dirigiu-se o governador Mem de Sá para a bahia de Guanabara e começou a bombardear a ilha de Villegaignon, que se rendeu no dia 1.º de março de 1560, sendo a mesma tomada e immediatamente arrazada.

Voltaram, porém, mais tarde, os Francezes, que occuparam o mesmo ponto e alguns outros do littoral, auxiliados ainda pelos Tamoios e por alguns compatriotas vindos de Cabo Frio.

Em 1565, com reforços chegados da Europa e os que obteve no Espirito Santo e em S. Vicente, partiu para o Rio o intrepido Estacio de Sá (sobrinho do governador), que sustentou por espaço de quasi dous annos uma longa serie de guerrilhas sem resultado definitivo.

Durante esse tempo foram lançados, num local

proximo ao *Pão de Assucar*, os fundamentos da futura *cidade do Rio de Janeiro*.

Finalmente, em 1567, chegou Mem de Sá com grande reforços e, a 20 de Janeiro (dia de S. Sebastião) derrotou os Francezes no forte de *Uruçu-mirim* e, em seguida, na ilha de *Villegaignon* e na de *Maracaiá* ou *do Gato*, que se chamou depois dos *Sete Engenhos* e, finalmente, *do Governador*.

Estacio de Sá morreu de uma flechada no rosto.

Poucos dias depois foi transferida a nova cidade para o morro do *Castello*, sendo nomeado governador um outro sobrinho de Mem de Sá (Salvador Corrêa de Sá).

*
* *

A segunda invasão franceza deu-se no Maranhão, que esteve occupado de 1594 a 1615.

Nessa epoca a Inglaterra e a França haviam-se alliado á Hollanda contra a Hespanha, e luctavam para destruir o monopolio commercial exercido por esta ultima (Portugal havia passado em 1580 para o dominio da Hespanha, cabendo, em consequencia, egual sorte ao Brasil).

Os Francezes estabeleceram-se na ilha do Maranhão e começaram a construir a capital, a que deram o nome de *S. Luiz*, em honra a Luiz XIII, rei de França.

Em 1615 foram d'alli expulsos por Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura.

As invasões francezas realisadas um seculo depois, por *Duclerc* e *Duguay Trouin*, não tiveram intuitos de conquista, como veremos adiante.

LIÇÃO VII

Tentativas de conquista.—Invasões inglezas

A Hollanda, que em 1570 havia sacudido o jugo da Hespanha tornando-se independente, tinha de luctar ainda contra esta, para combater o monopolio e defender o commercio livre de que precisava para os seus navios. Com esse intuito, firmou uma alliança offensiva e defensiva com a Inglaterra e a França, paizes coloniaes, com predominio nos mares e egualmente interessados em conquistar a liberdade commercial.

Nasceram d'ahi as aggressões francezas, inglezas e hollandezas contra o Brasil, que havia passado em 1580 para o dominio da Hespanha.

Com relação aos Inglezes, já *Edward Fenton* havia atacado Santos em 1585, sem obter, comtudo, resultados apreciaveis. Em 1591, *Thomas Cavendish* e o vice-almirante *Cook* surprehenderam a povoação de Santos, saqueram e incendiaram a villa, conservando-a em seu poder durante dous mezes. Seguiram ainda por terra e foram até S. Vicente, queimando os engenhos que encontraram pelo caminho.

De volta de uma expedição ao sul, atacou novamente Cavendish a villa de Santos, destacando 20 homens para saqueal-a.

No 3.º dia do saque, cahiram os Portuguezes sobre os 20 piratas, matando todos.

Repellido tambem no Espirito Santo, aprisionou Cavendish um navio portuguez. em Cabo Frio, deixou alguns enfermos em S. Sebastião e saqueou e incendiou a pequena povoação da Ilha Grande, partindo, logo depois, para a Europa.

Tres annos mais tarde (1595) outros corsarios e aventureiros inglezes tentaram egualmente apossar-se de terras brasileiras. James de Lencaster e João Venner atacaram e conseguiram tomar a povoação do Recife, que estava destinada a ser mais tarde a capital dos dominios hollandezes no Brasil.

Durante 31 dias permaneceu o Recife em poder dos piratas inglezes, que foram, afinal obrigados a retirar-se, depois das perdas que lhes infligiram as forças de Olinda e um forte construido por iniciativa dos Pernambucanos.

Foram essas as ultimas tentativas de conquista no Brasil pelos Inglezes, que começaram de então por diante a dirigir as suas vistas para o norte do continente.

LIÇÃO VIII

Tentativas de conquista. — Invasões hollandezas

As mesmas causas que determinaram as aggressões inglezas e a invasão franceza no Maranhão, a que já nos referimos em lições anteriores, concorreram tambem para as invasões hollandezas. A Inglaterra, a França e a Hollanda estavam então alliadas contra a Hespanha.

Foram duas as invasões hollandezas no Brasil: a 1.ª occorreu na Bahia, em 1624, e terminou em 1625, sem deixar vestigios; a segunda deu-se em Pernambuco, prolongando-se o dominio estrangeiro por 24 annos, isto é, de 1630 a 1654.

1.ª Invasão. Perda e restauração da Bahia. — Com o fim de se apoderar dos thesouros que a Hespanha tirava da America, e de conquistar algumas colonias desse paiz, fundou-se na Hollanda a *Companhia das Indias Occidentaes,* que recebia avultada subvenção do governo e gosava de grandes privilegios, como o direito exclusivo de commercio e navegação, o de conquistar terras, nomear governadores, fundar colonias, etc.

O ponto escolhido para a primeira conquista foi a cidade da Bahia, sendo preparada para tal fim uma poderosa esquadra sob o commando do almirante *Jacob Willekens.* O commandante das tropas de desembarque e futuro governador das terras que conquistasse, chamava-se *Johan van Dorth.*

Avisado a tempo, preparou-se o governador da Bahia (Diogo de Mendonça Furtado) para repellir os invasores; mas a demora da esquadra fez acreditar que a informação não era verdadeira, e a gente do campo, que havia pegado em armas, foi toda licenciada, permittindo-se-lhe que voltasse para os seus trabalhos.

Quando já ninguem mais pensava na vinda do inimigo, surgiu a esquadra hollandeza diante da Bahia e foi logo aprisionando ou incendiando os navios que se achavam no porto.

Não encontrando resistencia, desembarcaram os invasores, tomaram conta da cidade e aprisionaram Mendonça Furtado, que foi remettido para bordo, emquanto Johan van Dorth se apoderava do palacio e do governo.

Passado, porém o primeiro temor da população, começou a ser organisado no interior um poderoso exercito para repellir os invasores. Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, confiou provisoriamente a administração da Bahia ao bispo (D. Marcos Teixeira), o qual veio a morrer pou-

co depois, em consequencia da enorme actividade que despendeu.

Entretanto, Lourenço Cavalcante e Antonio Cardoso sitiaram a cidade, recebendo logo reforços trazidos de Pernambuco por Francisco Nunes Marinho.

Iniciado o ataque, conseguiu o capitão Francisco Padilha matar o governador hollandez.

Ao cabo de algumas guerrilhas sem resultado, appareceu uma esquadra luso-espanhola sob o commando de D. Fradique de Toledo Osorio, tendo chegado antes, de Pernambuco, D. Francisco de Moura, commandante das forças de terra.

Cercada assim a cidade, foi o commandante hollandez (Hans Ernest Kiff) obrigado a capitular.

Na manhã de 1.º de maio de 1625 tremularam por toda a cidade as bandeiras de Hespanha e de Portugal.

LIÇÃO IX

Tentativas de conquista.—Invasões hollandezas. — 2.ª invasão. — Dominio hollandez em Pernambuco.

Mallograda a conquista da Bahia, conseguiram, no entanto, os Hollandezes tomar no anno seguinte varios galeões do Mexico e mais nove navios carregados de productos.

Animada com os lucros obtidos, mandou a *Companhia* preparar uma formidavel esquadra, sob o commando de Hendrik Lonk. Esta armada appareceu diante de *Olinda* em 14 de fevereiro de 1630. Numerosas forças desembarcaram no *Páo Amarello*, tomaram a cidade sem resistencia e marcharam logo para o Recife, que havia sido abandonado pela população.

Mathias de Albuquerque (governador de Pernambuco) mal conseguiu reunir alguns recursos, com os quaes se entrincheirou entre as duas cidades, num arraial que recebeu o nome de *Bom Jesus*. A esse trabalho seguiu-se o da organisação das companhias de *emboscadas*, cabendo o commando de uma ao indio *Poty*, que se chamou depois D. Antonio Felippe Camarão.

De 1631 a 1637 ha um periodo de continuas hostilidades, cujos factos principaes são:

1.º) em 1631, o combate entre a esquadra hollandeza de Adrian Pater, e a hespanhola de D. Antonio de Oquendo. O resultado ficou indeciso, morrendo porém, o almirante hollandez;

2.º) o incendio de Olinda pelos Hollandezes, que se concentraram no Recife;

3.º) em 1635, o estabelecimento progressivo dos Hollandezes até o forte dos *Reis Magos* (no Rio Grande do Norte) e, para o sul, até *Porto Calvo* (em Alagôas).

4.º) nesse mesmo anno, retira-se Mathias de Albuquerque para as Alagôas, levando comsigo apenas 500 soldados e grande numero de familias.

5.º) a prisão, em Porto Calvo, do desertor *Domingos Calabar*, que cahiu em uma cilada com o chefe hollandez *Picard*. O primeiro foi enforcado, como trahidor.

Em 1636 desembarcou em Alagôas, com 1.700 homens, o commandante hespanhol Rojas y Borgia, que trouxe a missão de substituir Mathias e Albuquerque no governo.

Foi, porém, derrotado por *Artichofsky*, na *Matta Redonda*, perecendo em combate.

O resto das tropas de Borgia ficou entregue ao conde *Bagnuolo*, sendo d'ahi por diante empregado apenas em pequenas guerrilhas.

Mathias de Albuquerque partiu para a Europa e foi recolhido preso no castello de *S. Jorge*, de onde só conseguiu sahir depois da restauração de Portugal (1640).

As forças de Bagnuolo (cerca de 2.000 homens) organisaram-se em guerrilhas, em que se distinguiram especialmente Felippe Camarão, os capitães Rabello e Souto, Henrique Dias e André Vidal de Negreiros.

Estava, porém, firmado o dominio hollandez.

Durante sete annos (de 1637 a 1644) foi o Brasil administrado pelo illustre principe Mauricio de Nassáo, que transformou o Recife numa bella cidade, exerceu o governo com grande moderação, desenvolveu o commercio, a industria e as artes, proclamou a liberdade religiosa e attrahiu sympathias geraes.

Incompatibilisado com a Companhia, retirou-se Nassáo em 1644, sendo substituido por tres governadores, que se mostraram logo duros e intolerantes.

O desgosto geral, causado pelos actos desses tres representantes da *Companhia*, deu origem á *Insurreição Pernambucana*.

LIÇÃO X

Invasões hollandezas (ultima parte).—A insurreição pernambucana

Muitos Brasileiros e Portuguezes haviam acceitado de braços abertos o governo de Nassáo, porque entre o dominio da Hespanha e o da Hollanda, preferiam naturalmente o segundo, por ser muito mais brando e mais tolerante.

Com a partida de Nassáo, porém, mudou completamente a situação: não só o governo dos tres *Directores* ficou logo impopular, como já se havia dado, quatro annos antes (1640), a *restauração de Portugal*.

O resultado de ambos esses factos foi a alliança entre Brasileiros e Portuguezes para a expulsão do invasor.

A revolta foi proclamada no dia 13 de junho de 1645, tomando os *Inconfidentes* por divisa as palavras *"Deus e Liberdade"*.

Os chefes do movimento foram João Fernandes Vieira (portuguez), André Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Antonio Felippe Camarão (brasileiros).

No primeiro anno foram os Hollandezes batidos em varios encontros (monte das *Tabocas*, varzea do Recife, Porto Calvo, Parahyba e Rio Grande do Norte).

Em 1646 Segismundo von Schkoppe foi derrotado em duas partidas, mas em 1647 tomou a ilha de Itaparica e assolou o *Reconcavo* da Bahia.

Em 1648 e 1649 deram-se as duas batalhas dos *Guararapes*, em que os Hollandezes foram derrota-

dos por forças muito inferiores, mas commandadas pelo habil general Francisco Barreto de Menezes.

Essas duas brilhantes victorias não decidiram, comtudo, da guerra, que se prolongou ainda até 1654.

Só nesse anno (26 de janeiro) assaltou André Vidal de Negreiros o forte das *Cinco Pontas*, obrigando von Schkoppe a assignar a capitulação da *Campina do Taborda*.

Acabado, embora, o dominio hollandez, só em 1661 foi assignado com a Hollanda o tratado definitivo de paz, recebendo os invasores uma bôa indemnisação em dinheiro e retirando-se definitivamente do Brasil.

AS HEROINAS DE TEJUCOPAPO — Em 1646, durante o cerco do Recife, os Hollandezes, precisando de mantimentos, marcharam durante a noite para *Tejucopapo*, afim de atacarem *Lourenço da Matta*.

Sabendo do plano, recolheu-se o major Agostinho Nunes com todas as familias a um reducto, deixando Matheus Fernandes com alguns guerrilheiros emboscados de um e outro lado da estrada.

Desembarcando o almirante hollandez, atacou logo uma pequena força que sahira do reducto. mas teve trinta ou quarenta homens mortos pelas balas dos guerrilheiros. Os Hollandezes, porém, passavam de tresentos, ao passo que os Pernambucanos eram apenas setenta e poucos.

Conseguiu, por isso, o inmigo approximar-se do reducto e investir contra elle; mas tres assaltos successivos ás muralhas foram repellidos pelas heroicas pernambucanas, que faziam fogo e manejavam lanças, emquanto os filhos e maridos se batiam fóra do reducto.

Com a retirada dos Hollandezes, soou o grito de victoria em *Tejucopapo*.

A 7 de dezembro de 1859, o imperador D. Pedro II foi visitar *Tejucopapo*, em homenagem á memoria das suas gloriosas defensoras (1).

LIÇÃO XI

Inconfidencia mineira

E' um acontecimento occorrido já em 1789, isto é, no mesmo anno da Revolução Franceza, precedendo-a, porém, de alguns mezes e inspirando-se na independencia dos Estados Unidos.

Já então era o Brasil um immenso territorio, em grande parte conquistado pelos seus proprios filhos (principalmente pelos *bandeirantes* de S. Paulo); esses filhos haviam luctado e soffrido juntos para repellir os invasores francczes, inglezes e hollandezes; haviam trabalhado para o progresso da sua terra; falavam a mesma lingua, tinham as mesmas crenças, os mesmos costumes e as mesmas ambições; estavam, portando, ligados por muitos laços, que os prendiam no passado, no presente e no futuro: d'ahi o sentimento e a consciencia que tinham já de uma *patria*, de uma *nacionalidade*, que havia attingido a maioridade e que precisava de viver livre e independente, não supportando mais o despo-

(1) O perfil de D. Clara Camarão e os de outras heroinas brasileiras acham-se bem delineados no livro *As Heroinas do Brasil*, do general Carlos de Campos.

tismo da metropole, que d'aqui só procurava tirar vantagens e proventos.

Esse desejo de autonomia, manifestado já em outras occasiões, cresceu ainda mais diante do exemplo dos Estados Unidos, que acabavam de proclamar a sua independencia.

Os Mineiros souberam que os impostos sobre o vidro, o papel sellado e o chá haviam bastado para a libertação das colonias inglezas da America; imaginaram, por isso, que a proxima cobrança dos impostos atrazados do ouro havia de irritar os animos e facilitar a revolta. Nasceu d'ahi a *conjuração mineira*, tramada em *Villa Rica*, (hoje Ouro Preto) por alguns poetas, sacerdotes e militares. Entre os primeiros figuravam Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manoel da Costa e José de Alvarenga Peixoto; entre os segundos os padres José Corrêa de Toledo e Manoel Rodrigues da Costa; entre os terceiros o tenente coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, o capitão José de Rezende Costa e o alferes de milicias Joaquim José da Silva Xavier (o *Tradentes*).

Denunciados pelo coronel Joaquim Silveiro dos Reis, foram presos e encarcerados todos os patriotas, que nem siquer haviam chegado a perpetrar um crime, pois que, alem das reuniões celebradas na casa de Claudio Manoel da Costa, tinham apenas mandado o Tiradentes ao Rio de Janeiro para obter adhesões e comprar armamento.

Instituiu-se, no entanto, uma *alçada*, que, ao cabo de tres annos, condemnou á morte *doze* conjurados, *cinco* a desterro perpetuo, e outros a castigos menores.

D. Maria I commutou a pena capital de *onze*, só exceptuando o *Tiradentes*, que foi enforcado no Rio

de Janeiro, no logar em que funcciona hoje a escola que tem o seu nome, sendo o cadaver esquartejado e salgado.

Claudio Manoel da Costa suicidou-se na prisão, e os outros conspiradores foram deportados para a Africa.

D'entre todas as figuras da conjuração mineira destaca-se luminosamente o vulto de Tiradentes, não só por causa da execução cruel, que o consagrou primeiro martyr da liberdade, como tambem pela superioridade moral de que deu provas, sendo o unico a não accusar ninguem e a guardar a mais perfeita e completa serenidade de animo.

Tiradentes ficou sendo para o Brasil uma especie de padroeiro da liberdade e da republica.

Abençoada seja a sua memoria!

LIÇÃO XII

Revolução pernambucana de 1817

As idéas de autonomia e de independencia não haviam ficado extinctas nem suffocadas com a barbara execução de Tiradentes. Pelo contrario: essas idéas progrediram cada vez mais e encontraram em 1817 novos incitamentos e maiores estimulos.

Pernambuco foi o centro de propaganda de onde explodiu a nova revolução, que pretendia proclamar ao mesmo tempo a independencia e a republica na nossa terra.

Alem das causas anteriores, concorreram ainda outras, como a sympathia dos Estados Unidos, os progressos realisados pelo Brasil depois da vinda

de D. João VI e, por fim, a independencia das Provincias Argentinas, realisada em 1816.

A propaganda foi principalmente exercida pelo padre João Ribeiro Pessôa, o negociante Domingos Martins e o padre *Miguelinho*, entrando tambem na conspiração diversos militares e mais trinta sacerdotes, entre os quaes o padre *Roma* e *frei Caneca* (José Ignacio de Abreu Lima e frei Joaquim do Amor Divino Caneca). Fundaram-se diversas sociedades secretas e a maçonaria entrou desde logo em acção.

Tendo o capitão-general (Caetano Montenegro) recebido denuncia contra alguns officiaes brasileiros, mandou publicar uma ordem do dia, censurando-os e concitando-os a viverem em harmonia com os officiaes portuguezes.

Nova denuncia levou Montenegro a mandar prender os conspiradores. Alguns destes entregaram-se logo sem resistencia; mas, tendo o brigadeiro Barbosa de Castro insultado o capitão João de Barros Lima (o Leão Coròado), desembainhou este a espada e matou o aggressor.

Os officiaes e soldados brasileiros revoltaram-se.

O ajudante de ordens do governador, pretendendo reunir a tropa, cahiu crivado de balas.

O marechal portuguez José Roberto e o governador Mantenegro foram presos e remettidos para o Rio de Janeiro.

Os patriotas cantavam pelas ruas:

"No campo da honra
Patricios, formemos,
Que o vil despotismo
Sem sangue vencemos."

Proclamou-se a republica e foi organisado um governo provisorio de cinco membros, sendo nomeado ministro do Interior o padre Miguelinho.

Domingos Martins e João Ribeiro revelaram-se grandes estadistas e publicaram uma serie de decretos e reformas baseadas nos mais puros principios democraticos.

A Parahyba, o Rio Grande do Norte e Alagôas adheriram ao movimento, mas a nova republica praticou o grave erro de não acceitar batalhões patrioticos, declarando-se pacifista.

No Ceará a revolução fracassou, sendo logo preso o padre José Martiniano de Alencar.

Preso tambem na Bahia, foi fusilado o padre Roma, que morreu heroicamente, descobrindo o peito e exhortando os soldados para que apontassem no coração.

Com forças de mar e terra, enviadas pelo conde dos Arcos, poude o governo suffocar dentro em pouco a revolução, nomeando *commissões militares* para o julgamento dos accusados.

Essas commissões fizeram centenas de victimas, entre as quaes Domingos Martins, o Dr. José Luiz de Mendonça e o padre Miguelinho (fusilados); Domingos Theotonio, José de Barros Lima e o padre Tenorio (enforcados).

O padre João Ribeiro suicidou-se, sendo o seu corpo desenterrado pelos algozes, que o degollaram, e entraram no Recife conduzindo em triumpho a cabeça do grande patriota.

LIÇÃO XIII

A Independencia

Depois do sacrificio de Tiradentes e dos martyres da revolução pernambucana de 1817, a idéa da independencia marchou ainda mais acceleradamente, contribuindo não pouco para isso o exemplo das colonias hespanholas da America do Sul, revoltadas contra a metropole. Quando D. João VI° deixou o Brasil, em 26 de abril de 1821, tinham já proclamado a sua independenciá o Paraguay (1810), a Republica Argentina (1816), Nova Granada (1818), o Chile (1818), e o Perú (1821).

D. João VI° entregou o governo a seu filho, o principe D. Pedro, que aqui ficou como *regente*, sendo, porém, pouco depois, hostilizado pelas *Côrtes portuguezas*, que declararam independentes do Rio de Janeiro as *Juntas Governativas das Provincias*, sujeitas apenas aos tribunaes de Portugal, limitando assim extraordinariamente a autoridade do principe.

Não satisfeitas com isso, promulgaram as Côrtes mais dous decretos, um supprimindo os tribunaes do Rio de Janeiro, outro ordenando a D. Pedro que deixasse o Brasil e seguisse para a Europa, *afim de completar a sua educação*. Era evidente o plano de reduzir novamente a simples colonia o Brasil, que havia sido elevado á categoria de reino desde 1815.

Foi nessa emergencia que começaram a se agitar os patriotas, tomando a frente do movimento Joaquim Gonçalves Ledo, Januario da Cunha Barbosa, Frei Francisco de Sampaio e outros, com o

auxilio de José Clemente Pereira, presidente do Senado da Camara.

Sabendo que o principe hesitava em obedecer á ordem das côrtes, resolveram os patriotas dirigir a D. Pedro uma representação, que foi redigida por frei Francisco de Sampaio, e colheu logo mais de oito mil assignaturas. Antes, porém, de ser a mesma entregue a S. A., foram enviados emissarios especiaes, para obterem o apoio da junta de Minas, e da de São Paulo, da qual era vice-presidente José Bonifacio.

Lida a representação no paço, por José Clemente Pereira, no dia 9 de janeiro de 1822, respondeu D. Pedro com as seguintes palavras:

"Si é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico".

Este acto de rebeldia e de desobediencia ás Côrtes de Lisbôa equivalia, de facto, á independencia.

A 16 de janeiro entrou para o ministerio José Bonifacio, que havia chegado ao Rio como portador da representação de S. Paulo.

Dahi por diante precipitaram-se os acontecimentos: Gonçalves Ledo, Clemente Pereira e José Bonifacio conseguiram do principe diversos decretos revolucionarios, como o da reunião de um conselho de *procuradores de provincias*, o que determinava que nenhuma lei das côrtes portuguezas fosse executada no Brasil sem o *cumpra-se* do principe regente, e, por fim, o que mandava convocar uma *assembléa constituinte*.

Finalmente, no dia 7 de setembro de 1822, tendo recebido, durante uma viajem que fizera a S. Paulo, novos decretos das Côrtes de Lisbôa, que lhe diminuiam a autoridade e lhe espezinhavam a vaidade

e o amor proprio, arrancou D. Pedro do chapéo o laço portuguez e, junto ás margens do Ypiranga, proferiu o conhecido brado de "*Independencia ou morte!*".

Ficou assim consummada, com a *separação*, a obra da nossa autonomia nacional.

O principe foi acclamado e coroado *imperador do Brasil*, com o titulo de *D. Pedro I.*

LIÇÃO XIV

Libertação dos escravos

Foi em 1532, isto é, ainda no inicio da colonisação, que vieram para o Brasil os primeiros escravos africanos. Dous annos depois (no tempo das capitanias hereditarias), começou a ser permittida tambem a escravisação dos indios (*escravidão vermelha*). O Marquez de Pombal extinguiu mais tarde a segunda, mas tolerou que continuasse a primeira, como medida necessaria para auxiliar a colonisação e a lavoura.

A escravidão africana desenvolveu-se extraordinariamente. Só em 1831 (lei de 7 de novembro) decretamos a abolição do trafico africano, em virtude de um compromisso que haviamos assumido anteriormente com a Inglaterra: A generosa lei foi, no entanto, desrespeitada pelos traficantes que continuaram a introduzir escravos por contrabando, até 1850. Mais de um milhão de infelizes foram assim transportados para a nossa terra e illegalmente reduzidos á escravidão. Vinham presos com correntes de ferro a bordo dos navios, e eram muitas

vezes atirados ao mar, quando algum cruzador inglez perseguia os piratas.

Foi traduzindo a sua grande indignação diante de tão infame commercio de carne humana, que o nosso grande poeta Castro Alves escreveu os inspirados e vibrantes versos do bello poemeto intitulado *O Navio Negreiro*:

"E existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infamia e covardia,
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacchante fria!
Meu Deus, meu Deus! mas que bandeira é esta
Que, impudente, nas gaveas tripudia?
Silencio, Musa! Chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!

— Auri-verde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança!
Estandarte, que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança!
Tu, que da liberdade após a guerra
Foste hasteada dos heróes na lança,
Antes te houvessem rôto na batalha
Que servires a um povo de mortalha!"

O escandalo do contrabando só terminou em 1850, com a lei que teve o nome do benemerito estadista Euzebio de Queiroz.

A escravidão era, portanto, depois de 1831, em grande parte illegal, porque provinha, como ficou dito, do contrabando. Esse argumento, levantado pela primeira vez em 1869, pelos dous grandes oradores Luiz Gama e Ruy Barbosa, começou a inspirar a todos os Brasileiros um grande sentimento de piedade em favor dos miseros escravisados. D'ahi por diante começou o movimento *emancipador* e

depois *abolicionista*, que foi conseguindo successivamente as seguintes victorias:

a) a lei de *28 de setembro* de 1871, tambem chamada *lei do ventre livre* (por ella nasciam livres dalli por diante todos os filhos de mulher escrava; *b*) a de *28 de setembro* de 1885, que concedeu a liberdade aos escravos de 60 annos para cima; *c*) a de *13 de maio* de 1888 (*lei aurea*), que aboliu totalmente e para sempre a escravidão no Brasil.

E' essa, talvez, a mais bella data da nossa historia.

XV

Proclamação da Republica

A Republica havia sido, desde longa data, uma aspiração constante do povo brasileiro, posto que não estivesse elle ainda preparado para gosar desse regimen de liberdade. Republicana havia sido a conspiração mineira de 1789; republicanas as revoluções de Pernambuco de 1817 e 1824; republicanos outros movimentos occorridos atravez da nossa historia, principalmente nas provincias da Bahia e do Rio Grande do Sul.

Infelizmente, a independencia só poude ser feita com a collaboração de alguns elementos portuguezes e do principe D. Pedro, de modo que foi preciso acceitar provisoriamente a monarchia, para que a revolução não fracassasse, como haviam fracassado todas as outras anteriores. Por essa razão, vingou por espaço de alguns annos a unica realeza de todo o continente americano, adoptando

as outras nações, *sem excepção*, o governo e as instituições democraticas.

Por tudo isso facilmente se conclúe que a monarchia era apenas *tolerada*, mas não *estimada* pelo povo, apezar do respeito que inspirava a todos os Brasileiros a pessôa do ultimo imperador (D. Pedro II). Este, porém, que havia nascido em 1825 e governado durante cerca de meio seculo, estava já fatigado e enfermo em 1889.

Esse facto, alliado ás antipathias de toda a nação pelo 3.º reinado, que devia ser exercido pela princeza D. Isabel, e, ainda mais, os muitos erros praticados por diversos ministerios e autoridades superiores, levaram alguns patriotas a iniciarem uma propaganda constante, activa e tenaz em favor da implantação do regimen republicano.

A situação aggravou-se nos ultimos annos com certas medidas violentas tomadas pelo governo contra alguns militares que gosavam de estima e de muito prestigio na sua classe. Em 1889 achava-se no governo o ministerio presidido pelo visconde de Ouro Preto (Affonso Celso), que se tornara impopular e era violentemente combatido pela imprensa da opposição, a cuja frente se achava o Sr. Ruy Barbosa, redactor chefe do *Diario de Noticias*.

Os golpes desfechados por este notavel jornalista contra a monarchia, uma nova questão militar e a supposição de que o governo pretendia substituir o exercito pela guarda nacional, para preparar o advento ao 3.º reninado, fizeram com que todas as forças de terra e mar se sublevassem, sob o commando em chefe do marechal Deodoro da Fonseca, e, inspiradas por Benjamin Constant, Ruy Barbosa, Quintino Bocayuva, Aristides Lobo e ou-

tros patriotas, proclamassem a Republica na madrugada de 15 de Novembro de 1889.

O Imperador foi banido para a Europa com toda a familia imperial, organisando-se, sob a direcção de Deodoro, um *Governo Provisorio, constituido pelo Exercito e a Armada, em nome da Nação.*

LIÇÃO XVI

Historia do Districto Federal

O Districto Federal é um pequeno territorio de 1.117 kilometros quadrados de superficie e destacado em 1834 da antiga provincia do Rio de Janeiro, com a denominação de *Municipio Neutro.* O nome actual foi-lhe dado em 1889, por occasião de ser proclamada a Republica.

Abrangendo, embora, um pouco mais que a cidade do Rio de Janeiro propriamente dita, confundem-se hoje as duas cousas, em consequencia do extraordinario desenvolvimento dos suburbios, cuja população e cujo casario se acham de todo identificados com os do perimetro urbano. A historia de um é, pois, com ligeiras modificações, a historia da outra.

Da cidade propriamente, é sabido que teve as suas origens em 1565, nas proximidades do Pão de Assucar, onde a fundou Estacio de Sá, tendo sido depois transferida em 1567 para o morro do Descanso (hoje do Castello), em cujas immediações se desenvolveu em toda a zona comprehendida entre a praia de *Santa Luzia* (*ponta do Calabouço*) e o morro de *S. Bento.* Foi seu primeiro governador

e capitão Salvador Corrêa de Sá, 2.º sobrinho de Mem de Sá.

Em 1572, com a divisão do Brasil em dous governos, passou o Rio de Janeiro a ser a séde do governo do sul (Dr. Antonio Salema), voltando, porém, cinco annos depois, a ficar de novo subordinada ao governo unico, localisado na Bahia.

Em 1661 deu-se no Rio a primeira revolução, motivada pelas rivalidades entre jesuitas e colonos, sendo então deposto o governador da cidade Salvador Corrêa de Sá e Benevides, (e não *Salvador Corrêa de Sá,* como ensinam erradamente quasi todos os compendios).

Em 1710 e 1711 foi o Rio victima das aggressões de Duclerc e Duguay-Trouin.

De 1733 a 1763, fazendo ainda parte da capitania do Rio de Janeiro, foi governado por Gomes Freire de Andrade, que mandou construir o convento e o acqueducto de Santa Threza.

Em 1763 transferiu o marquez de Pombal da Bahia para o Rio de Janeiro a capital do Brasil, tendo antes criado nella grande numero de escolas e o tribunal da *Relação.*

O maior impulso foi dado á cidade no governo de D. João VI, que nella criou as secretarias de Estado, tribunaes civis e militares, archivo, bibliotheca, juntas de commercio, academias, fabrica de polvora, jardim botanico, estabelecimentos de credito, imprensa, etc.

Progredindo sempre durante os dous primeiros reinados, alastrou-se a cidade, que, contando apenas 3.000 habitantes em 1648, 12.000 em 1711, 26.000 em 1749, 48.000 em 1808, 85.000 em 1821, 137.000 em 1838, 205.000 em 1849, e 275.000 em 1872, encerra hoje seguramente *mais de um milhão.*

Até 1834 pertencia a cidade á *provincia do Rio de Janeiro*, antiga *capitania* do mesmo nome. Foi, no entanto, naquella data, destacada da provincia, com mais alguns kilometros quadrados de territorio, constituindo assim a maior parte do *Municipio Neutro*.

Este passou a denominar-se em 1889 *Districto Federal*, e dentro delle se alargou de tal modo a cidade, que já difficilmente se conseguirá hoje estabelecer a distincção.

Dentre os mais illustres governadores (prefeitos) durante o periodo republicano, destaca-se o seu benemerito remodelador Francisco Pereira Passos.

Politicamente é o Districto Federal equiparado aos Estados da União, sendo representado no Congresso Federal por 3 senadores e 10 deputados.

5°. ANNO

HISTORIA

Programma

Revisão da materia dada.

Invasão dos Barbaros e ascendencia da civilisação greco-romana.

Imperio de Carlos Magno. Feudalismo.

Monarchias absolutas. Resultados da Revolução Franceza.

Aperfeiçoamentos industriaes, progressos scientificos da Idade Media.

NOTA. — Por este programma parece que a revisão da materia dada se limita á Historia Geral, pois que nelle não ha referencia á do Brasil. De qualquer modo, a revisão da pouca materia desta ultima disciplina, leccionada no 4° anno, poderá ser feita destacando-se os respectivos assumptos do programma ampliado do 6°. Será apenas méra questão de *dosagem*, que ficará dependendo da intelligencia e do criterio do professor.

SEGUNDA PARTE

(6º anno)

Programma:

Revisão da materia dada.

Revolta de Beckman. Emboabas, Mascates. Bandeiras.

Transmigração da familia real portugueza: D. João VI. A independencia e seus precursores.

O primeiro e o segundo reinado, comprehendida a regencia.

O elemento indigena, a catechese e a situação actual dos indigenas.

Historico das idéas republicanas no Brasil.

LIÇÃO I

Historia de Portugal

(BREVE RESUMO)

Até 1140 Portugal fazia parte da Hespanha, occupando com ella um territorio commum, onde Portuguezes e Hespanhóes constituiam ainda um só povo e uma unica civilisação. E', portanto. um paiz relativamente moderno, mas os seus habitantes e a raça que os caracterisa têm origens bastante remotas.

Os primeiros povoadores da peninsula hispanica foram os *Celtas* e os *Iberos*, de cujo cruzamento nasceu a raça mixta dos *Celtiberos*, que soffreu ainda a influencia de outros povos invasores, principalmente os Phenicios, os Gregos, os Carthaginezes e os Romanos.

Com a destruição de Carthago, no anno 146 AC, passou a Hespanha para o dominio de Roma, de cujo poder só se desprendeu no seculo V da nossa éra, na epoca da grande invasão dos Barbaros.

Nellas ficaram predominando então os *Wisigodos*, que se installaram na peninsula em 414, fundando em seguida um vasto imperio (a monarchia wisigothica) destruida, tres seculos depois, pelos Arabes, na batalha de *Guadalete* (711).

Os Arabes permaneceram na Hespanha durante mais de sete seculos, sendo, por fim, expulsos do seu ultimo reducto (o reino de Granada) em 1492.

Durante essa longa lucta entre as populações mestiças da Hespanha e os Arabes invasores, appareceu alli, nos fins do seculo XI, um principe francez (*Henrique de Borgonha*), que ajudou os christãos a expulsar os musulmanos.

Em paga dos serviços prestados, recebeu o conde a mão de D. Thereza (filha do rei da Hespanha, D. Affonso VI) e um pequeno territorio, destacado do da Galliza, e que se ficou chamando *condado de Porto Cale* (Portugal).

Em 1140 o joven principe D. Affonso Henriques (filho do conde de Borgonha) proclamou a independencia de Portugal e fez-se acclamar rei, tornando-se o fundador da monarchia portugueza.

Desde então foi o paiz governado successivamente por tres dynastias ou casas reaes (a de *Borgonha*, a de *Aviz* e a de *Bragança*), até que se tornou republica, em 5 de outubro de 1910.

A primeira dynastia (1140 a 1383) teve apenas nove reis, e durante o seu governo a população de Portugal quasi não se distinguia dos outros povos da Hespanha, senão pela independencia politica e do territorio. A propria lingua era ainda um dialecto da Galliza e muito parecida com a castelhana.

E' com a dynastia de Aviz (1383-1580) e depois da batalha de Aljubarrota, ganha contra os Hespanhóes pelo *mestre de Aviz* (D. João I), que Portugal começa a ter o caracter de nacionalidade. inspirando aos seus habitantes o sentimento e a consciencia de uma verdadeira patria.

Tal sentimento se fortifica e consolida, pouco depois, no seculo XV (durante os reinados de *D. Duarte, D. Affonso V, D. João II e D. Manoel*) com a gloria das empresas de navegação e dos descobrimentos maritimos, que tanto elevaram a fama e o nome de Portugal.

Essa epopéa do oceano, tão magistralmente cantada por Camões no seu bello poema dos *Lusiadas*, terminou brilhantemente em 1500, com o descobrimento do Brasil.

Em resumo:

Portugal e Hespanha constituiam antigamente uma unica e mesma nação, tendo todos os seus habitantes origens communs e soffrendo a influencia das mesmas correntes de civilisação. Suas primitivas populações eram formadas de *Celtas* e *Iberos*, a que se misturaram *Phenicios, Gregos, Carthaginezes, Romanos, Wisigodos* e *Arabes*.

Nellas predominou a civilisação *greco-latina*, que é a mesma dos povos do Occidente, a que pertencem a França, a Belgica e a Italia.

Foi esse ramo da civilisação greco-latina que Portugal transplantou para a America, e do qual somos nós hoje os herdeiros e continuadores nesta parte do novo continente.

A lingua portugueza proveio tambem directamente da latina, e é apenas uma simples transformação do dialecto falado na Galliza.

SYNOPSE

Celtas } Celtiberos
Iberos }

Celtiberos
Phenicios
Gregos
Carthaginezes
Romanos
Wisigodos
Arabes
} Hespanhóes e Portuguezes } civilisação greco-latina.

Independencia de Portugal 1140

DYNASTIA DE BORGONHA

Nove reis ..... (1140-1383)

DYNASTIA DE AVIZ

1 — D. João I. ..... (1383-1433)
2 — D. Duarte ..... (1433-1438)
3 — D. Affonso V ..... (1438-1481)
4 — D. João II ..... (1481-1495)
5 — D. Manoel ..... (1495-1521)

Os outros reis da dynastia de Aviz foram D. João III, D. Sebastião e D. Henrique (1521-1580).

LIÇÃO II

Descobrimentos maritimos. — Os dous cyclos de navegação

A idéa de chegar ás Indias pela via do oceano, afim de obter em primeira mão e por preço reduzido certos productos do Oriente (sêdas, velludos, tecidos de algodão, perolas, marfim, porcellanas, perfumes, cravo, canella, noz moscada, pimenta de cheiro, gengibre, etc.), que só chegavam á Europa atravez da Asia e por intermedio dos traficantes arabes, foi, durante muito tempo, a préoccupação constante dos navegadores portuguezes e hespanhóes, attrahidos pela sêde do lucro e das riquezas que o commercio directo daquelles productos havia de fatalmente proporcionar.

Durante muito tempo ficou esse projecto sem solução, por causa da idéa errada, que então se fazia, da fórma da terra, e da completa ignorancia dos conhecimentos geographicos em toda a Europa, no longo periodo da Edade Media.

No limiar, porém, dos tempos modernos (sec. XIV) começou a operar-se o grande movimento da *Renascença,* que tornou conhecidos os monumentos, até então completamente ignorados, das sciencias, das letras e das artes dos autores gregos e romanos.

No que se refere á Geographia, esses monumentos foram tambem uma verdadeira revelação, e por elles se soube que os Antigos tinham já idéas muito adiantadas, que a sciencia moderna veio depois confirmar.

Dous principios capitaes predominavam nos conhecimentos geographicos dos Gregos: o da redondeza da terra, e o de que a Europa, a Asia e a Africa eram envolvidas por um unico oceano, constituindo um só continente.

Consequencia do primeiro principio: si um viajante sahir de um ponto dado e navegar constantemente, seguindo sempre a mesma direcção, hade voltar forçosamente ao ponto de partida; logo, é possivel attingir o Oriente (as Indias) caminhando sempre na direcção do Occidente. (1) Consequencia do segundo principio: si um unico oceano rodeia a Europa, a Africa e a Asia, claro é que, sahindo alguem da primeira, bastar-lhe-á contornar a segunda para chegar á terceira (2).

O primeiro principio foi adoptado pelos Portuguezes e constituiu o ideal do chamado *cyclo africano* ou *periplo do sul;* o segundo foi preferido pelos Hespanhóes e deu logar ao *cyclo de oeste* ou *periplo do occidente.*

Assim uns e outros pretendiam realisar o mesmo projecto de chegar ás Indias, mas percorrendo caminhos differentes, e a verdade é que ambos conseguiram a realisação de taes designios. De que modo? Como se vê do mappa n. 1 e da maneira mais simples: os Portuguezes, explorando a costa

(1) Mostrar praticamente no globo.
(2) Idem.

da Africa e descobrindo primeiramente grande numero de ilhas, de cabos e de rios, até que Bartholomeu Dias logrou chegar, em 1486, ao cabo da Bôa Esperança, abrindo assim o caminho da Asia a Vasco da Gama, que aportou, afinal, a Calicut, em 1498; (3) os Hespanhóes, descobrindo primeiramente a America, em 1492 (viagem de Colombo) e contornando depois o continente americano pelo sul, até chegarem ás Indias pelo rumo do sudoeste, (4) em 1521, e voltando pela Africa para a Europa (viagem de circumnavegação do globo).

Resta-nos apenas mostrar como foi o Brasil quasi ao mesmo tempo descoberto por Hespanhóes e Portuguezes, isto é, por pilotos e marinheiros de ambos os cyclos de navegação.

(3) Acompanhar o roteiro do Gama, traçado no mesmo mappa.

(4) Acompanhar no mappa os roteiros de Colombo e de Fernão de Magalhães.

SYNOPSE

Cyclo hespanhol ou de Oeste	Idéa da redondeza da terra. Descobrimento da America por Colombo (12 de outubro de 1492). Viagem de circumnavegação do globo por Fernão de Magalhães e Sebastian del Cano (1520).
Cyclo Portuguez ou do Sul	Idéa de um só continente. Descobrimentos de ilhas, cabos e rios na costa da Africa (sec. XV). Bartholomeu Dias descobre o cabo da Bôa Esperança (1486). Vasco da Gama aporta a Calicut (1498) Pedro Alvares Cabral descobre o Brasil (1500).

LIÇÃO III

O descobrimento do Brasil pelos dous cyclos de navegação

Cyclo Portuguez ou do Sul — Precisando assegurar o commercio das Indias, depois da viagem de Vasco da Gama, resolveu o rei D. Manoel equipar uma poderosa esquadra, cujo commando foi dado ao almirante Pedro Alvares Cabral, governador da Beira e senhor de Belmonte.

A esquadra zarpou do Tejo no dia 9 de março de 1500, depois de uma missa solemne rezada na vespera, na ermida do Restello, por D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta. D. Manoel entregou a Cabral uma rica bandeira, abençoada pelo mesmo bispo, e toda a população de Lisbôa ergueu fervorosas preces ao céo pelo bom exito da expedição.

Poucos dias depois chegou a esquadra ás ilhas de *Cabo Verde* (mappa n. 1), onde,"*sem haver tempo forte nem contrario, desgarrou o navio de Vasco de Athayde*", parecendo explicar-se este facto pela existencia das *correntes oceanicas*, que até então não eram conhecidas nem calculadas.

Taes correntes, augmentando ainda mais o desvio proposital aconselhado para evitar as calmarias (1) da costa da Africa e as enfermidades de

---

(1) Calmaria quer dizer falta de vento, e era um obstaculo á marcha das caravellas, porque naquelle tempo toda a navegação era feita a vela.

que haviam sido victimas os marinheiros das expedições anteriores, foram a causa principal de terem sido os navios de Pedro Alvares Cabral impellidos até as plagas do Novo Mundo.

Aos 21 de Abril percebeu Cabral seguros signaes de terra (a côr escura das aguas, alem de hervas marinhas, madeiras fluctuantes e aves aquaticas) e no dia immediato (22) avistou um monte a que deu o nome de *Paschoal* (porque estava sendo então celebrada a festa da *Paschoa*).

A 23 (quinta-feira) chegaram os Portuguezes perto da praia e travaram as primeiras relações com os indigenas; a 24 (sexta-feira) fundearam os primeiros navios ao norte, numa enseada que recebeu o nome de *Porto Seguro;* a 25 (sabbado) entrou na mesma bahia o resto da esquadra, indo á terra dous degredados; a 26 (domingo), num ilhéo, que se chamou da *Corôa Vermelha,* foi rezada pelo guardião frei Henrique de Coimbra a *primeira missa no Brasil,* sendo celebrada a segunda no continente, no dia 1.º de maio e em presença de muitos selvagens da tribu dos *Tupininquins.* (1)

Depois de haver tomado posse da terra, no dia 1º. de maio, e de ter mandado André Gonçalves

---

(1) Está, pois, errado o titulo do famoso quadro de V. Meirelles, que representa a *segunda,* e não a *primeira missa no Brasil.*

NOTA — A descoberta do Brasil foi realisada no dia 22 de abril, mas ficou sendo commemorada a 3 de maio (dia da invenção da Santa Cruz), porque houve confusão por parte dos antigos colonos, e só tres seculos depois (1817) foi conhecida a verdadeira data do grande descobrimento, quando pela primeira vez appareceu uma carta que havia sido dirigida a D. Manoel por Pero Vaz de Caminha, chronista da esquadra de Cabral.

(ou Gaspar de Lemos) levar a D. Manoel a noticia do descobrimento, seguiu Cabral no dia 2 para as Indias, deixando na praia dous degredados.

Suppondo ter descoberto apenas uma ilha, deu-lhe o nome de Ilha de Vera Cruz, mudado, pouco depois, para o de *Terra de Santa Cruz* e, finalmente, para o de *Brasil* (nome de uma preciosa madeira vermelha, conhecida em tupi por *ibira-pitinga*).

Cyclo Hespanhol ou de Oeste — Está hoje averiguado que os navegadores hespanhóes Vicente Pinson e Diogo de Leppe chegaram, em janeiro e março de 1500, até o cabo de Santo Agostinho, precedendo assim a Pedro Alvares Cabral. Pinson, que havia sido companheiro de Colombo no descobrimento da America, veio, em fins de 1499, em procura de novas terras, e conseguiu tocar, em 25 de janeiro de 1500, a costa de Pernambuco, onde, a sete leguas do Recife, divisou um cabo a que deu o nome de *Santa Maria de la Consolación,* mudado depois por Vespucio para o de *Santo Agostinho.* Velejando para N O, costeou Pinson o littoral brasileiro, observou a embocadura do Amazonas (a que deu o nome de *mar dulce*) e, passando pelo cabo Orange, chegou, por fim, ao rio Oyapoc, que por muito tempo se chamou de *Vicente Pinson.*

Em fevereiro ou março do mesmo anno, Diogo de Leppe chegou tambem á altura do cabo de Santo Agostinho, velejou d'ahi para o sul e depois para o norte, costeou o Maranhão e foi ter egualmente á embocadura do Amazonas.

Estava, portanto, descoberto o Brasil pelos Hespanhóes, muito antes da viagem de Cabral, e tal descobrimento não foi mais do que uma conse-

quecia logica do do Novo Mundo, realisado por Colombo: não só o Brasil fazia parte da America, e havia de ser mais cedo ou mais tarde desvendado, como se achava no *periplo do occidente* ou *cyclo do oeste*, e bastaria um pequeno desvio para o sul, para que viesse a ser encontrado.

Como se explica, pois, que a gloria do facto pertencesse a Cabral, e não a Vicente Pinson e a D. de Leppe?

A resposta acóde facilmente: é que em 7 de março de 1494 havia sido celebrado pelas côrtes de Hespanha e Portugal o *tratado de Tordezilhas*, o qual declarava que, *a partir de uma linha imaginaria traçada de pólo a pólo e passando a 370 leguas a oeste das ilhas de Cabo Verde, pertenceriam á Hespanha as terras do Occidente, e a Portugal as do Oriente.* (1).

Ora, essa linha imaginaria vinha a passar a oeste de *Belem* do Pará, e da *Laguna*, em Santa Catharina, devendo, portanto, a faixa do littoral do Brasil, descoberta em 1500, pertencer fatalmente a Portugal, *ainda que Cabral não houvesse existido.*

Foi sem duvida, por essa razão, que Vicente Pinson e Diogo de Leppe só muito mais tarde revelaram a sua descoberta, pois do contrario teriam apenas apressado um facto que só podia satisfazer aos interesses de Portugal.

---

(1) O professor indicará no globo terrestre a direcção da linha de demarcação e a distancia que a separa das ilhas de Cabo Verde.

SYNOPSE

Cyclo Portuguez:

D. Manoel, rei de Portugal.....	Partida da esquadra a 9 de março.
D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta.....	Descobrimento do Brasil (22 de abril).
Pedro A. Cabral, almirante portuguez.	Entrada na Bahia de Porto Seguro (25).
Frei Henrique de Coimbra, guardião ..	Primeira missa, na Corôa Vermelha (26).
André Gonçalves	Segunda missa no continente (1 de maio).
	Partida para as Indias (2 de maio).

Cyclo Hespanhol:

Vicente Pinson, navegador.....	Sae de Palos (na Hespanha) em fins de 1499 e descobre o Brasil em janeiro de 1500.
Diogo de Leppe »	Sae de Palos em dezembro de 1499 e chega ao Brasil em fevereiro ou março de 1500.
Alonso de Ojeda »	Sae de Palos em 1500 e chega á fóz do Oyapoc, em junho do mesmo ann.

Tratado de Tordezilhas..... 1494

LIÇÃO IV

Os Indigenas do Brasil na epoca do descobrimento

Com o descobrimento do Brasil, dous elementos diametralmente oppostos se patentearam aos olhos do mundo: a terra e os seus habitantes.

Era flagrante e notavel o contraste entre esses dous elementos: ao passo que a terra era extraordinariamente bella e dotada de todas as riquezas imaginaveis, o homem era excessivamente feio, rude e atrazado.

Da primeira dizia já Pero Vaz de Caminha, na carta dirigida a D. Manoel: — *"Esta terra, Senhor, é, em toda praia, chan e mui formosa. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nella tudo"*.

Todos os poetas têm decantado as maravilhas da natureza brasileira, e já a nossa meninice foi embalada pelos harmoniosos versos do grande Gonçalves Dias:

"Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá."

E o sentimental e doce Casimiro de Abreu de-

dicou-lhe tambem as mais suaves melodias da sua lyra inspirada:

"Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha;
Nas debeis cordas da lyra
Heide fazel-a rainha;
Heide dar-lhe a realeza
Nesse throno de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha."

A par dessa natureza prodigiosa e brilhantissima o que havia de mais insignificante e menos digno de admiração eram os povos que a habitavam.

Esses povos, constituidos por individuos selvagens, comprehendiam quatro grandes nações: *tupi, tapuia, cariba* e *nu-aruac*. Destas, só as duas primeiras viviam no littoral; só dellas, portanto, nos occuparemos na presente lição.

Tupis — Foram os que estiveram mais em contacto com os primeiros colonisadores e subdividiam-se em *tupis propriamente ditos* e *guaranis*. Amavam sobretudo a guerra e a navegação. Na historia do Brasil as suas tribus mais importantes foram as dos *Tamoios, Tupininkins* e *Tupinambás*.

Tapuias — Constituiam a segunda grande nação Indigena com que se puzeram em contacto os primeiros colonisadores; eram caçadores rudes, não tendo habitações por elles construidas, nem lavouras. Suas principaes tribus eram a dos *Aymorés* e a dos *Botocudos*.

Os Tupis e os Tapuias distinguiam-se uns dos outros por notaveis differenças, a saber:

1.ª) Os *tupis* possuiam uma lingua geral, que os *tapuias* não conheciam.

2.ª) Tinham *tabas* ou aldeias, ranchos e palhoças, e cultivavam o milho, o feijão e a mandioca, ao passo que os outros viviam errantes, só se alimentavam de caça e de pesca, e não tinham habitações.

3.ª) Os tupis devoravam por odio; os tapuias, mais selvagens e ferozes, devoravam tambem por gula.

O apparecimento dos *tupis* é posterior, e foram elles os vencedores, que expulsaram para o interior os antigos habitatnes do littoral.

Traços communs — tupis e tapuias desfiguravam-se, furando as orelhas, os labios e o nariz, e introduzindo nelles metáras ou *batoques*.

Pintavam o corpo com a tinta negra do genipapo, ou a vermelha do urucú. Andavam nús, ou quasi nús, e usavam cocares de pennas vermelhas ou amarellas (*acanguape* e *kanitar*).

No pescoço os homens traziam collares de ossos ou dentes do inimigo; as mulheres usavam collares e pulseiras de contas. Na cintura, uma faixa de pennas (*enduape* para os homens e *arasoia* para as mulheres).

Viviam em *ocas* (casas), aggrupadas em *tabas* ou aldeias, que duravam quatro annos, transformando-se depois em *tapéras*.

Os homens occupavam-se da guerra e dos meios de subsistencia (caça, pesca e roça); as mulheres com as colheitas, o preparo das comidas, bebidas fermentadas (*cauim*), venenos, etc.

Assavam os alimentos nas brasas e o peixe no borralho.

Objectos domesticos: o *panicú* (canastra de palha), a rêde, a cuia, a cabaça para a farinha, e a *igaçaba* (pote para vinhos).

Utensilios de caça: flechas, arco, laços, armadilhas, mundéos, etc. *De pesca:* anzóes, rêdes e settas.

Armas de guerra: arco e flechas, *tacape*, (massa ou clava) e *murucú* (lança de páo).

Instrumentos: maracá (chocalho), *inubia* (busina), *uai* (tambor), *memby* (gaita), *boré*, etc.

Eram vingativos e crueis.

Nas doenças o tratamento era feito por meio de plantas e dieta; nos casos de mordedura de cobra, espremiam o sangue das feridas e applicavam-lhes o calor do fogo.

Admittiam tres deuses principaes: o sol (*guarahy*) mãe dos viventes; a lua (*jacy*) mãe dos vegetaes; e o deus do amor (*rudá*).

Além desses, havia outros entes sobrenaturaes: *anhangá, macacheras, caapóras, curupiras*, etc.

Os sacerdotes e curandeiros tinham o nome de *pagés*.

O fetichismo preponderava em muitas tribus, sendo os Aymorés os maiores idolatras.

Viviam em continuas guerras e devoravam quasi sempre os prisioneiros.

SYNOPSE

NAÇÕES SELVAGENS: tupis, tapuias, caribas e nu-aruacs.

PRINCIPAES TRIBUS

Tupis..... { Tamoios, Tupininkins, Tupinambás

Tapuias.... { Aymorés, Botocudos

Differenças.

Traços communs.

Usos e costumes, meios de vida e crenças religiosas dos selvagens do Brasil.

LIÇÃO V

Primeiras explorações. — Tentativas de colonisação; as primeiras feitorias

A illusão de Cabral, de que havia descoberto apenas uma ilha de cerca de setenta leguas de comprimento, foi naturalmente perfilhada por D. Manoel, que communicou aos soberanos da Europa o auspicioso acontecimento, mandando logo no anno seguinte (1501) uma frota exploradora ao Brasil. Essa expedição era commandada por André Gonçalves (ou Gonçalo Coelho), mas de facto dirigida pelo florentino Americo Vespucio, piloto e marinheiro de grandes conhecimentos.

Vespucio não ministrou boas informações acerca da nova terra, mas tornou conhecidas mais de novecentas leguas da costa brasileira.

Nesse percurso foram os exploradores babtisando com o nome do santo ou santos do dia cada uma das terras em que tocavam. Assim, chegaram no dia 16 de agosto ao cabo de *S. Roque;* a 28 ao cabo de *Santo Agostinho;* a 4 de outubro ao rio *S. Francisco;* a 21 ao rio das *Virgens;* a 1.º de novembro á bahia de *Todos os Santos;* a 21 de dezembro ao cabo de *S. Thomé;* a 1.º de janeiro de 1502 ao *Rio de Janeiro;* (1) a 6 do mesmo mez á

---

(1) Suppuzeram que a bahia do Guanabara fosse um rio.

Angra dos Reis; a 20 á ilha de *S. Sebastião*, e a 21 a *S. Vicente*.

Na 2.ª expedição (1503), em que tambem tomou parte Vespucio, fundaram os exploradores as tres primeiras feitorias do Brasil.

Entre a 2.ª e a 3.ª citam-se algumas expedições particulares, entre as quaes a de D. Francisco de Almeida, em 1505; a de Tristão da Cunha, em 1506; a de Nuno Manoel, em 1513; e as de João Dias de Solis, em 1508 e 1515.

A 3.ª, organisada em 1516 e commandada por Christovão Jacques, foi a primeira expedição de caracter militar e teve por fim guardar a costa contra os assaltos dos piratas estrangeiros, que aqui se entregavam ao contrabando de páo brasil.

A 4.ª foi organisada já no tempo de D. João III e commandada pelo mesmo Christovão Jacques, que na Bahia de Todos os Santos metteu a pique tres navios francezes e aprisionou as respectivas guarnições.

A 5.ª foi organizada em 1530 e commandada por Martim Affonso de Souza, encarregado de fundar uma grande colonia, que servisse de ponto de apoio ás esquadras e permittisse expulsar os estrangeiros da costa do Brasil.

Martim veio acompanhado de seu irmão, Pero Lopes de Souza. Tocou primeiramente em Pernambuco, onde aprisionou tres navios francezes carregados de páo brasil, e mandou Diogo Leite para o norte, afim de explorar o Maranhão. Na Bahia foi recebido por *Caramurú* (1), e do Rio de Janeiro mandou para o interior uma expedição (a primeira *entrada*), que viajou cerca de cento e

(1) Recordar a lenda aprendida nas classes anteriores.

vinte leguas atravez de valles e montanhas, trazendo apenas noticias acerca do rio Paraguay.

Chegando até o rio da Prata, voltou para o norte e desembarcou em *S. Vicente*, onde fundou a primeira colonia regular do Brasil (1532).

Subindo a serra, fundou nas planicies de *Piratininga* a povoação de *Santo André da Borda do Campo* (primeiro nucleo da futura cidade de S. Paulo), recebendo a coadjuvação de João Ramalho, que lhe proporcionou a alliança dos *Tamoios*, graças á sua qualidade de marido de *Bartyra*, filha do cacique *Tabireça*.

Em ambas as colonias introduziu Martim grande numero de animaes domesticos, a canna de assucar e varias fructas da Europa, estabelecendo em S. Vicente um engenho para a moagem da canna e o fabrico do assucar e aguardente.

Martim Affonso de Souza retirou-se para Portugal em 1534, sendo, pouco depois, nomeado capitão-mór da India.

Primeiras Feitorias. — Fundaram-se no tempo da expedição de Gonçalo Coelho e tiveram por sédes *Santa Cruz* (na Bahia), *Rio de Janeiro* e *Cabo Frio*. Christovão Jacques fundou as de *Iguarassú* e *Itamaracá* em Pernambuco; Martim Affonso as de *S. Vicente* e *Piratininga*.

Essas primeiras feitorias, ou primitivos nucleos coloniaes, iniciaram a cultura da canna de assucar, principalmente em Pernambuco e na Bahia, onde se fundou mais tarde grande numero de engenhos.

Junto ás feitorias foram crescendo os povoados, que progrediram e se transformaram depois em villas, aldeias e cidades.

SYNOPSE

D. Manoel..... (1495-1521)
D. João III..... (1521-1556)

Expedições exploradoras.....
- André Gonçalves (?)
- Gonçalo Coelho.
- Armadores particulares.

Expedições militares.....
- Christovão Jacques (1516).
- » » (1526).
- Martim A. de Souza (1530).

Primeiras colonias.....
- S. Vicente (1532).
- Piratininga (idem).

Primeiras feitorias.....
- Santa Cruz.
- Rio de Janeiro.
- Cabo Frio.
- Iguarassú.
- Itamaracá.

LIÇÃO VI

Capitanias Hereditarias

Não obstante a relativa properidade de S. Vicente e Piratininga, continuava a ser difficil a colonisação do Brasil, não só por exigirem aquelles nucleos enormes sacrificios do thesouro, como por causa da preferencia que os Portuguezes continuavam a dar ás Indias, onde encontravam maiores probabilidades de fortuna.

Foi por essas razões, e mais ainda por causa do contrabando de páo brasil, exercido por muitos estrangeiros, que resolveu D. João III adoptar no Brasil o systema das *capitanias hereditarias* (divisão do territorio em diversos lotes ou porções, doadas a diversos fidalgos, que dellas teriam posse perpetua e transmissivel a seus herdeiros).

Alem de conceder grandes vantagens e privilegios aos donatarios, propunha-se o governo portuguez a auxiliar a colonisação e a defesa militar das capitanias, facilitando a vinda dos que quizessem emigrar do reino, remettendo levas de degredados e fornecendo soldados, armas e munições.

Foi, pois, dividido o littoral do Brasil em porções de terra, que começavam á beira mar e esten-

diam-se para o interior, até a linha de demarcação do tratado de Tordezilhas (1).

Os donatarios seriam senhores quasi absolutos nos seus dominios; teriam o titulo de capitaes-móres e governadores militares das villas que fundassem. A Corôa exercia apenas uma especie de protectorado, reservando para si o quinto dos metaes e pedras preciosas, o monopolio do páo brasil, das drogas e especiarias, e o dizimo de todos os outros productos.

Eram tambem os donatarios autorisados a escravisar os indigenas de que necessitassem para o seu serviço, originando-se d'ahi a *escravidão vermelha*, ao lado da *negra ou africana*, que já existia desde dous annos antes (1532).

Para facilitar a vinda de colonos, concederam-se tambem a estes varias regalias, como, por exemplo, a de não serem perseguidos, por delictos anteriores, nem processados em uma capitania em consequencia de crimes praticados em outra. Tornava-se assim o novo systema uma revivescencia completa do *feudalismo* da Edade Media, já condemnado e desapparecido de muitos paizes da Europa.

Para o estudo de cada uma dessas capitanias, indispensavel se torna o auxilio do mappa n. 2.

Capitanias e Donatarios — Os lotes não tinham todos a mesma extensão, e alguns ficavam encravados dentro de outras capitanias. Resultou d'ahi que foi de *quinze* o numero dos quinhões, sendo apenas de *doze* o das capitanias e dos donatarios.

Examinemos cada uma dellas:

1.ª S. Vicente — Comprehendia dous quinhões

(1) Mappa n. 2.

sem territorios contiguos, porque dentro della se achava encravado um dos tres da 2.ª capitania. Foi doada a Martim Affonso de Souza e abrangia 100 leguas, desde o rio Macahé até 12 leguas ao sul da ilha de Cananéa (na barra de Paranaguá), exceptuando-se uma faixa de 10 leguas, do rio Curupacê até o rio S. Vicente (ao sul de Santos).

Martim Affonso não tomou posse dos seus dominios, deixando-os entregue a João Ramalho e Gonçalo Monteiro.

A capitania de S. Vicente faz hoje parte dos Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas e Paraná.

2.ª Santo Amaro — (Doada a Pero Lopes de Souza). Media 80 leguas e constava de tres quinhões distantes e separados:

1.º (*Terra de Santa Anna*). Media 40 leguas e estendia-se desde a barra de Paranaguá até o rio *Mampituba*, ao sul da Laguna (em Santa Catharina).

2.º (*Santo Amaro*). Media 10 leguas e achava-se encravado entre os dous quinhões da capitania de S. Vicente, indo desde a barra de Santos (Rio S. Vicente) até o rio *Curapacê* (hoje *Juquiriquerê*).

3.º (*Itamaracá*). Com 30 leguas, ia desde o rio *Iguassú* (em Pernambuco) até a *bahia da Trahição* (na Parahyba), comprehendendo tambem a ilha de Itamaracá.

Pero Lopes não voltou ao Brasil desde 1533, perecendo em um naufragio, perto de Madagascar.

A Terra de Santa Anna ficou sem ser povoada; Santo Amaro foi administrada por Gonçalo Affonso, e Itamaracá por João Gonçalves.

Santo Amaro e Sant'Anna fazem hoje parte dos Estados de S. Paulo, Paraná e S. Catharina; Ita-

macará faz parte de Pernambuco, Parahyba, Piauhy, Maranhão e Goyaz.

3.ª Parahyba do Sul — (Doada a Pero Góes da Silveira). Media cerca de 30 leguas, desde o rio Macahé até o *Itapêmirim*. Foi abandonada pelo donatario em 1546. Constitue hoje parte dos Estados do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo.

4.ª Espirito Santo — (Vasco Fernandes Coutinho). Media 50 leguas, do *Itapêmirim* até o *Mucury*. Seu donatario fundou varias povoações, entre as quaes a da *Victoria*. Victima dos selvagens e dos colonos, acabou na maior miseria.

A capitania constitue hoje o Estado do Espirito Santo e parte do de Minas.

5.ª Porto Seguro — (Pero de Campos Tourinho). Estendia-se por 50 leguas, desde o *Mucury* até o *Jequitinhonha*, perto de Porto Seguro. Prosperou a principio, mas decahiu depois, victimada por constantes ataques dos Aymorés.

Faz hoje parte da Bahia, de Minas e Goyaz.

6.ª Ilhéos — (Jorge de Figueiredo Corrêa). Constava tambem de 50 leguas, desde P. Seguro até a Barra de *Todos os Santos*, entre os rios Jequitinhonha e *Jaguaripe*. Foi administrada pelo hespanhol Francisco Roméro.

Faz hoje parte da Bahia, de Minas e Goyaz.

7.ª Bahia — (Francisco Pereira Coutinho). Ia, por 50 leguas, desde a Bahia de Todos os Santos, á foz do rio *S. Francisco*. O donatario luctou com grandes difficuldades e naufragou perto de Itaparica, onde foi devorado pelos indios Tupinambás.

A capitania faz hoje parte dos Estados de Sergipe, da Bahia e de Goyaz.

8.ª Pernambuco — (Duarte Coelho). Trinta leguas, desde a foz do S. Francisco até o rio *Iguarassú*, ao norte da actual cidade do Recife. O primeiro estabelecimento foi fundado em Olinda. Duarte Coelho fomentou a producção da canna de assucar, do algodão e dos cereaes.

Faz parte de Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Bahia, Piauhy, Maranhão e Goyaz.

9.ª, 10.ª e 11.ª Maranhão — (João de Barros, Fernão Alvares de Andrade e Ayres da Cunha). Eram formadas por tres porções differentes, sendo cada uma dellas commum ás tres capitanias.

A 1.ª porção (João de Barros e A. da Cunha) media 100 leguas, da Bahia da trahição até a barra do *Massoró* (no limite do Rio Grande do Norte com o Ceará).

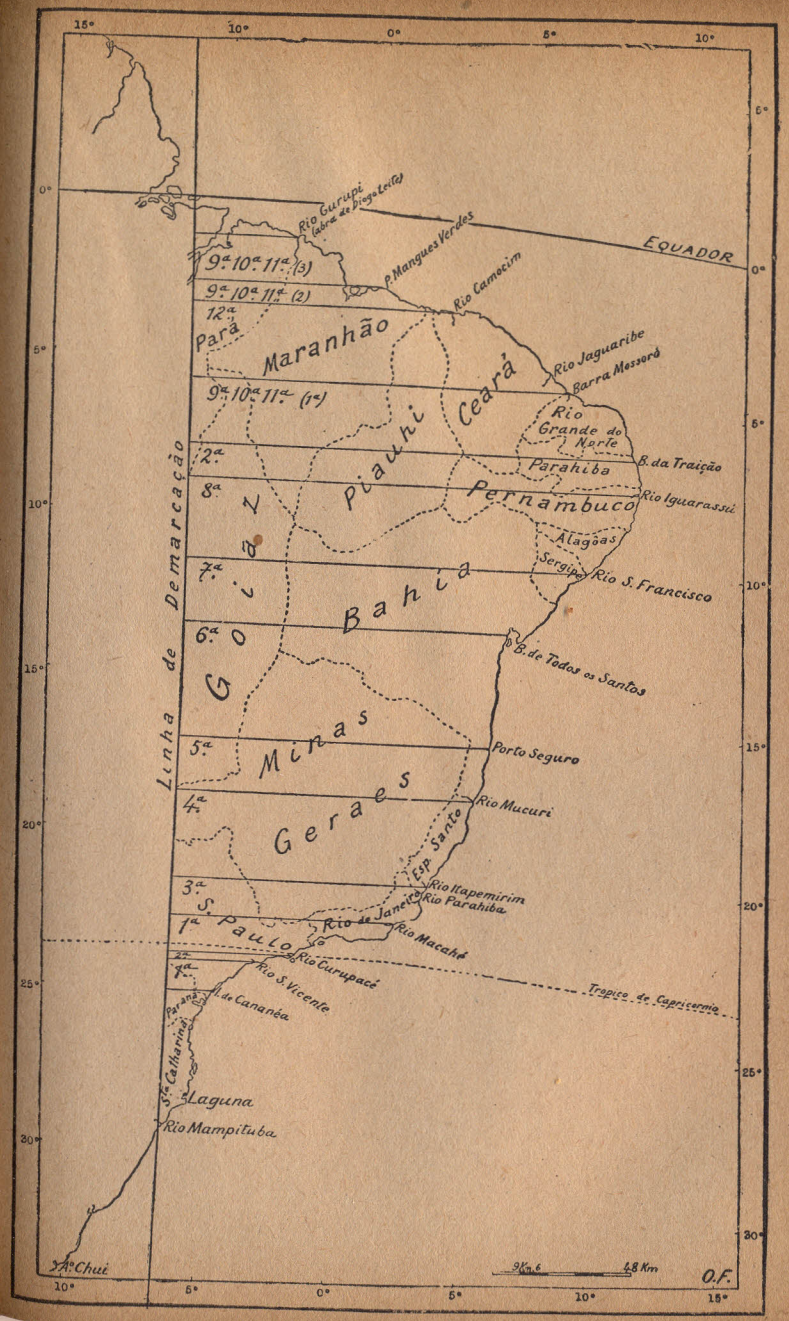
A 2.ª (Alvares de Andrade) tinha 75 leguas e ia desde o rio *Camocim*, no Ceará, até a Ponta dos *Mangues Verdes*, no Maranhão, e abrangia o Piauhy.

A 3.ª (tambem de João de Barros e A. da Cunha) tinha 50 leguas e ia desde a P. dos Mangues Verdes até o rio *Gurupy* ou *obra de Diogo Leite* (limite entre o Maranhão e o Pará).

As tres capitanias fazem parte dos Estados do Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Goyaz.

12.ª Ceará — (Antonio Cardoso de Barros). Encravada entre a 1.ª e a 2.ª das capitanias precedentes, contava 40 leguas e ia desde a barra do Mossoró até o rio Camocim, no Ceará. O donatario deixou de promover a colonização e veio mais tarde servir de provedor-mór no governo de Thomé de Souza.

A capitania faz hoje parte dos Estados do Ceará, Piauhy, Maranhão e Pará.



EQUADOR
Rio Gurupi (abra de Diogo Leite)
P. Mangues Verdes
Rio Camocim
Rio Jaguaribe
Barra Mossoró
Rio Grande do Norte
B. da Traição
Parahiba
Rio Iguarassú
Alagôas
Sergipe
Rio S. Francisco
B. de Todos os Santos
Porto Seguro
Rio Mucuri
Esp. Santo
Rio Itapemirim
Rio Parahiba
Rio de Janeiro
Rio Macahé
Rio Curupacé
Rio S. Vicente
I. de Cananéa
Paraná
Sta. Catharina
Laguna
Rio Mampituba
Ao. Chui
Tropico de Capricornio
Linha de Demarcação
Pará
Maranhão
Piauhi
Ceará
Goiaz
Bahia
Minas Geraes
S. Paulo
9a. 10a. 11a. (3)
9a. 10a. 11a. (2)
12a.
9a. 10a. 11a. (1a)
2a.
8a.
7a.
6a.
5a.
4a.
3a.
1a.
2a.
1a.
9 Km 6
48 Km
O.F.

SYNOPSE

D. João III, rei de Portugal.

CAPITANIAS E DONATARIOS

1.ª *S. Vicente* (dois quinhões) — Martim A. de Souza.
2.ª *Santo Amaro, Sant'Anna* e *Itamaracá* — (tres quinhões) — Pero Lopes de Souza.
3.ª *Parahyba do Sul* — Pero Góes da Silveira.
4.ª *Espirito Santo* — Vasco F. Coutinho.
5.ª *Porto Seguro* — Pero de Campos Tourinho.
6.ª *Ilhéos* — Jorge de F. Corrêa.
7.ª *Bahia de Todos os Santos* — Francisco P. Coutinho.
8.ª *Pernambuco* — Duarte Coelho.
9.ª, 10.ª e 11.ª — *Maranhão* — João de Barros, Fernão de Andrade e Ayres da Cunha.
12.ª Cear— áAntonio Cardoso de Barros.

LIÇÃO VII

A Centralisação e a defeza; o governo geral. — Thomé de Souza e a fundação da cidade da Bahia

Quinze annos apenas de experiencia bastaram para que se mallograsse o systema das capitanias hereditarias. A vida desregrada dos colonos, que se corromperam, adoptando os usos e costumes dos selvagens; a constante remessa, feita pela metropole, de criminosos e degredados; a impunidade de muitos delinquentes, que fugiam de uma capitania para outra, subtrahindo-se á acção da justiça; as constantes hostilidades dos indigenas; o excesso de poder concedido aos donatarios; o perigo dos corsarios estrangeiros, que ameaçavam arruinar o commercio de Portugal e apoderar-se do Brasil; a falta de unidade e de sentimento commum entre circumscripções tão vastas e separadas; taes foram as causas principaes que concorreram para o desastre de quasi todas as capitanias, das quaes só a de S. Vicente e a de Pernambuco apresentaram sensiveis progressos.

Para remediar a tantos inconvenientes, e estabelecer um centro commum, onde se exercesse a acção de uma autoridade unica, para reprimir as aggressões internas e externas (dos piratas e dos selvagens), resolveu D. João III instituir um *go-*

verno geral com a necessaria centralisação politica e administrativa, sendo nomeado primeiro governador Thomé de Souza, que já se havia distinguido na Asia.

Esse chefe de governo era auxiliado por tres funccionarios superiores (especie de ministros) sendo um director da justiça, outro da fazenda e outro da defesa militar (*ouvidor geral, provedor-mór e capitão-mór da costa*). Para taes cargos foram nomeados: o desembargador Pero Borges, Antonio Cardoso de Barros (ex-donatario do Ceará) e Pero Góes da Silveira (ex-donatario da Parahyba do Sul).

THOMÉ DE SOUZA — Chegou á Bahia em 29 de março de 1549, sendo recebido com seus companheiros por Caramurú, varios colonos da antiga capitania e muitos indios tupinambás. Trouxe comsigo a primeira leva de jesuitas, chefiada pelo padre Manoel da Nobrega e da qual fazia parte Aspicuelta Navarro.

Tendo comprado a capitania da Bahia, tratou logo Thomé de Souza de escolher o local para a fundação da nova cidade, que se chamou *do Salvador.*

FUNDAÇÃO DA BAHIA — A antiga povoação, fundada por Caramurú, estava quasi reduzida a uma simples aldeia de indios. Nella se installou provisoriamente o governador geral com a sua gente, resolvendo depois fundar a nova cidade um pouco ao norte da *Villa Velha* de Diogo Alvares, numa elevação que fica junto da praia, em fórma de amphitheatro.

Derrubada a matta e aplainado o terreno, traçaram-se as ruas e praças, começando-se logo a

construcção dos edificios publicos, com o auxilio dos antigos colonos e de todos os indios.

Os primeiros predios levantados foram: a casa do governador, a casa da Camara, a cadeia, a egreja matriz, o collegio dos padres, a Sé para o bispado, e os armazens para a alfandega.

Abriram-se, em seguida, duas ladeiras communicando a cidade com a praia, e uma estrada para Villa Velha.

Ao cabo de seis mezes de constantes trabalhos, foi no dia 1.º de novembro de 1549, installada solemnemente a cidade *do Salvador da Bahia,* capital do Brasil durante o largo periodo de mais de duzentos annos.

Muitos outros serviços prestou ainda Thomé de Souza: construiu fortificações; procurou attrahir a cooperação dos selvagens; promoveu a cultura das terras; mandou vir grande quantidade de gado das ilhas de Cabo Verde; pediu a remessa de mulheres, de que havia grande falta; requisitou nova leva de jesuitas, vindo para o Brasil, entre outros, o padre Manoel de Paiva; e obteve a creação de um bispado independente, do qual foi primeiro bispo D. Pero Fernandes Sardinha.

Chegando ao Rio, ficou encantado com a terra e pediu a D. João III que a mandasse povoar *por gente honrada e bôa;* approvou a edificação da villa de Santos e mandou construir a fortaleza de *Bertioga;* fundou as villas de *Conceição de Itanhaem* e de *Santo André da Borda do Campo;* e despachou as primeiras entradas em busca de minas auriferas.

Depois de se haver demorado quatro annos no Brasil (1549-1553), partiu para Portugal, succedendo-lhe D. Duarte da Costa.

SYNOPSE

D. João III, rei..... (1521-1556)
D. Catharina d'Austria, regente..... (1556-1569)
D. Sebastião, rei..... (1569-1578)
D. Henrique, rei..... (1578-1580)
D. Duarte da Costa (2.º governador)..... (1553-1558)
Mem de Sá (3.º governador)..... (1558-1572)

Principaes Jesuitas.. { José de Anchieta. / Luiz da Gran.

Fundação de S. Paulo..... (25-1-1554)
2.º *Bispo*, D. Pero Leitão.
Expulsão dos Francezes..... 1567
Morte de Mem de Sá..... 1572
Divisão do governo geral..... 1573

Governador do Norte, Dr. Antonio Salema.
Governador do Sul, Conselheiro Luiz de Brito.

LIÇÃO VIII

Continuação do Governo Geral. — D. Duarte da Costa e Mem de Sá

D. DUARTE DA COSTA (1553-1558) — Chegou em julho de 1553 e trouxe comsigo os jesuitas José de Anchieta e Luiz da Gran.

Manoel da Nobrega, elevado á categoria de *provincial* da Ordem, fundou em Piratininga o *Collegio dos Trabalhos Apostolicos,* num valle comprendido entre os rios Anhangabahú e Tamanduátehy. O collegio veio a dar o nome á povoação de *S. Paulo,* por ter sido a primeira missa celebrada no dia 25 de janeiro de 1554 (1).

A transferencia dos moradores de Piratininga, para as immediações do collegio deu origem ás primeiras rivalidades entre jesuitas colonos, aggravando-se ainda a discordia com a attitude do bispo, reprehendendo publicamente o joven D. Alvaro da Costa, filho do governador. Chamado a Lisbôa, naufragou o bispo, junto aos baixios de D. Rodrigo, sendo elle e o seu companheiro, Antonio Cardoso de Barros, devorados pelos Caetés.

---

(1) 25 de Janeiro é a data da conversão daquelle santo.

As reptidas aggressões dos selvagens, dirigidos pelo terrivel cacique *Cunhambebe*, e o estabelecimento dos Francezes no Rio de Janeiro vieram embaraçar ainda mais o governo de D. Duarte da Costa.

Sem meios de defeza e abandonado pelo governo de Portugal, que era já então exercido pela rainha D. Catharina d'Austria (regente, durante a minoridade de D. Sebastião), regressou D. Duarte a Lisbôa, em 1558, depois de uma administração verdadeiramente infeliz.

MEM DE SA' (1558-1572) — Começou por acalmar os animos e pôr-se de accôrdo com os jesuitas, mandando aldeiar os indigenas em missões mais compactas e dando-lhes combates em todos os pontos em que tentaram sublevar-se.

Obtida a tranquillidade, fez prosperar a colonia, estimulando a agricultura e o trabalho dos engenhos.

O maior, porém, de todos os seus serviços foi a expulsão dos Francezes da bahia do Rio de Janeiro.

Recebendo reforços e auxiliado pelo novo bispo, D. Pero Leitão, e pelos jesuitas de S. Vicente, partiu para o Rio, onde começou logo a bombardear a ilha de *Villegaignon*, occupada então por 150 Francezes e cerca de 1.000 indios Tamoios.

Em 1.º de março de 1560 foi a fortaleza tomada e arrazada, cahindo em poder de Mem de Sá cerca de 100 prisioneiros.

Em 31 de Março seguiu o governador para S. Vicente, de onde mandou para o interior uma expedição exploradora. Passou pelo Espirito Santo e chegou á Bahia.

De 1560 a 1562 foi grande a prosperidade da colonia; mas, instigados pelos Francezes, reuniram-se os indios na celebre *Confederação dos Tamoios*, que pretendia atacar e arrazar a cidade de S. Paulo, começando pela devastação de varias fazendas.

Nobrega e Anchieta evitaram tamanha calamidade, procurando os chefes do gentio e celebrando com elles a paz de *Iperoig*.

Haviam, no entanto, voltado os Francezes ao Rio de Janeiro, onde se installaram de novo, com o auxilio dos Tamoios e de muitos compatriotas vindos de Cabo Frio.

Com reforços chegados da Europa em 1565 e reunidos aos que recebeu no Espirito Santo e S. Vicente (indios e canôas) partio para o Rio Estacio de Sá (sobrinho do governador), que sustentou durante quasi dous annos uma serie de guerrilhas inuteis.

Finalmente, em 1567, chegou ao Rio Mem de Sá, com uma grande expedição e, a 20 de janeiro, (dia de S. Sebastião) derrotou os Francezes no forte de *Uruçú-mirim* (na actual praia do Flamengo) e, em seguida, na ilha de Villegaignon e na de *Maracaiá* ou do *Gato*, que se chamou depois dos *Sete Engenhos* e, finalmente, *do Governador*.

Estacio de Sá recebeu uma flechada no rosto, da qual veio a morrer alguns dias depois.

Mem de Sá retirou-se para a Bahia e de lá continuou a insistir pela sua demissão, vindo a fallecer naquella cidade aos 2 de março de 1572.

Para succeder a Mem de Sá foi nomeado D. Luiz de Vasconcellos, que morreu em viagem, com-

batendo contra uma esquadrilha de corsarios francezes.

Em 1573 dividiu D. Sebastião o Brasil em dous governos, um do norte e outro do sul, sendo para elles nomeados o Dr. Antonio Salema e o conselheiro Luiz de Brito e Almeida.

Em 1577 foi restabelecida a antiga unidade de governo; mas pouco depois (1580) passou Portugal, e consequentemente tambem o Brasil, para o dominio da Hespanha, sob a corôa de Philippe II.

SYNOPSE

D. João III, rei..... (1521-1556)
Thomé de Souza (1.º governador geral)..... (1549-1553)

Principaes Jesuitas..... { Manoel da Nobrega. / Aspicuelta Navarro. / Manoel de Paiva.

Primeiro bispo, Pero Fernandes Sardinha.

Fundação da Bahia, 1.º de Novembro de 1549.

Villas fundadas..... { Santos. / Conceição de Itanhaem. / S. André da Borda do Campo.

LIÇÃO IX

Fundação da cidade do Rio de Janeiro

Os primeiros fundamentos da modesta povoação de que resultou a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro foram lançados em 1565, por Estacio de Sá, quando aqui chegou com a incumbencia de desalojar os Francezes das ilhas e do littoral da bahia do Guanabara.

Divergem as opiniões dos nossos historiadores acerca do local exacto em que se installou o sobrinho de Mem de Sá, nas proximidades do *Pão de Assucar*: segundo uns, foi na actual *Praia Vermelha* (onde funccionou a Exposição Nacional de 1909); segundo outros, foi na varzea em cujas proximidades se encontra o morro de *S. João*, antigamente denominado *Cara de Cão*.

De 1565 a 1566 mandou Estacio de Sá executar varios trabalhos preliminares, taes como o aplainamento do terreno, a derrubada de mattas, a demarcação do recinto, a creação de um baluarte, a construcção de casas de madeira e de barro cobertas de palha, a edificação de uma capella, e muitos outros importantissimos, lavrando, em seguida, as nomeações para os diversos cargos da administração e da justiça, e fazendo tambem grandes distribuições de terras ao longo do littoral da bahia.

Nomeado o *alcaide-mór* (Francisco Dias Pinto),

pediu este a Estacio de Sá que o empossasse no cargo, realisando-se então a seguinte cerimonia:

"*Cerrou o alcaide as portas da cidadella e fortaleza, permanecendo da parte de dentro, e tendo ficado Estacio fóra das portas e muros. Perguntou-lhe então o alcaide si queria entrar e quem era elle. Ao que respondeu Estacio que queria entrar e que era o capitão da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, em nome d'El-Rei, Nosso Senhor. E immediatamente lhe foi aberta a porta, dizendo o alcaide-mór que o reconhecia por seu capitão, em nome de S. Alteza, senhor daquella cidade.*"

Expulsos, porém, os Francezes, afugentados os Tamoios e conhecida melhor a situação do terreno, verificou-se logo a vantagem que havia em transferir a povoação para outro local. Escolheu-se o morro do *Descanço* (hoje do *Castello*) situado em frente a *Villegaignon* e não muito longe da barra, levantando-se uma fortificação no pico mais elevado (o de *S. Januario*).

Deu-se então começo á construcção da egreja matriz, do collegio dos Jesuitas, da casa da Camara, da alfandega, de armazens da fazenda real, etc., estendendo-se a cidade pela *ladeira da Misericordia* e proximidades da praia de *Santa Luzia* (antigo *porto da Piassaba*).

Parece mesmo averiguado que foi o padre José de Anchieta quem iniciou, alguns annos mais tarde, a construcção do grande hospital que tem hoje o nome *de Santa Casa da Misericordia.*

Dentro em pouco foi-se alastrando a cidade por toda a varzea comprehendida entre os morros do *Castello* e de *S. Bento*, vindo da *ponta do Calabouço* até a rua *Direita* (hoje *Primeiro de Março*).

Reinstallada assim a nova cidade (a antiga passou a denominar-se *Villa Velha*), nomeou Mem de Sá as diversas autoridades e concedeu grande numero de *sesmarias* (terrenos incultos), inclusive uma legua de extensão por duas de terra a dentro, do outro lado da bahia, desde *S. Lourenço* até *Icarahy* (na actual cidade de Niteroy), ao indio *Arariboia*, em recompensa dos grandes serviços que prestou, ajudando a expulsar os Francezes.

O governador geral mandou ainda vir colonos de Portugal e das ilhas, além de muito gado, de que se desenvolveu extraordinariamente a criação.

Retirando-se depois para a Bahia, deixou seu sobrinho, Salvador Corrêa de Sá, como governador daquelle novo nucleo de população, de que havia de surgir mais tarde a grande e formosa capital do Brasil.

A Salvador Corrêa de Sá succedeu, cinco annos depois, Christovão de Barros (filho de Antonio Cardoso de Barros), que recebeu a patente de capitão e governador da cidade.

NOTA — E' evidente a dupla confusão de certos compendios quando affirmam erradamente que a cidade do Rio *foi inaugurada por Estacio de Sá, em 1567 e aos 20 de janeiro, dia de S. Sebastião.* Em primeiro logar, é de 1566 a cerimonia da fundação, e já na respectiva acta se lê a declaração de Estacio de Sá de que "era o capitão da cidade de *S. Sebastião do Rio de Janeiro*, em nome d'El-Rei, Nosso Senhor".

Vê-se, pois, que o nome de *S. Sebastião* já figurava desde 1566, e que o ataque aos Francezes se realisou a 20 de janeiro de 1567, exactamente por ser esse o dia do santo que *já era* o padroeiro da cidade.

A transferencia desta para o morro do Castello effectuou-se em 1567, mas não a 20 de Janeiro, que foi o dia do combate, e muito menos por Estacio de Sá, que nelle cahiu mortalmente ferido. A mudança foi realisada por Mem de Sá.

SYNOPSE

Fundação da Villa Velha..... 1565

1.º *Governador*, Estacio de Sá.
1.º *Alcaide-mór*, F. Dias Pinto.

Fundação da nova cidade..... 1567

Local escolhido, Morro do Castello.
Padroeiro do Rio de Janeiro, S. Sebastião.
2.º *Governador*, Salvador C. de Sá.
3.º *Governador*, Christovão de Barros.
Donatario de Niteroy, Ararigboia.

LIÇÃO X

Os Jesuitas e a catechese; Manoel da Nobrega e José de Anchieta

A ordem dos Jesuitas, conhecida pela denominação de *Companhia de Jesus*, foi fundada por Ignacio de Loyola em 1537 e reconhecida pelo papa (Paulo III) em 1540. Creada com o fim de combater a heresia de Luthero e dos revolucionarios protestantes, tomou por principal empenho diffundir o christianismo e converter os povos de todas as terras novamente descobertas. S. Francisco Xavier foi o apostolo das Indias, da China e do Japão; Nobrega e Anchieta foram os dous maiores missionarios enviados para o Brasil.

As principaes armas dos Jesuitas eram a predica, o confissionario e o ensino. Soldados de Christo, ás ordens do Papa, trabalhavam, como diziam, *para augmento da gloria de Deus*.

Os primeiros jesuitas chegaram á Bahia com Thomé de Souza, em 1549. Fundaram, logo depois, uma egreja dedicada á Virgem Maria (N. S. da Ajuda), que serviu mais tarde de cathedral.

Emquanto celebravam missas e praticavam outros actos de religião, foram tratando de estudar a lingua dos selvagens. Aspicuelta Navarro conseguiu verter em breve para o tupi algumas orações.

A musica de orgão e o engodo de certas bugiarias attrahiram muitas crianças, que aprenderam a ler e a contar.

Procurando impedir a anthropophagia entre os selvagens, e os máos tratos que a estes davam os colonos, despertaram os Jesuitas a animosidade dos ultimos, iniciando-se logo a grande lucta que tiveram de travar com elles durante cerca de dous seculos.

Os colonos, constituidos por máos elementos da sociedade portugueza, nutriam a ambição de fortuna facil e sem trabalho. Quando emigravam para o Brasil, traziam comsigo grande numero de negros, que aprisionavam na Africa, e organisavam aqui expedições ao interior do paiz, para a caça dos indios nas suas aldeias. Nasceram assim duas fontes de escravidão: a *negra* ou *africana*, e a *vermelha* ou *indigena*.

Da mistura desses tres elementos (*portuguez, negro e indigena*) formou-se uma grande parte da população brasileira, tendo sido principalmente o negro o verdadeiro fundador da prosperidade agricola e economica da nossa terra.

Manoel da Nobrega — Foi o primeiro chefe (provincial) das missões de jesuitas no Brasil, ao qual prestou assignalados serviços. Fundou o collegio de S. Vicente; dividiu o pessoal em dous grupos, destinado um ao serviço dos indios e outro á regeneração dos colonos, distribuiu os missionarios por diversas capitanias, levantando egrejas e fundando escolas; creou um asylo de orphãos e de mulheres indigenas em Pernambuco; concorreu para a fundação da diocese da Bahia; naufragou em S. Vicente, creou as *reducções* dos indios, separadas das aldeias; fundou a egreja e o collegio de

que surgiu a população, que foi depois a cidade de S. Paulo; installou as casas de residencia de Porto Seguro, Espirito Santo, São Jorge, Ilhéos e Olinda.

Em 1560 ajudou Mem de Sá a expulsar os Francezes; prestou novos e assignalados serviços durante a guerra movida pela *Confederação dos Tamoios*, e maiores ainda na expulsão definitiva dos Francezes, em 1567.

Continuou ainda a trabalhar e a luctar pela causa do Brasil, estabelecendo-se no Rio como reitor do novo collegio, que começou a construir, mas que não chegou a vêr concluido, porque falleceu no dia 18 de outubro de 1570, com 53 annos de edade, victimado pela tuberculose.

Do grande missionario Manoel da Nobrega se póde dizer, com o protestante Southey, que "*não ha ninguem a cujos talentos deva o Brasil tantos e tão assignalados serviços*".

José de Anchieta — Foi o grande *apostolo do Novo Mundo*. Nasceu em Teneriffe (Canaria) e tinha ainda vinte annos incompletos quando chegou ao Brasil. Foi o maior auxiliar de Manoel da Nobrega.

Tendo ficado como refem dos Tamoios durante o armisticio de Iperoig, escreveu na areia e conservou na memoria um poema dedicado á Virgem e composto de 4.172 versos.

E' considerado o fundador da literatura brasileira, tendo escripto, além daquelle poema, grande numero de poesias e cartas, além de um diccionario e uma grammatica da lingua tupi, e *autos* (peças de theatro) que foram representados pelos indigenas.

Viveu 43 annos no Brasil, dedicando toda a sua actividade ao serviço da nossa civilisação.

Penetrou nas mattas virgens, viveu com os selvagens, fundou escolas, escreveu lições, serviu de medico, cirurgião e barbeiro, praticou a sangria e fabricou sandalias. Tantos serviços prestou á causa do nosso progresso, que delle dizia o bispo, D. Pero Leitão:

"*A Companhia no Brasil é um annel de ouro, e a pedra preciosa delle é o padre José de Anchieta.*"

Falleceu no Espirito Santo (9 de junho de 1597) com 63 annos de idade.

Os indios de Berityba conduziram o corpo do seu bemfeitor para a villa da *Victoria*, onde foi sepultado na capella de S. Thiago, sendo mais tarde transportados os seus despojos para o *Collegio da Bahia* (hoje cathedral) onde ficaram sepultados por baixo do altar mór.

SYNOPSE

Fundação da Ordem dos Jesuitas 1537
Confirmação pelo Papa 1540

NOBREGA, ANCHIETA E NAVARRO

Serviços de Nobrega

Serviços de Anchieta

Morte de Nobrega 1570
Morte de Anchieta 1597

LIÇÃO XI

Tentativas de conquista. — Invasões francezas. — Os francezes no Rio de Janeiro e no Maranhão. — A França Antartica e a França Equinocial

Duas foram as causas principaes que concorreram para as invasões francezas no Brasil: a necessidade de crear na America um refugio para as victimas das perseguições religiosas, e a lucta do commercio livre contra o monopolio exercido pelos governos de Lisbôa e de Madrid.

A primeira invasão deu-se em 1555, no tempo do governador geral D. Duarte da Costa e foi chefiada por *Nicoláo Durand de Villegaignon,* que obteve o auxilio de Henrique II, por influencia do almirante Coligny.

O intuito de Villegaignon era fundar no Brasil um estabelecimento commercial, que servisse ao mesmo tempo de refugio aos calvinistas, perseguidos pelos catholicos.

Foi a esse estabelecimento que se deu a denominação de *França Antarctica* (do sul).

Villegaignon chegou ao Rio, com alguns aventureiros e colonos, em novembro de 1555, procurando logo installar-se na pequena ilha de *Ratier* (hoje da *Lage*); mas transferiu-se, pouco depois,

para a de *Seregipe* (hoje de Villegaignon), onde deu inicio á fundação da colonia, construindo um forte que recebeu o nome de *Coligny*.

Não tardou que as dissenções religiosas, que ensanguentavam a Europa, dividindo os proprios protestantes, estalassem tambem na America. Houve uma conspiração, mas Villegaignon reprimiu-a energicamente, mandando enforcar os cabeças.

O estabelecimento, iniciado apenas com 80 colonos, recebeu no anno seguinte mais 300, conduzidos pela esquadra de *Bois le Comte*, juntando-se-lhe grande numero de indios Tamoios.

Uma segunda dissenção com os padres calvinistas Richier, Chartier e Jean de Lery, fez com que Villegaignon os prendesse e enviasse para a Europa, denunciando-os secretamente á policia catholica da França.

Villegaignon passou-se depois para o catholicismo, sendo, por isso, alcunhado de *Caim da America*. Voltou á Europa em 1559 e lá ficou, por não lhe terem sido dados por Francisco I os recursos que solicitara.

A colonia, entregue a outros directores, foi depois, como já vimos, destruida em 1567, pelo governador geral Mem de Sá.

Fracassada a tentativa da França Antarctica, uma nova empresa do mesmo genero foi tentada, alguns annos depois, no Maranhão. Occupada a ilha do Maranhão (1594), por dous armadores francezes de Dieppe (Jacques Riffault e Charles des Vaux), procuraram estes obter o auxilio dos Tupinambás, como Villegaignon havia alcançado o dos Tamoios.

Em 1612 Maria de Medicis, viuva de Henrique IV e então regente em nome de seu filho

Luiz XIII, acariciou a idéa da fundação da *França Equinocial*, e forneceu a *Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière*, e a dous companheiros deste (*Charles Harley* e *Emile Rassilly*) o contingente de tres navios em que embarcaram muitos aventureiros de ambos os credos religiosos e o frade capucchinho Claude d'Abbeville, que escreveu depois a historia da expedição.

A França, a Inglaterra, paizes commerciaes e colonisadores, haviam, pouco antes (1596), assignado uma alliança com a Hollanda, que sacudira o jugo da Hespanha, tornando-se independente.

Os invasores estabeleceram-se no Maranhão e começaram a construir a capital, que recebeu o nome de *S. Luiz*, em honra a Luiz XIII (1612).

No anno de 1614, porém, foram atacados e derrotados por Jeronymo de Albuquerque, seguindo-se a assignatura de um armisticio, durante o qual deviam ambos os grupos aguardar instrucções dos seus governos, para que ficassem bem determinadas as condições definitivas da paz; mas esse compromisso foi violado por Alexandre de Moura, que, chegando com reforços, e prevalecendo-se da sua patente (superior á de Jeronymo de Albuquerque), reatou as hostilidades e obrigou o inimigo a capitular. Este retirou-se para a Europa, levando comsigo todos os seus haveres e deixando apenas a artilheria (1615).

Foi, assim, occupado o Maranhão, e começou, pouco depois, a colonisação do Pará.

Em 1621 foi criado o novo Estado do *Pará-Maranhão*, independente do resto do Brasil e comprehendendo ainda os actuaes Estados do Ceará e do Piauhy, que acabavam de ser colonisados.

SYNOPSE

Os Francezes no Rio de Janeiro (França Antartica)..	(1555-1567)
Nicoláo Villegaignon.....	(1555-1559)
Expulsão por Mem de Sá.....	1567
Os francezes no Maranhão (França Equinocial).....	(1594-1615)
Colonisação do Pará-Maranhão.....	1616
Creação do Estado independente	1621

pelos colonos e indios alliciados pelo bispo (D. Antonio Barreiros), atacou Withrington outros pontos do littoral, assaltando e devastando principalmente o Reconcavo.

A terceira tentativa de occupação ingleza foi a de *Thomas Cavendish,* que, em 1591, investiu o porto de Santos, depois de haver pilhado a *Ilha Grande,* e occupou e saqueou a villa durante o espaço de dois mezes. De volta de uma expedição ao sul, atacou novamente a villa de Santos, destacando 20 homens para saquel-a; mas, no 3.º dia, cahiram os Portuguezes sobre os piratas e conseguiram exterminal-os.

Em represalia, pretendia Cavendish arrazar a povoação, tornando-se, porém, impossivel a realisação de tal empresa, porque o galeão não poude transpôr a barra.

Dirigiu-se o corsario para o norte e realisou um desembarque no Espirito Santo, mas perdeu quasi todos os homens, voltando feridos os que não morreram.

Cavendish voltou então para a Europa, morrendo, porém, durante a travessia.

Tres annos mais tarde (1595) James Lencaster e John Venner fizeram a ultima tentativa de occupação do littoral brasileiro, desembarcando no Recife, onde permaneceram durante um mez, até que se retiraram, carregados de fartos despojos.

As aggressões inglezas, ao contrario das francezas e hollandezas, tiveram mais o caracter de corso e de pirataria que propriamente de conquista.

LIÇÃO XIII

Primeira invasão hollandeza; perda e restauração da Bahia

A' independencia da Hollanda, libertada do jugo hespanhol em 1579, seguiu-se, em 1596, uma alliança offensiva e defensiva daquelle paiz com a Inglaterra e a França. Esses factos e a lucta que os tres alliados começaram a desenvolver desde então em favor do commercio livre contra o monopolio, foram as principaes causas que determinaram a aggressão dos Francezes ao Maranhão em 1612 e as duas invasões hollandezas na Bahia e em Pernambuco (1624-1625 e 1630-1654).

Com o fim de se apoderar dos immensos thesouros que a Hespanha tirava da America, e de conquistar algumas das suas colonias, fundou-se na Hollanda a *Companhia das Indias Occidentaes* (1621), com o direito exclusivo do trafico e navegação por 24 annos, em grande parte da Africa e da America, podendo nomear livremente empregados e governadores, conquistar terras, estabelecer colonias, etc., recebendo ainda uma subvenção annual de 250.000 florins (mais de 400 contos).

A gerencia da Companhia foi confiada a 19 *Directores.*

O ponto escolhido para a primeira invasão foi a cidade da Bahia, apresentando-se para isso uma esquadra de 23 navios e 3 *hiates*, com 500 canhões, 1.600 marinheiros e 1.700 soldados. O commandante em chefe da esquadra era o almirante Jacob Willekens, tendo por immediato o vice-almirante Pieter Pieter-zoon Hein; o coronel Johan van Dorth commandava as tropas e seria o governador das terras que conquistasse.

Avisado a tempo, preparou o governador, Diogo de Mendonça Furtado, poderosos elementos de resistencia; mas a demora do inimigo fez com que se perdesse a confiança nas informações, e o proprio bispo (D. Marcos Teixeira) concorreu para que as tropas fossem licenciadas e voltassem os voluntarios para o trabalho das suas lavouras.

Subitamente, e sem que se acreditasse mais na sua vinda, surgiu a esquadra hollandeza diante da Bahia, tomando logo 8 e incendiando 7 dos 15 navios ancorados no porto.

Pieter Heyn tomou o forte de S. Marcello, e o major Albert Schouten dirigiu o desembarque, tomando a cidade e aprisionando o governador, que foi remettido para bordo.

No dia immediato (11 de maio de 1624) desembarcou Johan van Dorth e tomou conta do governo...

Passado, porém, o panico da população, começou a organisar-se no interior um poderoso exercito para repellir os invasores. Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, e substituto de Mendonça Furtado, entregou provisoriamente o governo ao bispo, emquanto se preparava para chegar á Bahia. O bispo desenvolveu tão grande actividade na organisação da resistencia, que veio a fallecer pouco depois.

Entretanto, Lourenço Cavalcante e Antonio Cardoso sitiaram a cidade e foram logo reforçados por um contingente de Francisco Nunes Marinho, enviado de Pernambuco.

Iniciadas as hostilidades, foi Johan van Dorth morto pelo capitão Francisco Padilha. Albert Schouten morreu tambem, pouco depois, e William Schouten (seu irmão e successor) desmoralisou-se logo, por se entregar ao vicio da embriaguez.

Depois de algumas guerrilhas sem resultado definitivo, appareceu na Bahia a esquadra luso-hespanhola sob o commando de D. Fradique de Toledo Osorio, com 52 navios, diversos transportes e 12.563 homens de desembarque. Antes havia chegado de Pernambuco o brasileiro D. Francisco de Moura, que assumiu o commando das forças de terra. De combinação com estas, occupou a esquadra as proximidades da barra e completou o cerco da cidade (29 de março de 1625).

Hans Ernest Kiff (substituto de Schouten) foi obrigado a capitular, no dia 30 de abril, e na manhã de 1.º de maio tremularam na cidade do Salvador as bandeiras de Hespanha e de Portugal.

Emquanto chegava á Bahia a esquadra de D. Fradique Osorio, atacava Pieter Heyn a capitania do Espirito Santo, sendo completamente repellido, graças aos recursos enviados pelo governador do Rio de Janeiro (1).

---

(1) Era Salvador Corrêa de Sá e Benevides, e não *Salvador Corrêa de Sá*, como ensinam erradamente quasi todos os compendios.

SYNOPSE

Companhia das Indias Occidentaes 1621
Ataque á Bahia 1624

Atacantes ..... Jacob Willekens.
Pieter P. Heyn.
Johan van Dorth.
Albert Schouten.
William Schouten.
Hans E. Kiff.

Defensores .... Lourenço Cavalcante.
Antonio Cardoso.
Francisco de Moura.
Francisco Padilha.

Mendonça Furtado, governador.
D. Marcos Teixeira, bispo.
D. Fradique Osorio, almirante hespanhol.

Restauração da Bahia, 1.º de maio de 1625.

LIÇÃO XIV

O dominio hollandez em Pernambuco

Póde ser dividido em tres periodos distinctos a chamada *guerra hollandeza* no Brasil: 1.º, periodo *da conquista* (1530 a 1537); 2.º, periodo *do governo regular*, comprehendendo a administração do principe Mauricio de Nassáo (1637 a 1644); 3.º, periodo *da insurreição pernambucana* (1645 a 1654).

1.º Periodo — Não desanimando com a derrota soffrida na Bahia, voltou Pieter Heyn a atacar o Reconcavo, e no anno seguinte assaltou e tomou varios galeões do Mexico e mais nove navios carregados de cochonilha e anil, dando á *Companhia* um lucro de quinze milhões de florins.

Animada com tal resultado, mandou a *Companhia* preparar em 1629 uma formidavel esquadra de 70 navios, com 1.200 canhões e 7.200 soldados, para conquistar Pernambuco. O commandante em chefe foi Hendrik Cornelizoon Lonk, vindo como almirante Pieter Adrianzoon, e como commandante das tropas Diederik Weerdenbuck.

A esquadra appareceu diante de Olinda (14 de fevereiro de 1630), desembarcando numerosas forças no *Páo Amarello*. Tomada a cidade sem resis-

tencia, marcharam os invasores para o Recife, que havia sido abandonado pela população.

Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, reuniu apenas alguns elementos de resistencia e, entrincheirando-se entre as duas cidades, fundou o *Arraial fortificado de Bom Jesus* e creou as *companhias de emboscados*, dando o commando de uma ao celebre indio *Poty*, que tomou depois o nome de Antonio Felippe Camarão.

Em 1631, tendo recebido reforços, tentaram os Hollandezes tomar a ilha de Itamaracá, mas foram repellidos.

Nesse mesmo anno chegou a Pernambuco a esquadra hollandeza de Adrian Jansen Pater, que no dia 13 de julho travou combate com a esquadra hespanhola sob o commando de D. Antonio de Oquendo. O resultado do combate ficou indeciso, apezar de ter perecido com o seu navio o almirante hollandez.

Os Hespanhóes conseguiram desembarcar alguns reforços, mas os Hollandezes incendiaram Olinda e concentraram-se no Recife.

De 1632 a 1637 prosegue a lucta, com alternativas para um e outro lado, mas sem resultado definitivo. Muitos Brasileiros, preferindo o jugo hollandez ao hespanhol e ao portuguez, passaram para o lado dos invasores. Entre os que assim procederam salientou-se Domingos Fernandes Calabar, que se tornou poderoso auxiliar dos Hollandezes.

Em 1635 começaram os Hollandezes a consolidar as suas conquistas, alargando-as para o norte até o forte dos *Reis Magos* (no Rio Grande do Norte) e para o sul até *Porto Calvo* (Alagôas).

Em 3 de julho desse mesmo anno, retirou-se Mathias de Albuquerque para as Alagôas, afim de reunir-se ao conde Bagnuolo, sendo acompanhado por innumeras familias e o restante das forças, compostas apenas de 500 homens.

Ao chegarem os retirantes perto de *Porto Calvo*, armaram uma cilada em que cahiram o chefe hollandez Picard e Domingos Fernandes Calabar, sendo este enforcado, como traidor.

Em 1636 desembarcou em Alagôas, com 1.700 homens, o commandante hespanhol Rojas y Borgia, que veio substituir Mathias e Albuquerque no governo. Foi, porém, derrotado por Artichofsky, na *Matta Redonda*, perecendo no combate.

O resto das tropas ficou entregue ao conde Bagnuolo, sendo d'ahi por diante empregada apenas em pequenas guerrilhas.

Mathias de Albuquerque partiu para a Europa, onde foi preso e recolhido ao castello de S. Jorge, em Lisbôa, de onde só conseguiu sahir em 1640, quando se deu a restauração de Portugal.

As forças de Bagnuolo (cerca de 2.000 homens) organisaram-se em guerrilhas em que muito se distinguiram Felippe Camarão, o preto Henrique Dias, os capitães Rebello e Souto, e André Vidal de Negreiros.

Estava, porém, consolidado o dominio hollandez no Brasil.

SYNOPSE

Tomada de Olinda, 14 de fevereiro de.....	1630
Tomada do Recife.....	
Mathias de Albuquerque.	
Antonio Felippe Camarão.	
Batalha naval de Oquendo e Pater.....	1631
Retirada de Mathias.....	1635
Morte de Picard e Calabar.....	»
Morte de Rojas y Borgia.....	1636

Chefes de guerrilhas.... Felippe Camarão. Henrique Dias. Rebello. Souto. Vidal de Negreiros.

LIÇÃO XV

O dominio hollandez em Pernambuco

(2º PERIODO)

A 23 de janeiro de 1637 chegou ao Recife, para tomar conta do governo, o principe João Mauricio de Nassáo, neto de um irmão de *Guilherme o Taciturno* — heróe da independencia da Hollanda.

Dotado de grande cultura e de rara capacidade, reunia Nassáo a brilhantes qualidades militares os mais notaveis talentos de politico e de administrador.

Batendo logo as forças do Bagnuolo na *Barra Grande*, perto de *Porto Calvo*, alargou o dominio hollandez até o rio S. Francisco e voltou para o Recife, onde encetou a brilhantissima administração que immortalisou o seu nome.

Começando por proclamar a liberdade religiosa e conceder a emancipação a todos os negros que abandonassem a causa de Portugal e da Hespanha, iniciou um governo de tolerancia e de grandes reformas, que attrahiu não só a sympathia como a admiração e o reconhecimento dos Brasileiros, e até mesmo de muitos Portuguezes, que se tornaram seus amigos e commensaes, não sendo pequeno o numero de casamentos que então se realisaram.

A cidade do Recife transformou-se como por encanto na *Veneza Americana*, cheia de pontes e canaes, de lindas e sumptuosas construcções, de parques e jardins, de museus e galerias de arte de valor inestimavel.

Pernambuco prosperava extraordinariamente e, á sombra da liberdade de que gosava o povo, acabaram os Brasileiros de confraternisar com os invasores, preferindo as novas leis e os novos costumes ao regimen de absolutismo adoptado pelos seus antigos senhores.

Em 1638 tentou Mauricio, a instancia dos 19 Directores da Companhia, tomar a cidade do Salvador; mas foi repellido e voltou para o Recife.

Em 19 de janeiro de 1639 chegou á Bahia o novo governador geral, D. Fernando de Mascarenhas, conde da Torre, que reuniu uma esquadra de 63 navios, para bater os Hollandezes. A batalha naval durou quatro dias, sendo os atacantes completamente derrotados, apezar da morte do almirante Willem Cornelisson.

A chegada de Artchofsky, na qualidade de general de artilheria, começou a inquietar Mauricio que logo se indispoz com o commandante, conseguindo, afinal, a retirada do mesmo.

Reconhecendo a impossibilidade de cumprir a ordem para se apoderar da Bahia, mandou Mauricio devastar o Reconcavo (1640).

Pouco depois chegou ao Brasil a noticia da restauração de Portugal, sendo deposto, preso e remettido para Lisbôa o governador D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão.

Celebrou-se um armisticio entre Portugal e Hollanda, egualmente desrespeitado pelas duas

partes e durante o qual se realisou a independencia do Maranhão, cujo governo havia sido promettido a André Vidal de Negreiros.

A noticia da libertação do Maranhão (1644) coincidiu com a partida de Mauricio de Nassáo, que acabou por se desgostar com a Companhia, e resolveu abandonar para sempre o Brasil.

A intolerancia e a avareza dos tres administradores que a Companhia nomeou, em substituição ao principe, provocaram odios e resentimentos, e despertaram no animo da população brasileira o desejo de se reunir de novo aos Portuguezes e de sacudir o jugo dos oppressores.

Nasceu d'ahi a *insurreição pernambucana*, que, prolongando, embora, por dez annos a lucta contra os dominadores, acabou por anniquilar o dominio hollandez no Brasil.

Será esse o assumpto particular da proxima lição.

SYNOPSE

Chegada de Nassáo, 23 de fevereiro de..... 1637
Tentativa contra a Bahia..... 1638
Batalha naval..... 1639
Armisticio entre Portugal e a Hollanda..... 1640

Libertação do Maranhão..... } 1644
Partida de Nassáo..... }

Insurreição Pernambucana..... 1645

LIÇÃO XVI

O dominio hollandez em Pernambuco

(3º PERIODO)

A INSURREIÇÃO PERNAMBUCANA. — A revolta foi pregada por André V. de Negreiros, que partiu para Pernambuco e, com o pretexto de visitar a familia na Parahyba, sublevou as populações e poz-se logo em contacto com João Fernandes Vieira, junctando-se em breve a ambos o indio D. Antonio Camarão e o preto Henrique Dias.

A revolta foi proclamada no dia 13 de julho de 1645, tomando os *Inconfidentes* por divisa "*Deus e Liberdade*".

Iniciadas as hostilidades, foram os Hollandezes batidos, em 3 de Agosto, no *monte das Tabocas* e em outros encontros, na varzea do Recife, em Porto Calvo, na Parahyba e no Rio Grande do Norte. Os Insurgentes fortificaram o *Arraial Novo do Bom Jesus* e acclamaram João Fernandes Vieira governador.

No anno seguinte (1646), Segismundo von Schkoppe foi derrotado em duas partidas, mas em 1647 conseguiu tomar a ilha de Itaparica e assolou o Reconcavo da Bahia.

Batalhas dos Guararapes — Com a chegada do general portuguez Francisco Barreto de Menezes,

a situação melhorou sensivelmente no anno seguinte, travando-se, no dia 19 de abril a primeira batalha *dos Guararapes* (montes situados a duas leguas e meia ao sul do Recife e a egual distancia a oeste do Arraial Novo do Bom Jesus).

Os Hollandezes eram commandados por Segismundo von Schkoppe e dispunham de 4.500 homens com seis peças de artilheria. Os Insurgentes obedeciam ás ordens de Barreto, que dispôz as duas forças na seguinte ordem: na vanguarda, o mestre de campo Vidal de Negreiros; nos flancos, Henrique Dias e Felippe Camarão; na reserva, João Fernandes Vieira. Apezar da differença numerica, foram os Hollandezes completamente derrotados, perdendo cerca de 1.000 mortos, 523 feridos, 17 bandeiras e grande numero de prisioneiros, ao passo que os Pernambucanos tiveram apenas 100 mortos e pouco mais de 400 feridos.

Para compensar a derrota, apossaram-se os Hollandezes de Olinda, mas foram, pouco depois, expulsos, sendo os seus novos ataques repellidos por Henrique Dias.

Sitiados no Recife, em 1649, viram-se obrigados a uma sortida, e deram o commando das forças (3.500 homens e 6 canhões) ao coronel Van den Brinck.

Travou-se então a *segunda batalha dos Guararapes* (19 de fevereiro de 1649), em que Barreto de Menezes, com 2.600 homens apenas, dispoz algumas columnas escondidas nos cannaviaes e apresentou-se no valle com pequenas forças, afim de attrahir os Hollandezes. Estes, cahindo na cilada, desceram precipitadamente do monte, que foi logo occupado pelas columnas occultas.

O inimigo perdeu, além do seu commandante, mais de 1.000 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros, 10 bandeiras e toda a artilheria e munições que levava.

O prejuizo dos Insurgentes não foi além de 300 homens, ficando ferido o bravo Henrique Dias.

Essa grande victoria não decidiu, comtudo, dos destinos da guerra, que se prolongou ainda por mais cinco annos, até que, sitiado por terra e por mar, no Recife, assignou von Schkoppe, diante do forte das *Cinco Pontas,* assaltado por Vidal de Negreiros, a capitulação da *Campina do Taborda* (26 de janeiro de 1654).

Só em 1661, porém, foi assignado o tratado de paz de Haya, pelo qual obtinha a Hollanda, além de outras vantagens, uma indemnisação de cinco milhões de cruzados (dous mil contos).

Todos os chefes da Inconfidencia foram recompensados pela Corôa de Portugal com commendas, governos e bons empregos.

Entre as vantagens obtidas pelo Brasil, em consequencia da dominação hollandeza, podem ser citados: o desenvolvimento do commercio e da industria, que tornou conhecidos na Europa diversos productos do paiz; a abertura de novos caminhos e novas estradas; a construcção de casas e palacios de accôrdo com as regras da architectura; o gosto pelo conforto e as obras de arte; o aperfeiçoamento dos machinismos de engenho; a construcção de fortalezas, ainda hoje existentes; o conhecimento de muitas riquezas naturaes; a transformação da ilha de Antonio Vaz em uma bellissima cidade; a tolerancia politica; a liberdade religiosa, etc., etc.

SYNOPSE

A Insurreição Pernambucana	13-6-1645
Derrota de von Schkoppe	1646
Tomada de Itaparica	1647
1.ª *Batalha dos Guararapes*	19-4-1648
2.ª » » »	19-2-1649
Capitulação dos Hollandezes	26-1-1654
Paz de Haya	1661

LIÇÃO XVII

Revolta de Beckmann

O facto, de que aqui nos vamos occupar, é ainda uma consequencia de dous outros, que, durante seculos, agitaram constantemente a nossa vida colonial : *a lucta do commercio livre contra o monopolio, e a velha rivalidade entre Jesuitas e colonos.*

A' primeira, na qual se bateram a Inglaterra, a França e a Hollanda, ora contra Portugal (1500 a 1580), ora contra a Hespanha (1580 a 1640), juntou-se a segunda, aggravando ainda mais a situação, em quasi todo o decorrer do seculo XVII.

Libertado da Hespanha, em 1640, proseguiu Portugal nos mesmos erros administrativos anteriores, figurando entre os mais graves a criação de uma *Companhia de Commercio* dispondo de grandes privilegios e do monopolio de quatro productos: *vinho, bacalháo, trigo e azeite.* Para valorizal-os, podia ainda a Companhia prohibir a venda de certos generos brasileiros, principalmente o chamado *vinho de mel* (aguardente de canna), que era a bebida dos escravos e da gente pobre em geral.

Essa prohibição odiosa e o augmento de certos impostos haviam provocado já protestos e motins por parte do povo.

A par de taes factos (1649-1662), deram-se tambem no Rio de Janeiro, em S. Paulo e no Maranhão, graves conflictos entre Jesuitas e colonos, por causa dos indios, que cada grupo pretendia escravisar em proveito proprio.

Estavam de algum modo acalmados os animos, quando foi (em 1682) criada a *Companhia de Commercio do Maranhão,* com o monopolio da exportação e importação de varios generos, e da importação de escravos africanos.

Essa medida odiosa e imprudente veio atiçar ainda mais as antigas rivalidades entre Jesuitas e colonos, provocando ao mesmo tempo uma nova revolta contra o monopolio.

Manoel Backman e Jorge de Sampaio foram os principaes chefes do movimento, que se propunha acabar com os Jesuitas e o monopolio, para que pudesse o povo dispôr livremente dos indios e do commercio.

Os amotinados conseguiram depôr e prender o governador interino, Balthazar Fernandes, e, obtendo o apoio da guarnição, aboliram a *Companhia,* expulsaram os Jesuitas e organizaram uma *Junta Governativa* de seis representantes, sendo dous de cada classe: *clero, nobreza e povo.*

A revolta, que estalara em 1684, prolongou-se até maio do anno seguinte, chegando por esse tempo o novo governador do Maranhão (Gomes Freire de Andrade), que dissolveu a Junta e prometteu amnistia aos delinquentes, com excepção dos cabeças. Destes, Manoel Beckman e Jorge Sampaio foram condemnados á morte por um tribunal extraordinario.

Tendo-se refugiado na fazenda do *Mearim,* foi Manoel Beckman infamemente denunciado por

Lazaro de Mello, seu afilhado e protegido, que veio, afinal, a perecer num desastre.

Affirmam alguns historiadores que os bens de Beckman, confiscados pelo governo e vendidos em hasta publica, foram arrematados pelo generoso governador Gomes Freire, que mandou restituil-os á viuva e aos orphãos.

O governo portuguez extinguiu a *Companhia de Commercio* e attendeu ás queixas dos colonos, mas, depois de suffocar de todo a revolta, restabeleceu em grande parte a lei anterior, favoravel aos Jesuitas.

LIÇÃO XVIII

Emboabas e Mascates

Poucos annos depois da revolta de Beckman, occorreram no Brasil as duas luctas civis a que se tem dado, talvez impropriamente, a denominação de *guerras* de *Emboabas* e de *Mascates.* Trata-se, em ambos os casos, de movimentos *nativistas,* em que explodem violentemente antigas rivalidades entre Portuguezes e Brasileiros.

Emboabas — Desde os primeiros descobrimentos de minas em Sabará e nos districtos visinhos, haviam partido muitos aventureiros para aquellas terras auriferas, denominadas então *Minas Geraes dos Gataguás,* declarando-se logo accentuada rivalidade entre os exploradores paulistas e os seus concurrentes portuguezes, aos quaes era dada vulgarmente a denominação de *Emboabas* (*pernas calçadas, homens de além,* ou *laçadores de gente,* segundo as melhores interpretações).

Em breve a antiga rivalidade transformou-se em odio. Os Paulistas, commandados por Domingos Monteiro, e os *Emboabas* por Manoel Nunes Vianna, travaram serio combate nas margens de um rio, que se ficou chamando *das Mortes*, sendo destroçados os Portuguezes.

Em breve, porém, simulou Vianna uma reconciliação e, apanhando de surpresa os Paulistas, cahiu traiçoeiramente sobre elles, exterminando a maior parte, de modo que poucos lograram voltar a S. Paulo.

Organisava-se ahi uma forte expedição para obter a desforra, quando chegou de Portugal um decreto de amnistia para todos os contendores. Esse mesmo decreto criou a capitania de S. Paulo e Minas Geraes independente da do Rio de Janeiro, nomeando para seu primeiro governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho (1709).

MASCATES — Nasceu esta lucta da rivalidade existente entre os Brasileiros de Olinda e os seus credores do Recife (denominados Mascates).

O Recife havia progredido muito durante a occupação hollandeza, mas não tinha sido ainda elevado á categoria de villa, e continuava a depender de Olinda. Em 1708, porém, resolveu a metropole attender ás reclamações dos Portuguezes: foi concedida a elevação do Recife a villa, devendo o juiz de fóra servir em ambas, alternadamente. Os limites seriam fixados pelo governador da capitania (Sebastião de Castro Caldas) e pelo ouvidor (D. Luiz de Valenzuela Ortiz).

Houve desintelligencias, succedendo-se as hostilidades: o governador foi ferido com um tiro e usou de represalias, mandando prender varias pessôas importantes, entre as quaes o ouvidor, que conseguiu fugir; mas o capitão-mór (Pedro Ribeiro) revoltou-se (novembro de 1710), prendeu o capitão João da Motta, sublevou a tropa e depoz o governador, que fugiu para a Bahia.

Tomou então conta do governo o bispo (D. Manoel da Costa), que concedeu amnistia geral.

Pouco depois, porém, sublevaram-se os habitantes do Recife, chefiados por João da Motta e outros, começando então a guerra dos *Mascates*.

Do lado dos Brasileiros ficaram a camara de Olinda, o mestre de campo (Mendonça Arraes), o ouvidor, o povo e quasi todos os capitães-móres; do lado do Recife ficaram João da Motta, os indios de Pinheiro Camarão, o governador da Parahyba e o *terço* dos Henriques.

Luctavam ambos os grupos com vantagens alternadas, quando chegou o novo governador geral (Felix de Mendonça) com a confirmação da amnistia anteriormente concedida pelo bispo.

Seguiu-se um periodo de tregua; mas recrudesceram mais tarde as hostilidades e perseguições por parte do governador e do novo ouvidor (João Marques Bacalháo), partidarios dos Portuguezes. Diante, porém, de energica representação do povo e da camara de Olinda, mandou o governo de Portugal acabar com todas as devassas e pôr termo final a taes luctas e rivalidades (7 de abril de 1714).

LIÇÃO XIX

Bandeiras

A expansão territorial do Brasil, do littoral para o interior e principalmente no sentido de oeste, tem dous grupos de causas differentes, que a caracterisam de modo diverso no norte e no sul.

Com relação ao norte, as principaes causas que tornaram conhecido, explorado e occupado o interior do paiz, foram:

1.ª) as *Missões Religiosas* (notadamente as dos Jesuitas), que fundaram aldeias de indios e povoaram os desertos do Pará e do Amazonas até o Javary.

2.ª) a *Guerra Hollandeza*, que tornou conhecida toda a margem esquerda do baixo *S. Francisco*, e o sertão dos *Cairirys Velhos*, que se ligou ao planalto do Ceará e do Piauhy (1).

3.ª) a *Criação do Gado*, desde o littoral até o sertão, na zona banhada pelo *Paraguassú* (Bahia), da *Serra dos Dous Irmãos* e do *Piauhy*.

Com relação ao sul, as duas causas principaes foram:

1.ª) as *Entradas* ou expedições organisadas para a procura do ouro e a escravisação dos indigenas.

2.ª) as *Bandeiras*, expedições do mesmo genero, mas de maior penetração e tendo como principal consequencia a *conquista do territorio*.

Graças a todos esses diversos factores, foi-nos possivel, em 1750, reclamar todo o oeste do Brasil comprehendido fóra da linha de demarcação

(1) Mostrar no mappa do Brasil.

(mappa n. 2), até quasi o cordão da cordilheira dos Andes.

BANDEIRAS — Organisadas no sul e principalmente em S. Paulo, visavam tambem, como as *entradas*, a caça do indio e a descoberta das minas, mas com o accrescimo da exploração demorada das terras, e da sua occupação ou posse permanente. A gloria dos *Bandeirantes* consiste, pois, em haver conquistado aos Hespanhóes e aos indigenas a immensa região que vai da celebre linha do tratado de Tordezilhas até os limites actuaes com o Uruguay, a Argentina, o Paraguay, a Bolivia, o Perú, o Equador e a Colombia.

Os *Bandeirantes* (1) eram homens de todas as condições — moços e velhos, brancos e mestiços, casados e solteiros — na maior parte nascidos já no paiz e, por isso, capazes de supportar os rigores do sol e das chuvas, de resistir ás enfermidades e de affrontar os obstaculos da natureza.

Marchavam a pé, de surrão ás costas, com roupa de algodão e chapéo de palha; usavam machado, ou facão, e armas de fogo; seguiam os cursos dos rios; embarcavam em canôas; acampavam em certos pontos e, emquanto plantavam e esperavam a colheita, toda a terra em redor ficava explorada e conhecida.

As *bandeiras* começaram a desenvolver-se no sec. XVII, attingindo, porém, a sua maior actividade no sec. XVIII. De algumas expedições anterio-

(1) A palavra bandeirante vem de *bandeira*, mas com o sentido de *bando*, donde proveio tambem o *bandido* (chefe de *bando*).

res nasceu a lenda das *minas de prata*, a que ficou ligado o nome de Roberto Dias.

Do sec. XVII é a expedição do celebre Fernão Dias Paes Leme, que descobriu, afinal, em Serro Frio, minas de ouro e de esmeraldas.

Esse e outros bandeirantes chegaram aos sertões do Caeté, estabelecendo, de caminho, os arraiaes de que nasceram as futuras cidades de *Marianna, Ouro Preto, Pitanguy, Caeté*, etc., em Minas Geraes.

O seculo XVIII é iniciado com os descobrimentos de Manoel Borba Gato (Sabará), sendo pouco depois exploradas as minas do *Rio das Contas, Matto Grosso* e *Goyaz*.

A descoberta da mineração de Goyaz lembra o nome de Bartholomeu Bueno da Silva, que partiu de S. Paulo com um filho de 12 annos, chegou ao *Rio Vermelho*, alcançou grande quantidade de ouro e foi denominado *Anhanguéra* (feiticeiro) pelos indigenas, que o auxiliaram (1).

O filho de *Anhanguéra* proseguiu nas descobertas, fundando as povoações de *Ferreiros, Santa Anna, Barra* e *Ouro Fino*, que deram logar a novas divisões administrativas e ecclesiasticas, criando-se capitanias e governos separados em Goyaz e Matto Grosso.

De tudo quanto temos dito resulta que, si não

(1) Bartholomeu Bueno accendeu certa dose de aguardente depositada dentro de um prato, e fez crêr aos selvagens que era capaz de incendiar assim o Rio Vermelho. Os indios, amedrontados e tendo-o por feiticeiro, prestaram-lhe obediencia e auxilio.

fossem a tenacidade e a bravura dos filhos de S. Paulo, furando ousadamente a linha de demarcação, não seria o Brasil o colosso que hoje é, com a cabeça recostada nos Andes e os pés voltados para o Atlantico.

LIÇÃO XX

Transmigração da familia real portugueza; D. João VI

Era verdadeiramente miseravel a situação geral do Brasil quando para elle se transferiu a séde da monarchia portugueza.

A população da terra orçava então em 3.600.000 individuos, dos quaes 1.700.000 eram escravos. Não havia em toda a colonia uma só universidade, nem typographia, e, para cumulo de irrisão, fôra o Brasil privado de toda especie de communicação e commercio com as nações da Europa, vedando-se nelle a residencia e admissão de estrangeiros. Só os navios dos paizes alliados da metropole conseguiam ancorar nos portos brasileiros; mas, ainda assim, ás tripulações e aos passageiros só era permittido o desembarque sob a mais rigorosa vigilancia, exercida por escoltas de soldados.

Na provincia do Rio os vice-reis exerciam apenas o poder politico, sendo as outras administradas por capitães-generaes, nomeados por um triennio.

Das sentenças do poder judiciario havia recurso para o *Desembargo do Paço* de Lisbôa, bastando, porém, uma simples ordem do capitão-general para suspender ou annullar os processos legaes.

A tropa de primeira linha era recrutada, mas a officialidade nomeada pela côrte.

As municipalidades haviam perdido a antiga autoridade e tinham então funcções limitadissimas.

O ciume do governo portuguez pelo engrandecimento do Brasil havia chegado a ponto de ser impedido o augmento dos grandes proprietarios; para a acquisição de bens de raiz era necessario obter permissão expressa da corôa, e todas as fabricas e manufacturas, com excepção apenas das de assucar, haviam sido prohibidas, ficando até suspenso em diversas capitanias o officio de joalheiro!

Em 1807 não exercia ainda o principe D. João as funcções de soberano, mas as de simples *Regente*, e em tal qualidade estava governando desde 1792, por se haver aggravado a demencia da rainha D. Maria I.

Não tendo querido o principe adherir desde logo ao *bloqueio continental*, decretado por Napoleão Bonaparte contra a Inglaterra, assignou a França com a Hespanha o tratado de *Fontainebleau*, pelo qual se declarava que seria Portugal *riscado do mappa das nações*, sendo logo o reino invadido pelas tropas do general Junot.

Obrigado a fugir com toda a familia real e muitos nobres da sua côrte, entregou D. João o governo a uma regencia de 5 membros e partiu para o Brasil a 29 de novembro de 1807, a bordo do navio capitanea de uma esquadra composta de oito náos, quatro fragatas e alguns navios mercantes, escoltados por uma divisão ingleza sob o commando do almirante Sidney Smith.

Acossada por um temporal, dividiu-se a esquadra, indo uma parte della arribar á Bahia, onde desembarcou D. João a 24 de janeiro de 1808.

A 28 promulgou, por solicitações de lord Strangford, e por conselho de José da Silva Lisbôa (mais tarde visconde de Cayrú), o memoravel decreto da *abertura dos portos brasileiros* á navegação e ao commercio de todas as nações amigas.

Partindo da Bahia a 26 de fevereiro, chegou ao Rio a 7 de março, sendo recebido festivamente com significativos vivas ao *imperador do Brasil*.

A 1.º de maio declarou D. João guerra á França, mandando invadir e conquistar a Goyana Franceza, que foi administrada pelo marquez de Queluz, e só reverteu á França em 1817. Della nos vieram, entre outras plantas uteis, a noz-moscada, o cravo da India, a fructa-pão, a mangueira, a arvore da camphora, o abacateiro e a canna cayanna (de Cayenna).

No Brasil a administração do principe revelou-se logo benefica e fecunda. O Rio de Janeiro tomou impulso extraordinario, sendo criadas as Secretarias de Estado, o Supremo Conselho Militar e de Justiça, o Archivo Publico, a Imprensa Regia, a Fabrica de Polvora, a Escola Medico-Cirurgica, a Bibliotheca Nacional, a Academia de Sciencias Physicas e Mathematicas, o Jardim Botanico, o Banco do Brasil, etc., etc.

Diversas povoações e freguezias foram elevadas á categoria de villas (a primeira foi Porto Alegre); criou-se a nova capitania de Alagôas e fundou-se na Bahia a primeira officina typographica, sendo tambem, pouco depois, decretada a emancipação industrial do Brasil. Da franquia dos portos resultaram ainda o barateamento dos productos estrangeiros e a alta dos nacionaes.

A concurrencia de grande numero de aventureiros portuguezes aos cargos publicos, a prodigalidade e o luxo da côrte, a exaggerada derrama de titulos e condecorações, o atrazo de muitos mezes em que se achavam os empregados publicos, etc., constituiam o reverso da medalha, reaccendendo antigas rivalidades entre Portuguezes e Brasileiros e tornando cada vez mais impopular a monarchia, cujo absolutismo era egualmente combatido por constitucionalistas e republicanos (revolução pernambucana de 1817).

De qualquer modo, porém, o estabelecimento da séde da monarchia portugueza no Rio de Janeiro trouxe grandes beneficios ao Brasil e preparou a sua *maioridade*, cuja consequecia mais importante e quasi immediata foi a conquista da independencia, em 1822.

Eis porque o poeta, referindo-se a Napoleão, escreveu os celebres versos:

"Nós *um bem lhe devemos, que gosamos;*
E a geração futura, agradecida,
— "*Napoleão!* dirá, cheia de assombro."

LIÇÃO XXI

A Independencia e seus precursores. — A conjuração mineira; o Tiradentes

Havia muito que o regimen absolutista colonial precisava de ser destruido. Medidas odiosas e tyrannicas vinham, cada vez mais, augmentando os antigos odios e rivalidades entre Brasileiros e Portuguezes. Um *alvará* de 1785 chegou a prohibir no

Brasil o funccionamento de todas as fabricas e manufacturas de ouro, prata, sêdas, linho e lã, permittindo-se apenas as de tecidos grosseiros de algodão. Minas supportara já a prohibição da abertura de estradas novas, para evitar-se o extravio de ouro e diamantes.

As causas accumulavam-se e não faltavam razões para accender cada vez mais nos corações brasileiros a idéa da emancipação ; mas a causa que mais directamente influiu no espirito dos revolucionarios de 1789 foi a independencia dos Estados Unidos, proclamada, alguns annos antes, no congresso de Philadelphia. Os Mineiros souberam que os impostos sobre o vidro, o papel sellado e o chá haviam bastado para libertar as colonias inglezas da America do Norte; o imposto do ouro e a cobrança dos quintos atrazados poderiam levar á independencia do Brasil.

Os estudantes José Joaquim da Maia, José Mariano Leal (Fluminenses) e Domingos Vidal Barbosa (Mineiro) haviam cursado as universidades de Coimbra e de Montpellier, nutrindo-se com as idéas revolucionarias pregadas pelos grandes philosophos do seculo XVIII.

O primeiro chegou a conferenciar com Jefferson, ministro dos Estados Unidos em Paris e, expondo-lhe as suas idéas, pediu a protecção da grande republica americana para a causa do Brasil, recebendo apenas em resposta algumas promessas vagas. Maia, porém, morreu em Lisboa, e Vidal Barbosa encontrou já em Minas a conjuração urdida e preparada por um grupo de patriotas, do qual faziam parte alguns literatos, padres e militares. Entre os primeiros figuravam o Dr. Claudio Manoel da Costa, o desembargador

Thomaz Antonio Gonzaga e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, ex-ouvidor do Rio das Mortes; entre os segundos, José Carlos de Toledo, Manoel Rodrigues da Costa e José de Oliveira Rollim; entre os terceiros, o coronel Freire de Andrade, o capitão José de Rezende Costa e o alferes Joaquim José da Silva Xavier (*o Tiradentes*).

As reuniões realizavam-se em casa de Claudio Manoel da Costa, prevalecendo, como idéas principaes: a criação de uma bandeira republicana, com a inscripção latina *libertas quae sera tamen* (liberdade, embora tarde); a fundação de uma universidade em Villa Rica (1); a transferencia da capital para S. João d'El-Rei; e a proclamação da revolta no momento da *derrama*, isto é, da cobrança dos impostos atrazados do ouro, que orçavam já em *mais de tres mil contos de reis*.

Para obter a adhesão dos Fluminenses e comprar o armamento necessario, partiu para o Rio o alferes Xavier.

Estava tudo preparado quando foram os conspiradores denunciados ao marquez de Barbacena (governador de Minas) pelo coronel Joaquim Silverio dos Reis e os tenentes-coroneis Basilio de Brito e Ignacio Pamplona, sendo a denuncia communicada para o Rio de Janeiro ao vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza.

Presos os conjurados, foi instituida uma *alçada*, que ao cabo de quasi tres annos condemnou *doze* á morte, cinco a degredo perpetuo, e outros a castigos menores.

---

(1) Antigo nome de Ouro Preto.

D. Maria I commutou a pena capital de *onze*, sendo apenas exceptuado o *Tiradentes*, que foi enforcado no dia 21 de abril de 1792, já no governo do conde de Rezende, revelando resignação heroica e extraordinaria fortaleza de animo (1).

Claudio da Costa suicidou-se na prisão, sendo os outros Inconfidentes degredados para a Africa. Dentre estes ultimos, o unico que conseguiu voltar para o Brasil foi José de Rezende Costa Filho, que fez parte da Constituinte, foi deputado por Minas Geraes e veio a fallecer no Rio de Janeiro, em 1843.

LIÇÃO XXII

A Independencia e seus precursores — A revolução pernambucana de 1817

E' este o segundo dos grandes movimentos em prol da independencia e da republica no Brasil.

A todas as outras causas que concorreram para a *Conjuração mineira*, vieram juntar-se mais: os principios democraticos, victoriosos com a Revolução Franceza; a abertura dos portos brasileiros em 1808, pondo algumas provincias do norte em contacto com as nações estrangeiras; a independencia das Provincias Argentinas, proclamada em 1816; a reacção que por toda a Europa se fazia con-

---

(1) Vêr no *Appendice* o perfil do grande martyr, cujo corpo foi esquartejado, salgado e remettido para Minas, onde ficou a cabeça exposta na praça publica, sendo os membros espalhados pelo caminho.

tra o absolutismo; e, finalmente, a attitude aggressiva e arrogante dos officiaes portuguezes contra os seus camaradas brasileiros.

Tres grandes figuras pregavam e evangelisavam as nossas idéas: o padre e professor João Ribeiro Pessôa, o negociante Domingos Martins e o padre *Miguelinho* (Miguel de Castro).

Em torno dessa trindade maxima grupavam-se ainda: o padre Roma (Abreu Lima), frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o padre Pedro Tenorio, o capitão Domingos Theotonio Jorge, o 2.º tenente Henrique Rabello e o capitão José de Barros Lima (por alcunha, o *Leão Coroado*).

Entre os grandes centros de conspiração figuravam as lojas maçonicas, além do seminario de Olinda, do qual era professor o padre João Ribeiro.

O movimento estalou no dia 6 de março de 1817 e teve por causa immediata uma questão militar: a prisão de alguns officiaes brasileiros, por ordem do capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que contra elles e outros patriotas havia recebido denuncia dada por um ilhéo.

Alguns accusados não resistiram á prisão; mas tendo o brigadeiro portuguez manoel de Castro insultado o capitão Barros Lima, desembainhou este a espada e matou o atrevido.

Seguiu-se a revolta geral dos officiaes e soldados brasileiros, sendo ainda morto o coronel Alexandre Thomaz, ajudante de ordens do capitão-general, quando pretendia reunir a tropa e apoderar-se dos officiaes revoltados.

Caetano Montenegro e o marechal José Roberto, commandante dos milicianos portuguezes, foram presos e remettidos para o Rio de Janeiro, depois de capitularem no forte de Brum.

Triumphante a revolução, foi proclamada a republica e organisado um governo provisorio, de cinco membros, do qual fizeram parte Domingos Theotonio, o padre João Ribeiro, o Dr. José Luiz de Mendonça, Manoel Corrêa de Araujo e Domingos Martins, representando respectivamente o Exercito, o Clero, a Magistratura, a Agricultura e o Commercio. Para ministro da Justiça foi nomeado o padre *Miguelinho*, havendo ainda um *Conselho Consultivo*, de que fazia parte Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, irmão de José Bonifacio.

Nomearam-se emissarios para as provincias: o padre Damasceno Ferreira para o Rio Grande do Norte, José Martiniano de Alencar para o Ceará e o padre Roma para a Bahia.

Houve grandes festas e adhesões, mas a nova republica commetteu o grave erro de não acceitar batalhões patrioticos, declarando-se pacifista.

O resultado não se fez esperar: no Ceará a revolução mallogrou-se, sendo logo preso o padre José de Alencar; na Bahia foi preso e fuzilado no *Campo da Polvora* o padre Roma; a Parahyba e o Rio Grande renderam-se logo; só em Pernambuco houve resistencia, sendo, porém, suffocada e esmagada a revolução por forças de terra e mar enviadas pelo conde dos Arcos.

A republica havia durado apenas tres mezes.

Organizaram-se *commissões militares* para o julgamento dos culpados, contando-se, entre innumeras victimas, Domingos Martins, o Dr. Mendonça e o padre Miguelinho, que foram fusilados; Domingos Theotonio, Barros Lima, o padre Tenorio e o 2.º tenente Rabello, que foram enforcados.

As cabeças das victimas foram espetadas em altos postes, as mãos penduradas em outros logares,

e os troncos arrastados em caudas de cavallos, gottejando sangue e salpicando as calçadas até o cemiterio ! O padre João Ribeiro suicidou-se.

Embora ephemera, a republica proclamada em Pernambuco foi um passo decisivo para a independencia, que teria de ser feita cinco annos depois.

Honra eterna, por isso, aos gloriosos martyres da liberdade.

LIÇÃO XXIII

A Independencia; desde o dia do "Fico" até o grito do Ypiranga

Obrigado a deixar o Brasil na madrugada de 26 de abril de 1821, em consequencia da revolução liberal, que estalara no Porto, em 1820, D. João VI abraçou o filho no momento da partida e dirigiu-lhe as seguintes palavras:

— *"Pedro, o Brasil brevemente se separará de Portugal; si assim fôr, põe a corôa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della."*

Não era preciso ser propheta para fazer tal previsão: a marcha accelerada dos acontecimentos era bastante para justifical-a, e o proprio monarcha havia inconscientemente concorrido para elles, fazendo prosperar o Brasil e despertando o ciume das côrtes portuguezas, que queriam reconduzir-nos á antiga situação de colonia escravisada.

Não tardou muito que diversas medidas odiosas e imprudentes fossem decretadas nesse sentido, contra a autoridade do Regente e a pequena autonomia de que já gosava o Brasil. Dentre as principaes destacam-se: o decreto que declarou independentes do governo central as *Juntas Governativas das Provincias*, o que supprimiu os tribunaes do Rio de Janeiro, e o que ordenava a D. Pedro que seguisse para a Europa, *afim de completar a sua educação.*

Foi nessa occasião que se agitaram os patriotas brasileiros, preparando-se para a proclamação da independencia e induzindo o Principe a desobedecer ás Côrtes e a permanecer no Brasil.

José Gonçalves Ledo, Januario da Cunha Barbosa, José Joaquim da Rocha, frei Francisco de Sampaio e outros, resolveram dirigir a D. Pedro, em nome dos Fluminenses, uma representação, que colheu dentro em pouco mais de oito mil assignaturas. Levada ao Senado da Camara, de que era presidente José Clemente Pereira (portuguez, mas partidario da causa brasileira), opinou este que se mandassem emissarios a Minas e S. Paulo, para obterem o apoio das respectivas Juntas.

No dia 9 de janeiro foi a representação do Rio, juntamente com a de Minas (a de S. Paulo só chegou mais tarde) lida no paço da cidade por José Clemente, que pronunciou eloquente discurso, terminando com estas palavras: — *"O navio que reconduzir o Principe Real, apparecerá no Tejo com o pavilhão da independencia do Brasil".*

Simulando grande emoção, mas no fundo satisfeito com o resultado obtido, respondeu D. Pedro com a celebre phrase: — *"Si é para bem de todos e felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico".*

Era o primeiro grito da revolta.

A' ousadia do tenente-coronel Jorge de Avilez (commandante da divisão auxiliadora portugue-

za), que pretendia prendel-o, respondeu D. Pedro pedindo o auxilio de Minas e S. Paulo e obrigando o revoltoso a embarcar para a Europa.

A 16 de janeiro havia entrado para o ministerio José Bonifacio, que viera ao Rio como portador da representação de S. Paulo. ..

Começaram então a ser publicados diversos decretos revolucionarios, entre os quaes um convocando o *Conselho de procuradores das provincias*, outro declarando que *nenhuma lei das Côrtes seria obedecida no Brasil sem o "cumpra-se" do Principe Regente*, e outro *prohibindo o desembarque de forças portuguezas nas provincias do littoral.*

A noticia desses factos alarmou as Côrtes de Lisbôa, onde os deputados brasileiros Antonio Carlos, Diogo Feijó, Villela Barbosa, Araujo Lima, Campos Vergueiro e varios outros luctavam já energicamente pela nossa liberdade.

O offerecimento, feito pela maçonaria a D. Pedro, do titulo de *Defensor Perpetuo do Brasil;* a convocação de uma *Assembléa Geral Constituinte e Legislativa;* o decreto de 1.º de agosto declarando inimigas as tropas enviadas para o Brasil sem previo conhecimento do Principe Regente; o manifesto dirigido ás nações amigas no dia 6 de agosto — taes foram os graves actos de rebeldia que não deixaram mais a minima duvida sobre o proximo desfecho que havia de ter a situação.

Estava, pois, de facto, feita a nossa independencia, faltando apenas um acto claro e positivo que a tornasse official. Esse acto foi o grito do Ypiranga.

De volta de Santos para S. Paulo, e ao receber novos decretos, que annullavam todos os seus actos anteriores e o intimava a retirar-se para a

Europa no praso de trinta dias, arrancou D. Pedro do chapéo o laço portuguez e proferiu o conhecido brado de *"Independencia, ou morte!"*.

A *autonomia* do Brasil ficou assim completada com a *separação*

LIÇÃO XXIV

O primeiro reinado. — Da Guerra da Independencia á emancipação do Uruguay

Chegado de S. Paulo, apresentou-se D. Pedro num theatro, tendo no braço o novo distinctivo brasileiro — um laço de fitas verde e amarella, que provocou indescriptivel enthusiasmo.

Fixou-se o dia 12 de outubro (data do descobrimento da America e do anniversario natalicio de D. Pedro) para a solemnidade da acclamação do primeiro *imperador constitucional do Brasil.* A coroação realisou-se no dia 1.º de dezembro.

Uma proclamação dera aos Portuguezes residentes no Brasil o praso de quatro mezes para se definirem, e promettia guerra de morte á metropole, si não retirasse immediatamente as forças que ainda se achavam no Brasil.

Na Bahia, para onde foram mandados De Lamare e Labatut, achava-se o general Madeira, que recebeu reforços de Portugal.

Em vista disso, enviou o governo poderosas forças e uma esquadra sob o commando de lord Cochrane, almirante inglez e um dos heroes da independencia do Chile.

A lucta terminou no dia 2 de julho de 1823, com a victoria de *Pirajá*, cantada por Castro Alves:

"Era no Dous de Julho. A pugna immensa
Travara-se nos cerros da Bahia...
O anjo da morte, pallido, cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá!
— Nesse lençol tão largo, tão extenso
Como um pedaço rôto do infinito,
O mundo perguntava, erguendo um grito:
— Qual dos gigantes morto rolará?

. . . . . .

Mas quando a branca estrella matutina
Surgiu no espaço, e as brisas forasteiras
No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hymnos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina:
Eras tu, liberdade peregrina,
Esposa do porvir, noiva do sol!"

Lord Cochrane e seus valentes auxiliares, Taylor e Greenfell, libertaram ainda o Pará e o Maranão; seguindo-se, pouco depois, na *Cisplatina*, a rendição de D. Alvaro de Macedo ás tropas do general Lecór (1811-1823).

Os outros principaes acontecimentos do 1.º reinado foram: *as luctas da Assembléa Constituinte*, a *Confederação do Equador* e a *independencia do Uruguay*.

Assembléa Constituinte — Convocada por decreto de 3 de junho de 1822, reuniu-se no dia 3 de maio de 1823, dividindo-se logo em dous partidos, sendo o da opposição chefiado pelos Andradas, em vista da demissão de José Bonifacio e Martim Francisco, que haviam sahido do ministerio, sendo

substituidos por Carneiro de Campos e Nogueira da Gama. Os dois principaes orgãos da opposição na imprensa eram os diarios *O Tamoio* e *A Sentinella*.

Em vista da agitação dos partidos, não foi possivel votar a constituição, cujo projecto havia sido formulado por Antonio Carlos e era quasi republicano. Seguiu-se uma questão militar, em que a tropa representou ao Imperador contra a linguagem da imprensa, exigindo, ao mesmo tempo, a expulsão dos Andradas.

D. Pedro dissolveu a Constituinte, deportou para a Europa os irmãos Andradas e varios outros deputados, e nomeou uma commissão de 10 membros para organisar uma nova constituição, que foi, afinal, acclamada e jurada no dia 24 de março de 1824.

Confederação do Equador — Em Pernambuco, onde se reflectira a agitação do Rio de Janeiro, resolveu o presidente eleito da provincia (Paes de Andrade) publicar um violento manifesto contra D. Pedro e proclamar, no dia 2 de julho de 1824, a *Confederação do Equador*, constituida pelas provincias de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Parahyba.

Para bater os rebeldes partiu do Rio uma esquadra ás ordens de lord Cochrane, com reforços de tropas sob o commando do coronel Francisco de Lima e Silva. A revolta foi suffocada e Paes de Andrade conseguiu fugir a bordo da fragata ingleza *Tweed*.

Nas outras provincias a revolta foi ainda mais facilmente reprimida, organisando-se *juntas militares*, que condemnaram á morte 17 rebeldes, den-

tre os quaes o portuguez João Guilherme Ratclift, e frei Joaquim do Amor Divino Caneca, fusilado no Recife.

De 1824 a 1828 deram-se ainda os seguintes factos: um tumulto militar no Maranhão, suffocado pelo almirante Cochrane, o reconhecimento da independencia do Brasil (1825), e o fallecimento de D. João VI (10 de março de 1826), passando o throno de Portugal a D. Pedro, que não o acceitou, abdicando em favor de sua filha, D. Maria II.

Independencia do Uruguay. — A Banda Oriental havia sido incorporada ao Brasil em 1821. Em abril de 1825 formou-se em Montevidéo uma conspiração chefiada por Lavalleja e Fructuoso Rivera, que, em outubro desse mesmo anno, derrotaram as tropas brasileiras em *Sarandy*.

Uma nota do governo argentino (4 de novembro) declarando o Uruguay incorporado ás Provincias do Prata, obrigou o Brasil a declarar-lhe guerra.

Depois de varios combates, foi o exercito do marquez de Barbacena vencido na batalha de *Ituzaingo*, e uma divisão da esquadra brasileira foi destruida pelo almirante Brown.

Finalmente, em 27 de agosto de 1828, foi assignado o tratado de paz, ficando reconhecida a independencia do Uruguay.

LIÇÃO XXV

O primeiro reinado. — Da Independencia do Uruguay até a abdicação

As relações politicas entre D. Pedro e o parlamento foram-se tornando cada vez mais extremadas, á proporção que a Corôa manifestava maiores tendencias para o absolutismo. Os desastres da guerra do Rio da Prata, e a noticia da revolução franceza de 1830, que desthronara Carlos X (representante do absolutismo) repercutiram não só no Rio de Janeiro como tambem nas provincias de Minas, S. Paulo, Bahia e Pernambuco — principaes centros da resistencia liberal e democratica.

Com o fim de acalmar os animos, emprehendeu D. Pedro uma viagem a Minas; mas foi mal recebido, ouvindo por toda parte a voz dos sinos que dobravam nas exequias do jornalista Libero Badaró, assassinado em S. Paulo.

O imperador voltou de Minas triste e abatido, trazendo ainda a certeza de que seria derrotado nas urnas o ministro do imperio, Silva Maia.

Esses factos despertaram nos circulos dos seus parasitas e aduladores a idéa de um *desaggravo*, resolvendo os Portuguezes e Brsileiros adoptivos illuminar as suas casas, accender fogueiras e postar bandas de musica nas principaes ruas do Rio de Janeiro.

Em represalia, grupos de estudantes, militares e liberaes exaltados sahiram tambem para as ruas, dando vivas á constituição, á Assembléa Geral e ao imperador *emquanto fosse constitucional*.

Estas scenas se repetiram nas noites de 11 e 12 de março de 1831, sem grave alteração da ordem. Na de 13, porém, que se ficou chamando a *noite das garrafadas*, houve serios e sangrentos conflictos, lançando os Portuguezes contra os Brasileiros uma saraivada de pedras, cacos de garrafas e outros projectis, de que resultaram muitos ferimentos. „

A casa do grande jornalista Evaristo da Veiga foi tambem apredejada, por se haver elle recusado a illuminar as janellas.

Os patriotas juntaram-se então em volta do redactor da *Aurora Fluminense* e encarregaram-n'o de redigir um energico manifesto, exigindo o desaggravo dos Brasileiros e a nomeação de um ministerio liberal. Evaristo, o senador Vergueiro, Odorico Mendes e o padre Diogo Feijó (que se achava em S. Paulo) puzeram-se á frente do movimento revolucioanrio.

D. Pedro consentiu em mudar o ministerio; mas, continuando a agitação, formou outro, constituido de fidalgos e senadores impopulares.

Esta mudança foi recebida com indignação pelo povo e pela tropa, que, reunidos no Campo de Sant'Anna, enviaram a S. Christovão uma commissão para pedir a demissão dos ministros. O Imperador não attendeu e declarou imprudentemente que *"estava prompto a fazer tudo para o povo, mas nada pelo povo"*,

Esta resposta exacerbou a multidão, reunindo-se a essa a propria tropa commandada por Francisco de Lima e Silva.

Foi ainda enviado a S. Christovão o major Miguel de Frias, que expoz a D. Pedro a gravidade da situação.

Vendo que nada mais poderia fazer e, depois de conferenciar com os ministros da França e da Inglaterra acerca dos meios de effectuar a viagem para a Europa, entregou a Miguel de Frias, *ás 2 horas da madrugada do dia 7 de abril*, um papel com os seguintes dizeres:

"Usando do direito que a constituição me concede, declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessôa do meu muito amado e prezado filho o Sr. D. Pedro de Alcantara. — Bôa Vista, 7 de abril de 1831."

Entregando esse documento a Miguel de Frias, disse ainda D. Pedro:—*"Aqui tem a minha abdicação. Estimarei que sejam felizes. Retiro-me para a Europa e deixo um paiz que sempre amei e que amo ainda"*.

Em seguida nomeou José Bonifacio para tutor de seus filhos, e retirou-se com o resto da familia para bordo da fragata ingleza *Warspite*.

Terminou assim o primeiro reinado, pela victoria da liberdade contra o despotismo.

O grande heróe da jornada de 7 de abril, que confirmou definitivamente a independencia da nossa patria, foi o redactor da *Aurora Fluminense*, o brilhante jornalista e intemerato patriota Evaristo da Veiga.

LIÇÃO XXVI

O segundo reinado. — A regencia

Quando D. Pedro I abdicou, tinha seu filho apenas 5 annos e 4 mezes, pois que nascera a 2 de dezembro de 1825. Resultou d'ahi a necessidade de nomear-se alguem que governasse em seu nome.

Reunidos os senadores e deputados, elegeram uma *regencia provisoria*, entrando para ella o brigadeiro *Francisco de Lima e Silva*, o *marquez de Caravellas* (José Joaquim Carneiro de Campos) e o senador Vergueiro.

Este governo provisorio limitou-se a publicar um manifesto em defesa da ordem, a reintegrar o ministerio popular demittido por D. Pedro, e a suffocar motins na Bahia, em Minas e em Pernambuco. Durou apenas 2 mezes e 11 dias, sendo então eleita regularmente uma regencia permanente.

Regencia Permanente Trina — Constituida por Lima e Silva (reeleito), José da Costa Carvalho e João Braulio Muniz, tornou-se notavel pela acção energica do padre Diogo Antonio Feijó, nomeado ministro da Justiça, que reprimiu diversas revoltas militares no Rio e em varias provincias, collocando-se ao lado do partido *moderado*, em lucta com o *restaurador* ou *caramurú*, dirigido pelos Andradas, que foram contra a abdicação e queriam a volta de D. Pedro I.

Em 17 de abril de 1832, cnseguiu Feijó esmagar uma nova sedição partida da propria Quinta da Bôa Vista e inspirada pelo tutor dos principes; mas exigiu a destituição de José Bonifacio daquelle cargo. A Camara approvou a destituição, mas o Senado rejeitou-a por maioria de um voto. Em vista desse resultado, sahiu Feijó do ministerio.

Regencia Una de Feijo' — Em 12 de agosto de 1834 havia sido criado o *Acto Addicional* (accrescimo feito á constituição) e por elle ficavam reduzidos os tres regentes a um só.

Feita a eleição popular, sahiu victorioso o padre Feijó, que derrotou Hollanda Cavalcante, candidato da opposição.

Tomando posse do cargo, desenvolveu Feijó prodigiosa actividade; mas, ao abrir-se o parlamento em 1836, tres grandes assumptos se apresentaram a debate: uma questão religiosa com a Santa Sé, a continuação de uma lucta civil que desde muito se vinha dando no Pará, e a *Guerra dos Farrapos*, no Rio Grande do Sul.

Começou a formar-se contra Feijó violenta opposição parlamentar do partido *saquarema* ou *conservador*, organisado por Bernardo de Vasconcellos.

Tendo sido approvada apenas por cinco votos de maioria uma moção de confiança ao Regente, e já não contando este com o apoio de Evaristo da Veiga (fallecido em maio de 1837), renunciou Feijó em 19 de setembro, passando lealmente o governo ao seu adversario Pedro de Araujo Lima (depois marquez de Olinda).

Regencia de Araujo Lima — Divide-se em dous periodos: o da *interinidade* (19 de setembro de 1837 a 22 de abril de 1838) e o da *effectividade* (de 22 de abril de 1838 a 23 de julho de 1840).

Durante a interinidade os acontecimentos principaes foram: a criação do *Collegio de Pedro II* e do *Instituto Historico*, por Bernardo de Vasconcellos (ministro do Imperio); uma revolução na Bahia (a *Sabinada*), que proclamou a republica até a maioridade de D. Pedro II; e o prolongamento da lucta do Rio Grande do Sul.

Durante a effectividade deu-se no Maranhão a revolta de dous partidos politicos (*cubanos e bemtevis*) pacificada por Caxias; proseguiu a Guerra dos Farrapos, e continuaram as luctas parlamentares.

As Camaras, resistindo á acção de Bernardo, que pretendia adial-as, proclamaram a maioridade

de D. Pedro II, em 23 de julho de 1840, iniciando-se então regularmente o 2.º *reinado*.

A epoca da regencia foi assignalada por continuas luctas e revoluções, mas teve, para abrilhantal-a, a energia e o talento de um grande estadista e um grande patriota: a sombra de Feijó e a sombra de Evaristo, unidas e irmanadas, dominam por completo o scenario da vida social e politica daquelle tempo.

LIÇÃO XXVII

O segundo reinado. — A maioridade. — As luctas internas e externas

O segundo reinado, desde a maioridade até 1889, abrange um periodo de 49 annos e comprehende como factos principaes: *as luctas civis e a pacificação do Imperio* por Caxias (1840 a 1850); e as *guerras externas*, que começam com as luctas travadas no sul contra Oribe e Rosas (1851 e 1852), interrompem-se durante doze annos de paz e prosperidade, e proseguem de 1864 a 1870 (guerras com o Uruguay e o Paraguay).

Em ambas essas phases apparece, como principal heróe de quasi todos os acontecimentos, a figura veneravel do grande patriota e glorioso soldado Luiz Alves de Lima e Silva, successivamente barão, conde, marquez e duque de Caxias. Fazer-lhe a biographia é traçar quasi toda a historia do segundo reinado.

PRIMEIRA PHASE: LUCTAS INTERNAS E PACIFICAÇÃO DO IMPERIO — Aos sete annos era já Lima e Silva

designado *cadete* no regimento de seu avô; aos quinze, alferes, cursando com brilho a Academia Militar; aos dezoito, tenente. Em 1823 começou a apparecer na Bahia, na guerra da independencia. De 1825 a 1826 fez a campanha da Cisplatina (Banda Oriental), sendo alli promovido por actos de bravura. No momento da abdicação, manteve-se fiel á fé jurada e á disciplina militar. Durante a regencia de Feijó, suffocou a revolta de Miguel de Frias. Em 1839 pacificou o Maranhão, sendo nomeado presidente da provincia e commandante das armas, e, ao voltar em 1841, teve como recompensa o posto de brigadeiro e o titulo de barão de Caxias. Em 1842 pacificou as provincias de S. Paulo e de Minas, e em 1845 a do Rio Grande do Sul, onde poz termo á prolongada guerra dos *Farrapos*.

As luctas civis prolongaram-se ainda até 1849, incluindo-se no numero dellas a chamada revolução *praieira* de Pernambuco (1848).

SEGUNDA PHASE: LUCTAS EXTERNAS — Começaram estas com a guerra que tivemos de travar contra o tyranno Rosas (de Buenos Ayres) e o seu preposto Oribe (do Uruguay). Máos tratos e crueldades praticadas contra Brasileiros naquellas duas republicas, assim como insultos e ultrajes feitos á nossa bandeira, e o facto de querer Rosas supprimir a independencia do Uruguay, foram as principaes causas que nos levaram á guerra contra os dous tyrannos.

Em tres mezes concluiu-se a campanha contra Oribe, que a 10 de outubro de 1850 capitulou diante das tropas de Caxias e da esquadra do almirante Greenfeld, levantando o sitio que havia posto a

Montevidéo, com o intuito de entregar a sua patria ao tyranno de Buenos Ayres.

Alliando-se então com o Uruguay e com o general Urquiza, governador da provincia argentina de Entre Rios, entrou o Brasil em guerra contra Rosas, terminando a campanha com a victoria de *Monte Caseros* (3 de fevereiro de 1852).

Rosas, completamente derrotado, fugiu para Buenos Ayres, de onde seguiu disfarçado para bordo de um navio inglez, que o transportou para a Europa.

A essas guerras seguiu-se um intervallo de doze annos (1852-1864) durante o qual o Brasil realisou grandes e rapidos progressos.

Causas identicas ás de 1851, obrigaram o Brasil a intervir em 1864 no Estado Oriental do Uruguay, alliando-se com o general revolucionario Venancio Flores, que se achava em lucta com o governo despotico do seu paiz, e que nos havia promettido uma reparação a todas as affrontas recebidas.

Aproveitando-se desse facto, pretendeu Francisco Solano Lopes, dictador do Paraguay, intervir no conflicto, protestando contra a nossa intervenção. Não sendo attendido, declarou guerra ao Brasil e mandou invadir as provincias de Matto Grosso e do Rio Grande do Sul.

Vencido o governo de Montevidéo e elevado o general Flores á presidencia do Uruguay, alliou-se esta republica ao Brasil na lucta com o Paraguay.

Lopes, desesperado porque a Republica Argentina se recusou a consentir na passagem das forças paraguayas que vinham invadir o Rio Grande, declarou tambem guerra áquella nação. Nasceu d'ahi o tratado da *triplice alliança* (Argentina, Brasil e

Uruguay), assignado em Buenos Ayres em 1.º de maio de 1865.

A lucta prolongou-se até 1.º de março de 1870, data da morte de Lopes nas margens do *Aquidaban*.

De 1870 a 1889 viveu o Brasil em paz com todas as outras nações, realisando sensiveis progressos.

Em 13 de maio de 1888 foi abolida a escravidão e em 15 de novembro de 1889 foi proclamada a Republica.

LIÇÃO XXVIII

O elemento indigena, a catechese e a situação actual dos indigenas

Dos tres elementos de que resultou em muitos pontos o typo genuinamente brasileiro do *mestiço*, foi, sem duvida, o indigena o que preponderou no extremo norte do paiz, onde, ainda hoje, constitue o caboclo o typo caracteristico das populações da Parahyba para cima.

No centro e no sul, pequeno foi o contingente de selvagens incorporados á civilisação pela obra benemerita da catechese; a sêde de riqueza dos colonos levou-os a reduzir os miseros indigenas á escravidão e a destruir as aldeias organisadas pelos Jesuitas, onde, aliás, já reinava a degradação do indio indolente, em consequencia da embriaguez introduzida pelo alcool. Si nas cidades as mulheres indigenas se ligavam aos Portuguezes, os homens fugiam e debandavam para o sertão, afim de escaparem aos algozes, que os ferravam e vendiam como escravos; assim, o elemento indigena, que tanto

concorreu para a defesa do Rio de Janeiro e de S. Paulo, dispersou-se quasi todo e só contribuiu para a formação das primeiras gerações de mamelucos.

Onde elle preponderou foi principalmente no Pará e no Amazonas, pois que ahi as missões jesuitas realisaram mais livremente a conquista do territorio, conseguindo aldeiar algumas dezenas de milhares de representantes da primitiva população do Brasil.

Com a expulsão dos Jesuitas, porém, ficaram as aldeias abandonadas, e os indigenas fugiram para o alto sertão, cessando quasi por completo a fusão desse elemento com os das outras raças que concorreram para a mestiçagem brasileira.

Modernamente tem o assumpto preoccupado de novo a attenção dos estadistas, empenhados em resolver o complicado problema do povoamento do solo, de abrir as nossas florestas ao contacto do mundo, e de incorporar á civilisação as populações indigenas, aproveitando-as como elemento util ao nosso progresso.

Do serviço da catechisação novamente emprehendido têm resultado já consideraveis beneficios, e, pouco a pouco, vão sendo aproveitadas as terras ainda virgens do Brasil, onde o selvagem servia de obstaculo; muitos destes têm sido empregados nos diversos misteres das industrias extractivas (principalmente nas da borracha e das pelles de animaes) e, embora com grande lentidão, vai-se removendo o perigo de uma lucta armada com os aborigenes, que dominam ainda quasi todo o centro do paiz, elevando-se a sua população a varias centenas de milhares de individuos.

A Republica não tem descuidado de tão grave problema e, ainda hoje, são inestimaveis os serviços prestados pela missão do coronel Rondon. A obra da catechese progride incessantemente, inspirada em principios mais logicos e racionaes, que consistem em não querer realisar erradamente a conversão subita do indigena aos nossos costumes e á nossa civilisação, mas em deixar que a operação se realise gradualmente e no decurso de algumas gerações, mantendo-se por emquanto os seus costumes, sua familia, suas idéas moraes, seus habitos de vida e de trabalho, etc., tudo de accôrdo com as theorias pregadas anteriormente pelo grande ethnologo brasileiro Couto de Magalhães.

LIÇÃO XXIX

Historico das idéas republicanas no Brasil

A adopção do regimen republicano era já uma velha aspiração nacional, manifestada em quasi todas as tentativas de autonomia e de independencia. Presentida pelos chefes da Inconfidencia mineira, em 1789; regada com o sangue de Tiradentes, e dos martyres de quatro provincias em 1817 e 1824; alimentada ainda nas guerras civis da Bahia e do Rio Grande do Sul, durante o periodo regencial; a Republica, implantada em todo o novo continente americano, falhou apenas, como *unica excepção*, no Brasil, porque a Independencia foi realisada de collaboração por elementos nacionaes e estrangeiros, com o principe D. Pedro á frente — movimento hybrido de que resultou a adopção provisoria da monarchia, como fructo de uma transacção e de uma alliança conciliadora entre Brasileiros e Portuguezes.

Essa alliança, imposta pelas circumstancias de momento, como unico meio de garantir a nossa emancipação politica, tinha, porém, de ser ephemera e transitoria, e adiava apenas a victoria das velhas aspirações democraticas.

O primeiro ensejo que para essa victoria se offereceu, foi a revolução de 7 de abril de 1831, de que resultou a abdicação; mas as divergencias e rivalidades das varias facções politicas (a restauradora ou retrograda, representada pelos Andradas; a constitucional, pelos liberaes moderados; e a republicana, pelos Franças da Bahia); a flagrante minoria em que estava o partido federalista, e a fidelidade monarchica da familia Lima e Silva, entregaram os destinos da revolução aos moderados, dirigidos então por Evaristo da Veiga e Diogo Feijó, assegurando a victoria liberal do constitucionalismo, que consolidou a regencia e preparou o advento do 2.º reinado.

Resultou d'ahi um novo adiamento, talvez providencial, da adopção do regimen republicano, que veio a vingar, afinal, em 15 de novembro de 1889, em consequencia de causas multiplas, entre as quaes concorreram: a desmoralisação dos partidos monarchicos, o exotismo das instituições imperiaes no continente americano, a acção tenaz e energica dos propagandistas, as antipathias e prevenções contra o 3.º reinado e, finalmente, a collaboração das classes armadas.

Na realisação do velho ideal dos patriotas de 89 e de 17, o elemento preponderante foi o Exercito. Este, que tivera sempre representantes em todas as conspirações e movimentos revolucionarios da nossa Historia, achava-se penetrado da cultura philosophica e principalmente das doutrinas positivistas, pregadas por Benjamin Constant no curso de mathematicas da antiga Escola Militar da Praia Vermelha, onde se formaram os espiritos de Lauro Sodré, Serzedello Corrêa, Jayme Benevolo, Lauro Muller, Athayde Junior, Euclydes da Cunha e varios outros officiaes de talento e preparo, que vieram formar ao lado dos mais decididos propagandistas da Abolição e da Republica.

A victoria do abolicionismo, em 13 de maio de 1888, veio precipitar ainda mais a marcha dos acontecimentos. O partido republicano, que se organisara desde 1870, recrudesceu de energia e retomou o antigo posto de combate.

O *Club Tirandentes* e o *Centro Lopes Trovão* proseguiram na propaganda. No jornalismo, no professorado, nos comicios e na tribuna das conferencias recomeçou a agitação, promovida por Quintino Bocayuva, Silva Jardim, Ubaldino do Amaral, Lopes Trovão, Sampaio Ferraz, Francisco Glycerio, Aristides Lobo, Campos Salles, Prudente de Moraes, Rangel Pestana, Pedro Tavares, Alberto Torres, Nilo Peçanha, Monteiro Manso, Assis Brasil, Annibal Falcão e muitos outros.

Cahido o gabinete João Alfredo, e, alarmada com a recepção triumphal que tivera Silva Jardim nas provincias do Norte, para onde partira, seguindo de perto a excursão do conde d'Eu, resolveu a monarchia entregar a direcção do governo ao gabinete reaccionario do visconde de Ouro Preto (7 de junho de 1889).

Trazia o novo ministerio como programma *esmagar a hydra republicana*, sendo, porém, recebido na Camara, pela eloquencia do padre João Manoel de Carvalho, que terminou o seu vehe-

mente discurso de opposição aos gritos de *"abaixo a Monarchia e viva a Republica!"*

Foi enorme a sensação produzida por esse discurso, e menos de seis mezes depois estava realisada a prophecia daquelle antigo membro do partido conservador.

Com o gabinete 7 de junho renovou-se a *questão militar*, que vinha agitando o paiz desde o ministerio Cotegipe. Manifestou-se, então e de maneira formidavel, a acção de Ruy Barbosa, que, em artigos sensacionaes, estampados no *Diario de Noticias*, minava impiedosamente os alicerces do throno, desvendando aos olhos do paiz o *Plano contra a Patria*, seguido pelo governo, que pretendia substituir o Exercito pela Guarda Nacional, para preparar o advento do 3º reinado. As edições do *Diario de Noticias* succediam-se vertiginosamente, sendo os exemplares arrancados da mão dos vendedores e distribuidos pelos quarteis. Finalmente, no dia 9 de novembro foi Bejamim Constant autorisado, em sessão secreta do Club Militar, a decidir, em nome da classe, a solução que deviam ter os acontecimentos.

No dia 11 houve o primeiro conciliabulo em casa do marechal Deodoro da Fonseca, achando-se presentes Benjamin, Ruy Barbosa, Quintino Bocayuva, Aristides Lobo, Francisco Glycerio, o general Cantuaria e o coronel Solon.

Quatro dias depois (15 de Novembro) dava-se o levante de todas as tropas da guarnição, tendo como consequencias immediatas a proclamação da Republica e a organisação de um *Governo Provisorio Constituido pelo Exercito e a Armada em nome da Nação.*

Foram estes os seus membros:

Chefe — Marechal Deodoro da Fonseca.
Ministro da Fazenda — Ruy Barbosa.
" do Interior — Aristides Lobo.
" " Exterior — Quintino Bocayuva.
" da Guerra — Benjamin Constant.
" " Justiça — Campos Salles.
" " Marinha — Eduardo Wandenkolk.
" " Agricultura — Demetrio Ribeiro.

O Brasil Actual

A linha de demarcação do tratado de Tordezilhas (mappa n. 2) assignala os estreitos limites do Brasil em 1534, no tempo das capitanias hereditarias.

Nos dous seculos seguintes (17.° e 18.°) esses limites foram recuados para oeste, até perto da cordilheira dos Andes, por tres agentes diversos:

1.° *as missões religiosas,* que povoaram os longos desertos do Pará e do Amazonas.

2.° *a criação do gado,* que tornou conhecida uma parte da zona central do Brasil a oeste da Bahia e do Piauhy.

3.° *os bandeirantes* (principalmente paulistas), que furaram a linha de demarcação e conquistaram uma parte do territorio de Minas, mais de metade do de S. Paulo, todos os do Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, os de Goyaz e Matto Grosso e grande parte do do Amazonas.

Em 1750 (tratado de Madrid) e em 1777 (tratado de Santo Ildefonso) o Brasil, que no tempo das capitanias hereditarias media apenas 2.700.000 k², havia já triplicado o seu territorio, comprehendendo mais de 8:000.000 de k² de superficie.

Tendo resolvido, depois da Republica, as velhas questões de fronteiras com o Uruguay, a Republica Argentina, a Bolivia, o Perú, a França e a Inglaterra (Guyana franceza e ingleza), augmentou ainda mais a sua extensão territorial, limitando-se actualmente, como se vê do mappa n. 3, com todos os outros paizes da America do Sul, exceptuando-se apenas o Chile.

A superficie total do Brasil é actualmente de... 8.517.117 k², assim distribuidos:

Amazonas	1.894.000
Pará	1.150.000
Maranhão	460.000
Piauhy	301.000
Ceará	104.000
Rio Grande do Norte	57.000
Parahyba	74.000
Pernambuco	128.000
Alagôas	58.000
Sergipe	39.000
Bahia	426.000
E. Santo	45.000
Rio de Janeiro	69.000
S. Paulo	290.000
Paraná	141.000
S. Catharina	154.000
Rio Grande do Sul	236.000
Minas Geraes	575.000
Goyaz	747.000
Matto Grosso	1.378.000
Territorio do Acre	190.000
Districto Federal	1.117
Total	8.517.117

BRAZIL POLITICO
Escala
0 100 200 300 400 500 1000 Kil.
OCEANO ATLANTICO
OCEANO PACIFICO
BRASIL
Equador
Tropico do Capricornio
Venezuela
Colombia
Bogotá
Guyana
Inglesa
Holl.ª
Guyana brasileira
Cayenna
Cabo de Orange
Equador
Perú
Lima
Bolivia
Chile
Parag.
Uruguay
Republica Argentina
Buenos Aires
Montevideo
Rio da Prata
Amazonas
Manáos
Pará
Belem
Santarem
Maranhão
S. Luiz (Maranhão)
Piauhy
Therezina
Ceará
Fortaleza
Rio Gr. do Norte
Natal
Parahyba
Pernamb.º (Recife)
Alagôas
Macció
Sergipe
Aracajú
Bahia
S. Salvador
Matto Grosso
Cuyabá
Goyaz
Minas Geraes
Bello Horizonte
Espirito Santo
Victoria
Rio de Janeiro
Nictheroy
S. Paulo
Santos
Paraná
Curityba
S. Catharina
Florianopolis
R. Grande do Sul
Porto Alegre
Rio Grande (S. Pedro)
Acre
Penedo de S. Pedro
I. Fernando de Noronha
Martin Vaz
I. da Trindade
Cabo de S. Roque
La Paz
Sucre
Potosí
Cuzco
Mollendo
Arica
Pisagua
Antofagasta
Valparaiso
Santiago
Aconcagua
Coquimbo
Tucuman
Corrientes
Cordoba
Rosario
Assumpção
Corumbá
Diamantina
Juiz de Fóra
Ouro Preto
Campos

As Datas Nacionaes. — Os Symbolos da Patria; a Bandeira e o Hymno

As datas que festejamos são quasi todas historicas; lembram quandes feitos de civismo e de amor á Patria praticados pelos nossos antepassados; assignalam dias de gloria e de felicidade para o Brasil; recordam factos que enaltecem a nossa nacionalidade e o valor moral de seus filhos. Devemos, pois, commemorar com enthusiasmo os acontecimentos que ellas recordam, não só porque prestamos assim homenagem aos grandes vultos da nossa historia, como tambem porque estimulamos o patriotismo e o civismo dos contemporaneos, offerecendo-lhes exemplos dignos de serem por elles imitados.

As principaes datas da nossa historia são: 3 e 13 de maio, 7 de setembro, 15 de novembro, 21 de abril e 24 de fevereiro.

Tres de Maio — E' consagrado á commemoração do descobrimento do Brasil. Foi nessa data que, em 1500, a nossa terra nasceu para o mundo e para a civilisação. Póde, pois, dizer-se que o 3 de maio é o dia do seu anniversario natalicio. Ora, assim como festejamos o anniversario das pessôas que nos são mais caras, assim devemos festejar o natalicio da Patria, que é a nossa mãe commum, sempre amada e estremecida.

TRESE DE MAIO — E' consagrado á commemoração da *fraternidade dos Brasileiros*. Quer dizer: foi a 13 de maio de 1888 que *ficamos sendo irmãos*, com os mesmos direitos, os mesmos deveres e as mesmas liberdades.

Emancipou-se naquelle dia a raça negra, que até então vivia escravisada, não obstante haver sido, durante cerca de quatro seculos, o principal factor da grandeza e da prosperidade economica do Brasil.

SETE DE SETEMBRO — Recorda a conquista da nossa independencia, o martyrio de alguns apostolos da autonomia, e o exemplo de um destemido grupo de patriotas á cuja frente se destacam as figuras dos fundadores da nossa nacionalidade. Naquelle dia o Brasil deixou tambem de ter senhores e adquiriu a sua liberdade politica.

QUINZE DE NOVEMBRO — Lembra a realisação dos nossos ideaes democraticos, alcançada em 1889 com a proclamação da Republica. Nesse dia foram abolidos os privilegios da realeza, a nação entrou na posse do governo de si mesma, e todos os Brasileiros ficaram eguaes perante a lei. A victoria republicana é a consagração de um velho ideal brasileiro e americano, realisado á custa de ingentes sacrificios.

VINTE E UM DE ABRIL — E' consagrado aos precursores da Independencia e da Republica, symbolisados em Tiradentes, que foi o primeiro martyr desses dous grandes ideaes. Tiradentes merece, com effeito, o culto que lhe tem sido tributado, e a sua memoria é digna da commemoração civica de 21 de abril. A iniquidade da sentença que o condemnou, a injustiça odiosa da excepção de que foi victima, e a sublimidade da sua conducta no martyrio, bem como a hedionda ferocidade dos algozes, fizeram do simples e obscuro alferes de milicias o heróe e o martyr de uma idéa, envolvendo-o nessa rutila aureola de gloria, de abnegação e de sacrificio, que serve de inspiração civica ás gerações do presente e ha de despertar em todos os tempos a admiração, a sympathia, a estima, o respeito e a veneração da posteridade.

VINTE E QUARTO DE FEVEREIRO — E' a data da promulgação da nossa carta constitucional.

Nesse dia (1891) ficou definitivamente organisado o novo regimen republicano e foram reconhecidos os direitos civis e politicos de todos os Brasileiros. A constituição dos paizes é uma especie de estatuto das sociedades, e representa o compromisso solemne de todas os associados em respeitarem as mesmas leis e gosarem da mesmas regalias. A principal vantagem de uma constituição é limitar o poder do governo e das autoridades, definindo os seus deveres e as suas attribuições, que não pódem ir além das normas traçadas naquelle codigo, sob pena de processo e responsabilidade dos que se excederem no exercicio das suas funcções.

Representa, assim, o accordo de todos os cidadãos, unidos pela vontade de viverem juntos sob a vigencia das mesmas leis e das mesmas instituições.

As outras datas festejadas no Brasil são *1.º de Janeiro, 14 de Julho, 12 de Outubro e 2 de Novembro.*

Não pertencem propriamente á historia do Brasil, mas temos a obrigação de commemoral-as, porque os homens, embora de patrias differentes, são todos irmãos e solidarios, tendo egualmente deveres para com a humanidade em geral. D'ahi a necessidade de commemorar as grandes datas que se relacionam com a collectividade dos povos e dos individuos.

A data de *1.º de Janeiro* é consagrada á commemoração da fraternidade universal, isto é, á solidariedade, ao amor e ao respeito que devem guardar entre si todos os individuos que têm soffrido e luctado pela conquista dos mesmos ideaes. O homem, no dizer dos naturalistas e philosophos, é um *animal social;* quer dizer: não póde viver isolado; a realisação do seu destino depende da familia e da sociedade, os dous principaes élos da grande cadeia da humanidade.

Por esse motivo, Socrates considerava os homens como irmãos e dizia que a sua patria era o universo; e Marco Aurelio, imperador romano, escreveu um dia estas palavras memoraveis : — *"Como Antonino, minha patria é Roma; como homem, minha patria é o mundo"*.

Quatorze de Julho — E' consagrada á independencia dos povos americanos, inspirada pelas conquistas da Revolução Franceza. Esta ultima deve ser considerada como o principal acontecimento dos tempos modernos, pois que, alargando as conquistas inglezas do seculo anterior, refundiu a sociedade, acabou com o despotismo, aboliu os privilegios das classes, proclamou os direitos do homem e do cidadão e instituiu o governo democratico.

Inspirados nessas idéas e nesses sentimentos, realisaram os povos americanos a sua independencia, recordando a de quasi todas as republicas da America do Sul as figuras veneraveis e benemeritas de Bolivar e San Martin.

A independencia do Brasil inspirou-se tambem na mesma corrente; e a revolução pernambucana de 1817, que foi o passo decisivo para essa grande conquista, derivou directamente da independencia argentina e abeberou-se na mesma fonte de onde jorrou a liberdade para todos os povos modernos.

Doze de Outubro — Recorda o descobrimento da America por Christovão Colombo, em 1492.

Facil é comprehender a importancia que teve para os destinos da humanidade a revelação de um novo mundo, em que vieram a se formar novas patrias e novas civilisações.

Como um dos povos que nelle se constituiram e que fazem hoje parte dessa enorme communhão de familias sociaes, gosando os beneficios das mesmas leis, dos mesmos costumes e da mesma civilisação, unidos pelo mesmo ideal de paz e de liberdade, é com orgulho que nos sentimos todos filhos do prodigioso torrão que nos serviu de berço.

Somos os seus depositarios e exercemos nelle o papel de continuadores da velha civilisação européa, de cuja modificação no solo livre da America dependem os futuros destinos da humanidade.

Como seus habitantes, devemos nos considerar tambem irmãos de uma immensa sociedade humana de que fazem parte todas as patrias do continente americano.

Dous de Novembro — E' consagrado á comme-

moração geral dos mortos, isto é, dos individuos que desappareceram da vida material ou *objectiva*, mas a cuja memoria nos sentimos presos pela saudade ou pela gratidão. Ao passo que cada um de nós individualmente cultiva a saudade de um pae, de um filho, de um esposo, de um irmão, ou de um amigo, como membro da collectividade deve venerar tambem a lembrança daquelles que se sacrificaram pelo bem commum, ou mesmo dos que, embora anonymos e obscuros, representaram na terra um dos élos da enorme cadeia da humanidade e que foram, portanto, nossos amigos e nossos irmãos.

E' cultuando a memoria dos que foram bons e abnegados, seguindo-lhes o exemplo e imitando-lhes a acção, que chegaremos, por nossa vez, ao mesmo gráo de elevação moral a que elles conseguiram chegar. São elles que inspiram a nossa conducta, porque, como affirma um grande pensador, *os vivos são, sempre e cada vez mais, governados pelos mortos.*

Além das datas nacionaes, de commemoração official e instituida por lei, em nome da collectividade, ha uma outra que os nossos costumes foram pouco a pouco adoptando e que conseguiu obter já a adhesão e o consenso de todos os Brasileiros: é a de 19 de novembro, em que se celebra entre nós a festa da *Bandeira.*

Essa festa é um facto civico de grande importancia, porque, como representação da Patria, de que o hymno é outro symbolo, a bandeira nacional resume em si a imagem physica e moral do Brasil: o verde e o amarello recordam as côres das nossas selvas e do nosso ouro; as vinte e uma estrellas

representam os vinte Estados da Federação, reunidos ao Districto Federal; o Cruzeiro é o symbolo primitivo da *Terra de Santa Cruz;* a legenda *Ordem e Progresso* crystallisa o supremo ideal das sociedades modernas.

Assim como nos curvamos reverentes em face da imagem do deus que adoramos, assim devemos respeitosamente saudar a bandeira, que é a imagem resplandecente da Patria que tanto amamos.

O Hymno é o outro symbolo nacional: faz recordar a Patria, com a veneração e o respeito de uma prece pronunciada deante de um altar; é a evocação da sua grandeza, do seu prestigio e da sua honra. Devemos, por isso, ouvil-o sempre de pé e descobertos, aprendendo a repetir de cór a sua letra e a sua musica.

LETRA DO HYMNO NACIONAL

(Musica de Francisco Manoel)

I

Ouviram do Ypiranga as margens placidas
De um povo heroico o brado retumbante
E o sol da liberdade, em raios fulgidos,
Brilhou no céo da Patria nesse instante.

Si o penhor dessa egualdade
Conseguirmos conquistar com braço forte,
Em teu seio, ó liberdade,
Desafia o nosso peito a propria morte!

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vivido
De amor e de esperança á terra desce,
Si em teu formoso céo, risonho e limpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela propria natureza,
És bello, és forte, impavido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
O' Patria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

II

Deitado eternamente em berço esplendido,
Ao som do mar e á luz do céo profundo.
Fulguras, ó Brasil, florão da America,
Illuminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

O' Patria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja symbolo
O labaro que ostentas estrellado
E diga o verde-louro dessa flammula
— Paz no futuro e gloria no passado.

Mas, si ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge á lucta,
Nem teme, quem te adora, a propria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
O' Patria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

OSORIO DUQUE-ESTRADA.

HYMNO DA BANDEIRA

(Musica de Francisco Braga)

Salve, lindo pendão da esperança,
Salve, symbolo augusto da paz!
Tua nobre presença á lembrança
A grandeza da Patria nos traz.

Recebe o affecto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido symbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Em teu seio formoso retratas
Este céo de purissimo azul,
A verdura sem par destas mattas
E o esplendor do Cruzeiro do Sul.

Recebe o affecto, etc.

Contemplando o teu vulto sagrado,
Comprehendemos o nosso dever.
E o Brasil, por seus filhos amado,
Poderoso e querido ha de ser.

Recebe o affecto, etc.

Sobre a immensa nação brasileira,
Nos momentos de festa ou de dôr,
Paira sempre, sagrada bandeira,
Pavilhão da justiça e do amor!

Recebe o affecto, etc.

OLAVO BILAC.

INDICE

	Pags.
Introito	5
Considerações preliminares	7
PRIMEIRA PARTE	
Programma (4.º anno)	13
Lição I — Descobrimento do Brasil	15
" II — Povos que habitavam o Brasil	18
" III — A colonisação do Brasil. Primeiras tentativas	19
" IV — A colonisação. Capitanias hereditarias	22
" V — " O governo geral	24
" VI—Tentativas de conquista. Invasões francezas	26
" VII — " " " Invasões inglezas	29
" VIII— " " " Invasões hollandezas	30
" IX — Tentativas de conquista. 2.ª invasão hollandeza. Dominio hollandez em Pernambuco	32
" X — Invasões hollandezas (ultima parte). A insurreição pernambucana	35
" XI — Inconfidencia mineira	37
" XII — Revolução pernambucana de 1817	39
" XIII — A independencia	42
" XIV — Libertação dos escravos	44
" XV — Proclamação da Republica	46
" XVI — Historia do Districto Federal	48
Programma (5.º anno)	51

SEGUNDA PARTE

Pags.

Programma (6.º anno) 53

Lição I — Historia de Portugal (Breve resumo) . . . 55
Lição II — Descobrimentos maritimos. Os dous cyclos de navegação 61
Lição III — O descobrimento do Brasil pelos dous cyclos de navegação 67
Lição IV — Os indigenas do Brasil na época do descobrimento 73
Lição V — Primeiras explorações. Tentativas de colonisação; as primeiras feitorias 79
Lição VI — Capitanias hereditarias 85
Lição VII — A Centralisação e a defeza; o governo geral. Thomé de Souza e a fundação da cidade da Bahia 93
Lição VIII — Continuação do Governo Geral. D. Duarte da Costa e Mem de Sá 99
Lição IX — Fundação da cidade do Rio de Janeiro. . 105
Lição X — Os Jesuitas e a catechese; Manoel da Nobrega e José de Anchieta 111
Lição XI — Tentativas de conquista. Invasões francezas. Os francezes no Rio de Janeiro e no Maranhão. A França Antarctica e a França Equinocial. . . 117
Lição XII — Tentativas de conquista. Invasões inglezas 123
Lição XIII — Primeira invasão hollandeza; perda e restauração da Bahia 125
Lição XIV — O dominio hollandez em Pernambuco. . 131
Lição XV — O dominio hollandez em Pernambuco (2.º Periodo) 137
Lição XVI — O dominio hollandez em Pernambuco (3.º Periodo) 143
Lição XVII — Revolta de Beckmann 149
" XVIII — Emboabas e Mascates. 151
" XIX — Bandeiras 154
" XX — Transmigração da familia real portugueza; D. João VI. 157
" XXI — A Independencia e os seus precursores. A conjuração mineira; o Tiradentes. 160

Pags.

Lição XXII — A Independencia e seus precursores. A revolução pernambucana de 1817 163
Lição XXIII — A Independencia; desde o dia do "Fico" até o grito do Ypiranga 166
" XXIV — O primeiro reinado. Da Guerra da Independencia á emancipação do Uruguay 169
" XXV — O primeiro reinado. Da Independencia do Uruguay até a abdicação 173
" XXVI — O segundo reinado. A regencia . . . 175
" XXVII — O segundo reinado. A maioridade. As luctas internas e externas 178
" XXVIII — O elemento indigena, a catechese e a situação actual dos indigenas 181
" XXIX — Historico das idéas republicanas no Brasil. 183
O Brasil actual. 189
As Datas Nacionaes. Os Symbolos da Patria; a Bandeira e o Hymno. 191
Letra do Hymno Nacional 199
Hymno da Bandeira 203

N. 2.525 — Officinas Graphicas da Livraria Francisco Alves

LEHAD
Historia
USP

Ana Maria
Camargo

Extracto do Catalogo da Livraria Francisco Alves

OLAVO FREIRE:

Arithmetica Intuitiva, curso elementar	2$500
" " curso medio	2$500
" " curso complementar	3$500
Noções de Geometria Pratica	4$000

ANTONIO TRAJANO:

Arithmetica Primaria	$500
" Elementar	2$000
" Progressiva	5$000

DUQUE ESTRADA:

Noções de Historia do Brasil	2$500
Leituras Militares	2$500
Chorographia do Brasil	3$000

O. DE SOUZA REIS:

Previdencia	3$000
Noções de Historia do Brasil	8$000
Seiscentas Expressões Fraccionarias	5$000

B. P. R.:

Leitura Manuscripta	2$000

FELICISSIMO FERNANDES:

Sciencias Naturaes e Physicas, curso elementar	2$000
Sciencias Naturaes e Physicas, curso superior	3$000

ARNALDO BARRETO:

Cartilha Analytica (Methodo de Palavração)	1$800
Cartilha das Mães (Methodo de Syllabação)	1$000
Leituras Moraes	2$000
Primeiras Leituras	2$000

JOÃO RIBEIRO:

Grammatica Portugueza, curso primario (1.º anno)	1$500
Grammatica Portugueza, curso medio (2.º anno)	2$500
Grammatica Portugueza, curso superior (3.º anno)	6$000

RAJA GABAGLIA e JOÃO RIBEIRO:

Exame de Admissão para os Gymnasios Portuguez — Historia do Brasil — Geographia — Arithmetica — Desenho e Morphologia Geometrica — Sciencias physicas e Naturaes	6$000

OLAVO BILAC:

Poesias Infantis	3$500

OLAVO BILAC e COELHO NETTO:

Patria Brasileira (Narrativas sobre a Historia do Brasil)	3$500
Contos Patrios	3$500
Theatro Infantil	3$500

OLAVO BILAC e MANOEL BOMFIM:

Atravez do Brasil	4$500